JAKELINE DE SOUZA COSTA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SÍRIA REFUGIADA EM CAMPO GRANDE/MS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/MS
2019

JAKELINE DE SOUZA COSTA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SÍRIA REFUGIADA EM CAMPO GRANDE/MS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Professora Dra. Sonia Grubits.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE/MS
2019

Ficha catalográfica

C837c Costa, Jakeline de Souza.

A construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande – MS: contribuições da psicologia ambiental 162 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS, 2019

Inclui Bibliografias

1. Crianças refugiadas – Síria – Campo Grande, MS. 2. Psicologia ambiental. 3. Identidade (Psicologia) em crianças.

CDD (23) **155.4123**

Bibliotecária responsável Jakeline de Souza Costa CRB1/3090

A dissertação apresentada por **JAKELINE DE SOUZA COSTA** , intitulada "**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SÍRIA REFUGIADA EM CAMPO GRANDE/MS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL**", como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi aprovada

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sonia Grubits - UCDB (orientadora)

Profa. Dra. Flaviany Aparecida Piccoli Fontoura – UEMS

Profa. Dra. Suzanir Fernanda Maia - UCDB

Campo Grande-MS, 19 de fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho ao meu amado esposo Mauricio por ter me acompanhado e ajudado em todos os passos.
À minha filha Lívia que esteve comigo no processo de elaboração deste trabalho desde a gestação.
A todos os refugiados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À minha orientadora Sonia Grubits pela forma atenciosa e competente de orientar, dando informações preciosas.

À Ana *shoukran* por me levar até as famílias sírias possibilitando que eu tivesse acesso às crianças participantes da pesquisa e por ter sido a tradutora/mediadora cultural.

À minha mãe, Livone, por ter ficado com minha filha sempre que precisei e ao meu pai, Rubens, meus irmãos Adma, João Rubens e Wélington por sempre terem acreditado em mim.

Aos meus amigos de todos os momentos Eder, Luciano e Lidiane, por me darem apoio sempre.

Aos meus colegas do Programa de Mestrado da UCDB Alessandra, Arilço, Camila, Clariane, Evelyn, Luciana (secretária do programa) e Luís Henrique com os quais sempre pude contar durante o mestrado.

À banca examinadora pela disponibilidade e valiosa contribuição.

Aos colegas do Laboratório de pesquisa: Psicologia da Saúde e Violência (LPPSV) e à UCDB por ter um Programa de Pós-graduação tão importante para o fortalecimento da Psicologia no Estado de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

A Guerra Civil na Síria, que teve início em 2011, forçou muitas pessoas a saírem do país. Entre elas crianças juntamente com seus familiares ou, em muitos casos, sozinhas. Conforme o relatório divulgado em 2017 pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), a Síria é o país com o maior número de refugiados reconhecidos no Brasil. O deslocamento forçado é uma condição difícil que impõe a adaptação em um novo país, que geralmente é muito diferente de seu país de origem. Assim, entendemos que compreender o processo de construção da identidade da criança síria refugiada é de suma importância. Os objetivos deste trabalho foram investigar o processo de construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande/MS; descrever os aspectos culturais, identitários e sociais presentes nos desenhos, a partir dos relatos das crianças e nas entrevistas com os pais; analisar os desenhos das crianças sírias refugiadas com referência na Psicologia Ambiental e apreender os aspectos relacionados à construção da identidade das crianças refugiadas participantes do estudo. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa tendo como método o estudo de caso. A pesquisa contou com a participação de cinco crianças de nacionalidade síria com idades de 08, 09, 11, 12 e 17 anos de duas famílias refugiadas. Utilizou-se o desenho, a entrevista semiestruturada e o registro em diário de campo como técnicas de coleta de dados. A Psicologia Ambiental (PA) foi a abordagem aplicada, pois esta estuda a pessoa no seu contexto, apresentando como temática central do seu campo de estudo as inter-relações das pessoas com o meio ambiente físico e social. Observou-se que a identidade das crianças aparece pautada ao fato de serem sírias e refugiadas, sendo representada por elementos como idioma, a guerra, a política, a questão dos refugiados, a religião, a cultura, a comida e a organização familiar. Os resultados alcançados também revelaram que elas ainda estão muito vinculadas ao país de origem, apresentando apego ao lugar e identidade de lugar de maneira marcante.

Palavras-chave: Crianças refugiadas - Síria - Campo Grande, MS; Psicologia ambiental; Identidade (Psicologia) em crianças.

ABSTRACT

The Civil War in Syria began in 2011 and forced many people to leave the country, among them children with their relatives or in many cases alone. According to the report released in 2017 by the National Committee for Refugees (CONARE), Syria is the country with the largest number of recognized refugees in Brazil. Forced displacement is a difficult condition that requires adjustment to a new culture and changes, which is generally very different from its country of origin. Thus, the understanding the process of building the identity of the refugee Syrian child is of paramount importance. The objectives of this work were to investigate the process of identity construction of the refugee Syrian child in Campo Grande, State of Mato Grosso do Sul (MS), Brazil; to describe the cultural, identity and social aspects present in the drawings, in the children's and reports about them and in the interviews with the parents; to analyze the drawings of the refugee Syrian children with reference in Environmental Psychology (EP) and to apprehend the aspects related to the construction of the identity of these children participating in the study. Five children aged 08, 09, 11, 12 and 17 with Syrian nationality from two refugee families participated. It was a group of children who lived in Campo Grande between three and four years and, therefore, remembered their country of origin and spoke the Arabic language. The research was enrolled in a qualitative approach and used the case study method. In this way, he used the drawing, the semi structured interview and the recording in field diaries as techniques of data collection. Environmental Psychology was the applied approach, since it studies the person in its context, presenting as the central theme of his field of study the interrelations of people with the physical and social environment. It was observed that the identity of the children is based on the fact that they are Syrians and refugees, represented by elements such as language, war, politics, refugee issues, religion, culture, food and family organization. The results also revealed that they are still very much linked to the country of origin by showing attachment to place and place identity in a remarkable way.

Keywords: Refugee children - Syria - Campo Grande, MS; Environmental psychology; Identity (Psychology) in children.

LISTA DE DESENHOS

Desenho 1. Criança C1: Casa..... 73
Desenho 2. Criança C1: Árvore..... 75
Desenho 3. Criança C1: Pessoa..... 77
Desenho 4. Criança C1: Família..... 78
Desenho 5. Criança C1: Animal..... 80
Desenho 6. Criança C2: Casa..... 82
Desenho 7. Criança C2: Casa 2..... 83
Desenho 8. Criança C2: Árvore..... 85
Desenho 9. Criança C2: Pessoa..... 86
Desenho 10. Criança C2: Família..... 88
Desenho 11. Criança C2: Animal..... 90
Desenho 12. Criança C3: Casa 1..... 93
Desenho 13. Criança C3: Casa 2..... 94
Desenho 14. Criança C3: Árvore..... 96
Desenho 15. Criança C3: Pessoa..... 99
Desenho 16. Criança C3: Família..... 100
Desenho 17. Criança C3: Animal..... 101
Desenho 18. Criança C4: Casa..... 103
Desenho 19. Criança C4: Árvore..... 105
Desenho 20. Criança C4: Pessoa..... 107
Desenho 21. Criança C4: Família..... 108
Desenho 22. Criança C4: Animal..... 109
Desenho 23. Criança C5: Casa..... 111
Desenho 24. Criança C5: Árvore..... 113
Desenho 25. Criança C5: Pessoa 1..... 114
Desenho 26. Criança C5: Pessoa 2..... 115
Desenho 27. Criança C5: Família..... 116
Desenho 28. Criança C5: Animal..... 117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da Guerra na Síria: Controle territorial 29
Figura 2. Fotografia de um bairro na Síria antes da guerra 73
Figura 3. Fotografia de prédios na cidade Síria de Aleppo 83
Figura 4. Fotografia de Cedro-do-Líbano 97
Figura 5. Fotografia de Porta de entrada Árabe tradicional 103
Figura 6. Fotografia de Mulher usando Chador 111

LISTA DE SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

ACLNR - Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados

CADH - Centro de Atendimento em Direitos Humanos

CERMA - Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado do Mato Grosso do Sul

CONARE - Comitê Nacional para Refugiados

DELEMIG - Delegacia de Imigração

EI - Estado Islâmico

IRO - Organização Internacional para os Refugiados – *International Refugee Organization*

LPPSV - Laboratório de Pesquisa: Psicologia da Saúde e Violência

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

SED - MS - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

SEDHAST - Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

ONU - Organização das Nações Unidas

PA - Psicologia Ambiental

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

TCLE - Termo de Colaboração Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 REFERENCIAL TEÓRICO 18
2.1 Contextualizando refúgio e refugiado 20
2.1.1 Legislação brasileira sobre refugiados 24
2.2 Breves considerações sobre o conflito na Síria 26
2.2.1 A população síria no Brasil e em Campo Grande/MS 30
2.2.2 A criança refugiada no mundo e em Campo Grande/MS 32
2.3 O processo de construção de identidade 33
2.4 O desenho como ferramenta de análise da identidade da criança: sua relação com a cultura e a sociedade 37
2.5 Psicologia Ambiental origens e conceitos 411
2.5.1 Espaço e lugar 477
2.5.2 Apropriação 488
2.5.3 A identidade de lugar 499
2.5.4 Apego ao lugar 522
3 OBJETIVOS E MÉTODO 533
3.1 Objetivo geral 544
3.2 Objetivos específicos 544
3.3 Aspectos metodológicos 544
3.3.1 Participantes e local de coleta de dados 566
3.3.2 Instrumentos 58
3.3.3 Procedimentos adotados para a coleta dos dados 59
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 622
4.1 Perfil dos participantes 633
4.2 Família A 633
4.2.1 Entrevista com os responsáveis 655
4.3 Família B 666
4.3.1 Entrevista com os responsáveis 68
4.4 Considerações gerais sobre os encontros e entrevistas com as duas famílias 69
4.5 As crianças e os desenhos 711
4.5.1 Criança C1 (Família A), 08 anos 722
4.5.2 Criança C2 (Família B), 09 anos 811
4.5.3 Criança C3 (Família B), 11 anos 911
4.5.4 Criança C4 (Família A), 12 anos 1022
4.5.5 Criança C5 (Família A), 17 anos 1100
4.6 Considerações sobre a criança refugiada em Campo Grande/MS 1188
4.7 A construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande/MS 1211
4.7.1 O idioma 1211
4.7.2 A cultura e a comida 1244
4.7.3 A religião 1277

4.7.4 A guerra, a política e a questão dos refugiados 12929
4.7.5 A organização familiar 1300
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 1311
REFERÊNCIAS 1355
APÊNCIDES 146
Apêndice A - Roteiro da entrevista com os responsáveis pela criança 147
Apêndice B – As propostas de desenhos para as crianças 148
Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido 149
Apêndice D – Ofício de solicitação de informação sobre crianças refugiadas matriculadas na Rede Estadual de Ensino 151
Apêndice E – Ofício de solicitação de informação sobre crianças refugiadas matriculadas na Rede Municipal de Ensino 152
Apêndice F – Ofício de solicitação de informação sobre a nacionalidade das crianças de 6 a 17 anos matriculadas na Rede Estadual Ensino 153
Apêndice G – Ofício de solicitação de informação sobre a nacionalidade das crianças de 6 a 17 anos matriculadas Rede Municipal de Ensino 155
Apêndice H – Ofício de solicitação de informação à Superintendência Regional no Mato Grosso do Sul da Polícia Federal sobre refugiados sírios residentes em Campo Grande – MS 156
ANEXOS 157
Anexo 1 - Declaração de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco 158
Anexo 2 – Pauta da reunião do CERMA do dia 20 de março de 2018 159
Anexo 3 - Resposta via e-mail da Secretaria Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – SED ao Ofício nº 1 160
Anexo 4 - Resposta via e-mail da Secretaria Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – SED ao Ofício Nº 3 161
Anexo 5 - Resposta via e-mail da Secretaria Municipal de Educação SEMED ao Ofício Nº 4 162

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno dos refugiados tem ganhado visibilidade no contexto atual devido a crescente saída de moradores de zonas de conflito e de guerra. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), são considerados refugiados pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Além disso, também aquelas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos (ACNUR, 2018).

A Guerra Civil na Síria, que teve início em 2011, forçou muitas pessoas a saírem do país, entre elas crianças juntamente com seus familiares ou, em muitos casos, sozinhas. Crianças menores de 18 anos correspondem a mais da metade da população refugiada no mundo (ACNUR, 2017). No Brasil, conforme o relatório divulgado em 2017 pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), as crianças com idade de 0 a 17 anos representou 20% dos refugiados reconhecidos em 2017. Ainda de acordo com esse relatório, são reconhecidos como refugiados no Brasil, de 2007 a 2017, 10.145 pessoas. A nacionalidade síria, com 2.771 reconhecidos, representa o maior número de refugiados no país nesse período (Ministério da Justiça, 2017).

O deslocamento forçado é uma condição difícil que impõe a adaptação em um novo país, que geralmente é muito diferente de seu país de origem. As crianças refugiadas são postas em uma situação angustiante que envolve a aprendizagem de uma nova língua, a assimilação de uma nova cultura do país de refúgio, a conviver com preconceitos da população dos países de refúgio por esta não entender o que é ser refugiado. Assim, entendemos que compreender o processo de construção da identidade da criança síria refugiada é de suma importância.

O objetivo geral desta dissertação foi compreender o processo de construção da identidade da criança síria refugiada na cidade de Campo Grande/MS. Em vista disso, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa fazendo uso do estudo de caso. O referencial teórico para análise dos dados se baseou na Psicologia Ambiental (PA) com algumas ponderações nos estudos culturais que trabalham identidade. A faixa etária da pesquisa se estendeu até os 17 anos porque seguimos os preceitos da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) que considera criança todo ser humano menor de 18 anos.

> A definição mais amplamente aceita do termo “criança” entre os Estados é dada pelo artigo 1º da Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, segundo o qual o termo compreende todo ser humano menor de 18 anos, excluindo-se aqueles emancipados

> conforme normas de direito interno aplicáveis. A maioria dos Estados-partes da Convenção de 1989 não opôs reservas a essa definição, incluindo o Brasil. Dessa forma, embora o Brasil tenha estabelecido, em seu direito interno, a distinção entre a criança (até 12 anos de idade) e o adolescente (entre 12 e 18 anos de idade), esse fato não altera a proteção autônoma conferida da Convenção sobre os Direitos da Criança, a todos menores de 18 anos (Valle, 2017).

Entendemos, também, que a articulação dos dados coletados com o enfoque teórico da Psicologia Ambiental (PA) seria adequada, pois ela retrata os sujeitos em seu contexto, priorizando sua inter-relação com o ambiente. De acordo com Jerônimo e Gonçalves (2008), o estudo do significado do espaço na PA implica uma compreensão ampla das interações psicossociais dos sujeitos com seus grupos, comunidades, culturas e com seus espaços geográficos. É com base nessas relações e interações que as pessoas se apropriam dos lugares, personalizando-os, deixando suas marcas e construindo suas identidades.

Torna-se relevante destacar que a PA aborda a questão da identidade de lugar, como referente ao local que esses sujeitos estão ou estiveram em determinado momento, tendo influência na sua identidade em um aspecto pessoal, mas que é moldado pelo meio, isto é, numa concepção do social.

Moser (1998) enfatiza a importância da história residencial do indivíduo para o processo de compreensão de sua identidade de lugar, para ele não se deve esquecer que é através de sua história residencial que o indivíduo constrói uma identidade residencial - conceito de *place-identity*, introduzido por Proshansky - sendo essa história responsável por influenciar a sua percepção e a avaliação da sua residência atual.

Neste estudo a concepção de identidade se refere à identidade como processo, como um movimento constante de diferentes e sucessivas identificações que se interpõem entre as pessoas em um jogo interminável de igualdade e diferença, de aproximação e distanciamento, propiciando, por meio dos traços e falas, que as pessoas vejam os iguais e os diferentes de si, tudo isso em um ambiente percebido por ela como outro lugar, que é diferente do seu (Wonsoski & Domingues, 2015).

Entendemos que para alcançar o objetivo deste estudo o desenho seria o instrumento mais adequado, por ser capaz de reproduzir a relação da criança com o outro, com o meio e apresentar uma realidade própria da criança, isto envolve as questões relativas à sua identidade. O interesse pelo desenho neste estudo não está somente na representação gráfica da criança, mas também da interpretação verbal do que ela desenha. Pois, como destaca

Ferreira (2003, p. 105), a interpretação do desenho da criança depende do olhar do intérprete, "o desenho da criança é o 'lugar' do provável, do indeterminado, das significações". Nota-se que a autora sinaliza a relevância de se considerar o que a criança tem para dizer sobre o seu traçado, para que haja a compreensão de seu significado. Dessa forma, perguntamos para as crianças participantes sobre os desenhos que elas haviam feito, para termos a compreensão do que elas estavam representando através deles.

O interesse pelo tema desta dissertação se deu a partir das reflexões nas aulas da Disciplina Temas em Psicologia VI – Psicologia Ambiental e Comunitária e no Laboratório de pesquisa: Psicologia da Saúde e Violência (LPPSV). Nesses encontros discutimos muitos temas atuais entre eles a questão dos refugiados, devido a conflitos étnicos, guerras, perseguições religiosas, catástrofes ambientais etc. Mas o que mais me marcou foi uma fala da professora Sonia Grubits sobre um trabalho em conjunto com o professor Arnold Groh em que ela teve a oportunidade de analisar alguns desenhos de crianças palestinas refugiadas em Berlim. Segundo ela os desenhos mostravam muitas questões identitárias e caso alguém se interessasse em estudar essa temática, a Psicologia Ambiental poderia ser uma teoria capaz de responder algumas questões sobre esses grupos que sofrem com o deslocamento forçado. Aceitei a sugestão e este estudo é o resultado.

A sistematização e análise ocorreu em quatro etapas: 1) aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); 2) visitas a instituições de assistência e acolhimento de refugiados, contato com a palestina Ana (tradutora e mediadora cultural deste estudo); 3) visita à Família A e visitas a Família B para entrevistas com os responsáveis e aplicação dos desenhos com as crianças participantes (C1, C4, C5 - Família A; C2, C3 - Família B); 4) visitas às secretarias municipal e estadual de educação para entrega de ofícios; 5) digitalização dos desenhos e documentos, digitação das entrevistas e conteúdo do diário de campo e respostas dos ofícios; 6) análise dos desenhos, das entrevistas, do conteúdo do diário de campo, das respostas dos ofícios e diálogo entre os resultados encontrados nas etapas anteriores com referencial teórico concernente.

Para alcançar o objetivo deste estudo foi necessário o entendimento de algumas problemáticas. Para tanto, o capítulo 2 traz a contextualização de refúgio e refugiado, a legislação brasileira sobre refugiados, breves considerações sobre o conflito na Síria, a população síria no Brasil e em Campo Grande/MS, o processo de construção de identidade, o desenho como ferramenta de análise da identidade da criança: sua relação com a cultura e a sociedade, a Psicologia Ambiental, suas origens e conceitos e, por fim, os conceitos da PA de espaço e lugar, apropriação, identidade de lugar e apego ao lugar.

O capítulo 3 apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos deste estudo, os aspectos metodológicos, incluindo os aspectos analíticos e os procedimentos adotados para a coleta de dados.

O capítulo 4 trata dos resultados e discussão. Em continuidade, o capítulo 5 traz as considerações finais que refletem tudo que foi discutido ao longo do trabalho.

A partir dos dados coletados notamos que o perfil das crianças sírias participantes era bastante semelhante às de famílias muçulmanas[1], vivendo em Campo Grande há pelo menos três anos, matriculadas na Rede Municipal ou Estadual de Ensino e falavam português. Quanto à trajetória das famílias, as duas famílias afirmaram que saíram da Síria devido à perseguição, mas não declararam ao certo se esta era por razão política ou religiosa. A questão política e religiosa apareceu tanto nos desenhos como nos discursos das crianças das duas famílias.

A identidade das crianças participantes do estudo aparece pautada ao fato de serem sírias e refugiadas, sendo representada por elementos como o idioma, a guerra, a política, a questão dos refugiados, a religião, a cultura, a comida e a organização familiar. Os resultados alcançados também revelaram que as crianças ainda estão muito vinculadas ao país de origem apresentando apego ao lugar e identidade de lugar de maneira marcante. Todos esses aspectos apresentaram influência sobre a maneira como essas crianças se percebem e se identificam.

[1] Muçulmano, nome dado aos seguidores do Islã, isto é, aquele que se submete de forma espontânea a Alá (Allah) e reconhece Muhammad como seu profeta. Além disso, o ser muçulmano consiste em estar coeso a uma série de práticas, obrigações e regras morais estabelecidas pelos ensinamentos do profeta, que é visto como modelo a ser seguido (Costa, 2016). Segundo Olic (2011), quando usamos o termo islâmico estamos nos referindo a uma religião. São sinônimos para islâmico os termos muçulmano e/ou maometano.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A estruturação deste capítulo traz as questões que considero importantes para o entendimento do objeto de pesquisa. Desta forma, primeiramente, faço um delineamento sobre refúgio e refugiado. Assim, trago a evolução histórica dos estatutos de proteção internacional e trato brevemente dos estatutos de proteção do Brasil. Neste mesmo item, trago um breve esboço sobre o conflito na Síria. Em seguida, trago considerações sobre o processo de construção de identidade, com base em Ciampa (1984, 2011), Hall (2003), Dubar (1997) e Bauman (2005), teóricos que trabalham identidade e são bastante utilizados quando se discute construção da identidade, em seguida falo sobre o desenho como ferramenta de análise da identidade da criança.

Por fim, apresento a Psicologia Ambiental (PA) e alguns conceitos que se apresentaram como os mais adequados para o delineamento da análise dos dados da pesquisa. Desta forma, são tratados os conceitos de espaço e lugar, apropriação, identidade de lugar e, por fim, apego ao lugar. Verificamos que a PA aparece sendo tratada por alguns estudiosos da área, como disciplina, mas reiteramos que nesta pesquisa ela foi abordada como teoria, visto que é considerada o campo de conhecimento que estuda a inter-relação do sujeito com o ambiente. Na compreensão de Evans (2005), a PA deve ser considerada uma abordagem científica porque é possível fazer mensurações válidas e confiáveis entre comportamento humano e o ambiente físico objetivo.

A PA nos pareceu a abordagem teórica mais pertinente para a pesquisa, pois apresenta conceitos que foram perceptíveis nos traços e falas das crianças e familiares. Percebemos que, para o refugiado, o lugar de origem é marcante para a sua estruturação no novo lugar e, no caso de refugiados árabes[2], que é o caso dos sírios, essa questão ainda é mais demarcada, visto que são povos com uma história de ligação às tradições.

Cabe destacar, no entanto, que as questões teóricas e conceituais, que utilizo como base para a análise sobre a construção da identidade dos participantes da pesquisa, estão presentes, principalmente, nos itens: "O processo de construção de identidade", "O desenho como ferramenta de análise da identidade da criança: sua relação com a cultura e a sociedade" e no item e subitens que tratam a PA, abordagem central da pesquisa.

[2] Quando usamos o termo árabe, estamos nos referindo a um povo, um grupo humano que tem a sensação de partilhar uma série de características históricas e culturais – como a língua, por exemplo. Assim, os povos árabes formam uma comunidade de pouco mais de vinte países, localizados em duas áreas principais: o Oriente Médio e o norte da África. Dos quinze países localizados no Oriente Médio, apenas três (Turquia, Irã e Israel) não fazem parte do chamado mundo árabe. Já na porção setentrional do continente africano, todos os cinco países – Egito, Líbia e os três países da região conhecida como Magreb (Marrocos, Argélia e Tunísia) – fazem parte do mundo árabe. Há ainda no continente africano pelo menos cinco países (Mauritânia, Sudão, Djibuti, Eritréia e Somália) onde é expressiva a influência da cultura árabe (Olic, 2011, p. 9).

2.1 Contextualizando refúgio e refugiado

De acordo com Agamben (2015), o fenômeno dos refugiados em massa surgiu no final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em razão da ordem demográfica e territorial da Europa centro-oriental ter sido arruinada pela queda dos impérios russo, austro-húngaro e otomano e, também, pelo surgimento dos tratados de paz, que estabeleceram uma nova ordem jurídica.

O instituto do refúgio teve sua origem estabelecida em três fases. A primeira entre os anos de 1920 a 1935, considerada uma abordagem jurídica em que os indivíduos eram reconhecidos como pertencentes a um grupo que necessitava de proteção. A segunda de 1935 a 1939, com uma abordagem social que estava fundada na prestação de assistência internacional para o referido grupo, por motivo de graves situações políticas e sociais até o momento enfrentadas. A última, de 1938 a 1950, que se inicia numa abordagem individualista, marcada pela análise de cada caso concreto para a concessão do refúgio (Hathaway, 1990).

Em 1938 a Noruega sugeriu que os organismos de proteção aos refugiados fossem unificados em um único órgão internacional. Desse modo, em dezembro do mesmo ano foi criado o Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados (ACLNR), que tinha sede em Londres, assim, a implementação do Instituto do Refúgio se deu, em um primeiro momento, por meio das atividades da Liga das Nações (Barichello & Araújo, 2014).

Em julho de 1945 se constituiu a Organização das Nações Unidas (ONU), cujos objetivos, dentre outros, eram manter a paz e a segurança internacionais, conseguir cooperação internacional a fim de atingir o desenvolvimento socioeconômico e o respeito aos direitos humanos. A Segunda Guerra marcou uma nova percepção de direitos humanos, em decorrência das atrocidades do holocausto, o que ensejou uma preocupação internacional com a dignidade humana. Nesse cenário, em 1948, a ONU instituiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que é um instrumento internacional responsável por consagrar os direitos humanos e constituiu um código de ação comum aos Estados (Piovesan, 2004).

A Liga das Nações foi desconstituída juntamente com o Alto Comissariado da Liga das Nações para Refugiados em decorrência da sua falha na prevenção da Segunda Guerra Mundial. Em vista disso, a comunidade internacional passou a buscar soluções de proteção dos refugiados e deslocados, dentre as quais se destaca a criação, em 15 de dezembro de 1946, da Organização Internacional para os Refugiados – International Refugee Organization (IRO), com entrada em vigor em 20 de agosto de 1948. Sobre isso pondera Barreto (2010, p. 14)

> Em 1946, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu alguns princípios, próprios da condição de refugiado: o problema do refúgio tem alcance e caráter internacional; um órgão internacional deve ocupar-se do futuro dos refugiados e pessoas deslocadas; e a tarefa principal consiste em estimular o pronto retorno dos refugiados a seus países e ajudá-los por todos os meios possíveis.

Paralelamente ao encerramento da IRO, já se estudava a criação de um sucessor e, também, objetivava-se a criação de critérios que fossem universalmente acatados. Desta forma, em 03 de dezembro de 1949, começou-se a tomar forma o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que teve seu estatuto aprovado em 14 de dezembro de 1950 (Barbosa & Hora, 2007).

Segundo Barreto (2010), em 1951, finalmente foi aprovada a Convenção sobre o Estatuto de Refugiados, conhecida como Convenção de 1951 das Nações Unidas.

> Em seu artigo 1º, a Convenção de 1951 define o termo refugiado como toda pessoa que, como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social e por suas opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa dos ditos temores, não queira recorrer à proteção de tal país; ou que, carecendo de nacionalidade e estando, em consequência de tais acontecimentos, fora do país onde tivera sua residência habitual, não possa ou por temor fundado não queira regressar a ele (Barreto, 2010, p. 15).

A definição da Convenção de 1951, estava limitada no espaço e no tempo, pois apenas se aplicava aos refugiados que passaram a ter tal condição como resultado dos acontecimentos ocorridos na Europa (reserva geográfica) antes de 1º de janeiro de 1951. Apesar de ser considerado um dispositivo de excelência, a Convenção de 1951 tinha esses dois problemas: a limitação temporal e a geográfica. Isso se deu devido ao momento específico da sua edição, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. Com essas limitações muitos países tiveram dificuldades em aplicar a Convenção de 1951. Numa tentativa de corrigir tal problema foi elaborado, em 1967, o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, no qual consta a omissão

das palavras "como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951", tornando, assim, aplicáveis seus dispositivos a casos futuros (Barreto & Leão, 2010).

Com o protocolo de 1967 houve uma ampliação da aplicação sem as limitações postas no texto da Convenção de 1951, como nos mostra Annoni (2018, p. 30):

> Com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967, o Estatuto dos Refugiados definiu os refugiados como aqueles que saem de seus países de origem por motivos de perseguições de raça, religião, nacionalidade, liberdade de expressão política ou questões sociais que não possam ou não queiram voltar de onde vieram.

Em 1984, mais uma vez tentando dar amplitude aos dispositivos da Convenção de 1951, foi assinada a Declaração de Cartagena[3] que trazia, além das hipóteses normais de reconhecimento da condição de refugiados, que os países deveriam incorporar aos seus ordenamentos jurídicos o conceito de refugiado, também, à toda pessoa que tivesse fugido de seu país porque a sua vida, segurança ou liberdade foram ameaçadas pela violência generalizada, agressão estrangeira ou conflitos internos, violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública. Pode-se dizer que a Declaração de Cartagena deu um caráter atual ao tema do refúgio, que hoje está mais vinculado aos temas tratados nessa Declaração do que aos previstos na Convenção de 1951, pois tornou a Convenção mais ampla e flexibilizou de maneira positiva o conceito de refugiado (Barreto & Leão, 2010).

Atualmente a ACNUR entende que refugiados são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados à sua raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Também são consideradas refugiadas aquelas pessoas que foram obrigadas a deixar seus países devido a conflitos armados, violência generalizada e graves violações dos direitos humanos (ACNUR, 2018).

---

[3] A Declaração de Cartagena é importante visto que inclui elementos que ligam as três correntes de proteção internacional – direito humanitário, direitos humanos e direitos dos refugiados – na legislação, interpretação e operação. A Declaração de Cartagena sobre Refugiados (1984) foi resultado dos encontros de representantes governamentais e especialistas de dez países latino-americanos em Cartagena de Indias, Colômbia, para considerar a situação dos refugiados na América Latina. Ela estabeleceu os conceitos básicos dessa questão no campo dos direitos humanos e lançou o termo "violação maciça de direitos humanos" como elemento da definição mais ampla de refugiado. Na ocasião do décimo aniversário da Declaração de Cartagena, a Declaração de San José sobre Refugiados e Pessoas Deslocadas (1994) forneceu mais uma compreensão inovadora acerca da proteção específica de deslocados internos ao afirmar que o deslocamento é causado principalmente pela violação de direitos humanos, reconhecendo claramente convergências entre os sistemas internacionais de proteção da pessoa humana e enfatizando sua natureza complementar (Barreto & Leão, 2010).

Vemos que essa conceituação traz a questão da violação dos direitos humanos no seu texto, o que é extremamente relevante, pois os refugiados geralmente estão em busca de segurança para a sua sobrevivência. É o que destaca Annoni (2018), ao afirmar que refugiar-se é encontrar em outro país a segurança e o amparo legal de proteção dos direitos humanos; é procurar melhores condições humanitárias para viver melhor, condições estas que seu país de origem recusou a partir do momento em que propagou perseguições em massa por motivos de religião, opinião política, guerra, gênero, raça ou disputas por poder.

Para compreender a situação dos refugiados é importante entender que o refúgio é uma migração forçada. De acordo com Grinberg e Grinberg (1996) os refugiados tiveram que fugir do seu país para garantir a sua sobrevivência, o que remete para a impossibilidade de regressar. Assim, seu discurso é marcado pelo medo e ameaça à sua integridade física e psicológica. Isto posto, percebe-se que a sua partida não foi fundada na necessidade de melhorar de vida, mas sim na necessidade de fugir para ter chance de sobreviver. Geralmente essa partida acontece de maneira precipitada e abrupta, inviabilizando a despedida, a angústia pelos que ficaram é intensamente sentida.

Quando se busca compreender sujeitos em situação de refúgio e, no caso, sua identidade, é necessário ter a compreensão do que essa população vivencia no que diz respeito a aspectos de mudança de vida, pois ela tem o desafio de assimilar um mundo novo muito diferente ao qual estava acostumada. A adequação ao novo ambiente é a única chance de seguirem em frente, suas identidades devem ser construídas a partir do que é dado como alternativa de reconstrução de suas vidas.

Sobre isso discute (Martins-Borges, 2013, p. 152-153):

> Os refugiados, pelo caráter involuntário e repentino de seu deslocamento, transportam consigo muito pouco do que até então caracterizava sua identidade: hábitos, relações, status profissional e social, residência. Essas partidas não-planejadas, e muitas vezes não-desejadas, são frequentemente tomadas por um sofrimento psicológico diretamente ligado ao traumatismo ao qual foram submetidos no período pré-migratório e migratório (violências diversas, tortura, testemunhas e vítimas de massacres, morte de parentes, amigos, etc). Quando nos referimos aqui ao caráter involuntário dessa categoria de migração, salientamos que o refugiado - contrariamente ao migrante voluntário -, além de não ter planejado sua partida, também não planejou sua transição entre o país de origem e o de acolhida, além de não ter se projetado nesse novo lugar. Essa distinção não deve ser considerada apenas

> como um detalhe que distingue os dois tipos de migração. Nessa distinção também estão implícitas outras diferenças. Dentre elas, deve-se destacar o tipo de trabalho psíquico que o processo de migração involuntária exigirá da pessoa, assim como o impacto desse trabalho sobre a saúde mental do refugiado.

Indursky e Conte (2015) aduzem que o refugiado vive suspenso entre mundos, entre o cá e o lá, e a esta condição está implícito um desenraizamento subjetivo que prejudica a possibilidade identitária face ao país de acolhimento. Sendo assim, de acordo com Kirmayer (2003), pessoas refugiadas têm a necessidade de criar uma ligação entre os dois mundos. Porém, esses mundos são muito diferentes e, por consequência, difíceis de relacionar. Logo, apresentam dificuldades de se identificar e se representar nesse novo lugar (Martins-Borges, 2013).

Desse modo, o refugiado tem sua vida dividida em duas: a do país de refúgio e a de seu país de origem. A do país de refúgio é a vida de um sobrevivente que se sente grato por ter escapado e por estar, em alguns casos, com seus familiares, mas que, ao mesmo tempo, sente a angústia das mudanças e da reconstrução em um país diferente. A vida do país de origem é a que ele vive todos os dias quando fica em busca por notícias dos familiares que ficaram, é a representação de quem ele é pelos seus hábitos, cultura, religião etc. Ou seja, é o sentimento de pertencer a um lugar mesmo não estando fisicamente nele.

2.1.1 Legislação brasileira sobre refugiados

O Brasil é signatário da convenção de 1951 e da Declaração de Cartagena. Também têm sua própria lei sobre refúgio:

> O Brasil decidiu aprovar sua própria lei sobre refúgio, que vige em consonância técnica e jurídica com a Convenção de 1951. A aprovação da lei transmite regras mais claras e mais diretas aos órgãos da administração pública. Mostrou-se eficaz para maior envolvimento do Brasil com o tema do refúgio que vige em consonância técnica e jurídica com a Convenção de 1951 (Barreto & Leão, 2010, p. 16).

Com a aprovação do Estatuto dos Refugiados em 1997, Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997 (Brasil, 1997), o Brasil tem avançado em relação à legislação sobre refugiados. O Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE considera que a política brasileira para o

acolhimento de refugiados progrediu expressivamente nas últimas duas décadas, especialmente após a promulgação desse Estatuto. Essa lei instituiu as normas aplicáveis aos refugiados e aos solicitantes de refúgio no Brasil e criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) – órgão responsável por analisar os pedidos e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado, assim como por orientar e coordenar as ações necessárias à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados. A lei brasileira é reconhecida como uma das mais avançadas sobre a temática, tendo servido de modelo para alguns países da América Latina (Ministério das Relações Exteriores, 2017).

Mas, apesar dessa legislação ser considerada uma das mais avançadas sobre o tema, infelizmente, não é o que procede na realidade prática da população refugiada quando busca a regularização no país. É o que nos alerta Silva (2013, p. 263):

> Em que pese o discurso oficial do governo de que somos um país historicamente hospitaleiro, com uma legislação avançada sobre refugiados, elogiada pela comunidade internacional. Tal discurso não se reflete na prática contemporânea em relação ao recebimento e acolhimento de refugiados nos estritos parâmetros das convenções internacionais e de sua própria legislação.

Outro avanço no sentido de proteção aos estrangeiros e refugiados no Brasil foi a promulgação da Lei nº 13.445, sancionada em maio de 2017 e que entrou em vigor em novembro do mesmo ano. Essa lei revogou o Estatuto do estrangeiro - Lei 6.815 de 19 de agosto de 1980 (Brasil, 1980). A Lei 13.445 (Brasil, 2017) garante ao imigrante, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Também, institui o visto temporário para acolhida humanitária, a ser concedido ao apátrida ou ao nacional de país que, entre outras possibilidades, encontre-se em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos – situação que possibilita o reconhecimento da condição de refugiado, segundo a Lei nº 9.474, art. 1º, III (Brasil, 1997).

Conforme Annoni (2018), a Lei 13.445 é vista com bons olhos pelos defensores dos direitos humanos, porque transpõe a visão negativa, retrógrada e discriminatória que era passada pelo Estatuto do estrangeiro, Lei 6.815/80 (Brasil, 1980), a qual via o imigrante como um invasor ao interesse nacional.

2.2 Breves considerações sobre o conflito na Síria

O conflito que acontece na Síria é complexo e envolve muitos grupos. Os rebeldes contra o governo, as forças armadas sírias e demais instituições, como o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), as coalizões externas que atuam ativa e diretamente na guerra civil e alguns extremistas[4], como o Estado Islâmico (EI) e a Frente al-Nusra (Soares, 2018).

O início do conflito, contudo, remonta a tomada da presidência por Hafez al-Assad, pai do atual presidente sírio Bashar al-Assad, há 40 anos. Quando em 1970 assumiu o poder que abriu as portas para que muitos *alauítas* (crença pré-maometana, que representa 12% da população síria) assumissem postos chave no governo. Desde então, a questão do credo e do poder executivo se explicitou (Smith, 2008 citado por Soares, 2018). "Essa atuação não se alterou em 2000 quando Bashar substituiu seu pai" (Soares, 2018, p. 1).

O ambiente para o conflito atual começou a se engendrar em Daraa, uma pequena cidade no sul do país, local em que as manifestações, motivadas pelos ideais da Primavera Árabe - movimentos reformistas pró-democracia no Oriente Médio - foram intensamente reprimidos pelo governo. Essas manifestações foram ganhando força e atingiram os grandes centros urbanos do país: "a capital Damasco e a cidade de Aleppo. O governo reagiu com firmeza, enviando unidades blindadas do Exército para reprimir os protestos e cercando os redutos da oposição com o corte de água e eletricidade" (Pereira, 2014, p. 45).

Em março de 2011, jovens foram presos e torturados após terem sido detidos por pichar um muro com mensagens que veiculavam *slogans* revolucionários. O fato desencadeou uma série de protestos em todo país que foram acompanhados por uma repressão violenta por parte do Estado (Soares, 2018).

> A história da guerra síria começou em março de 2011, quando a população do país tomou a Primavera Árabe como inspiração para protestar contra o presidente Bashar al-Assad e reivindicar reformas constitucionais que pudessem levar o país à uma maior abertura política. Embora o presidente tivesse feito concessões, como encerrar o estado de emergência que já durava 48 anos, aprovar uma nova constituição e realizar eleições multipartidárias, ele se recusou a renunciar. Os protestos ganharam força e a repressão também, e com o passar dos meses se transformou em guerra civil. (Junskowski, 2017, p. 9).

[4] Grupos extremistas utilizam a violência política e o terrorismo, são representantes desses grupos a Al Qaeda, o Hezbollah e a Gammaa al-Islamiya (Lasmar, 2015).

Na Guerra na Síria atuam vários grupos, os quais explicitaremos a seguir. As forças do Governo Sírio são, fundamentalmente, as forças armadas que se mantiveram leais ao atual regime do presidente alauíta Bashar al-Assad, que tem apoio dos governos russo e iraniano e do partido libanês Hezbollah. Os grupos rebeldes são diluídos por todo o país e, em sua maioria, carregam o objetivo comum de retirar o presidente Assad do poder. Um dos principais grupos rebeldes é o Exército Livre da Síria, formado por civis e militares desertores que, além de lutarem por uma transição pacífica e democrática do poder, também são atores fundamentais na luta contra o Estado Islâmico, mantendo diversas regiões libertas. Estima-se que deve haver aproximadamente 100 mil combatentes rebeldes, alguns com forte tendência extremista e com vinculações com a Al-Qaeda. Já os grupos moderados[5] têm o apoio, sobretudo, dos Estados Unidos da América (EUA). Existe, ainda, o Conselho do Comando Revolucionário, entidade que tenta unificar às facções e acabar com as divergências de mais de 70 grupos rebeldes sírios (Soares, 2018).

Conforme Benotman, (2014, citado por Soares, 2018), atua também na Síria a Jabhat Fateh al-Sham, também conhecida como Frente al-Nusra, que é uma organização jihadista salafista opositora às forças do governo sírio, tendo como objetivo consolidar um estado islâmico no país.

Os curdos são a maior etnia sem território próprio, por esse motivo, é compreensível que uma das reivindicações do grupo seja a constituição do Curdistão – região que ultrapassa diversas fronteiras - o que implicaria na perda de território por parte de outros países. A reinvindicação por autonomia por parte dos curdos enfrenta forte oposição da Turquia, país que possui a maior concentração de curdos do mundo (Soares et al., 2017).

Na Síria, a área curda conhecida como Rojava se situa no norte do país, na fronteira com a Turquia, e abriga mais de 300 mil curdos-sírios que se dividem em mais de 30 facções. Também aparecem como importantes atores no jogo geopolítico as elites tribais, mas seus objetivos são mais localizados e se contrapõem entre si, já que as lideranças se dividem entre xiitas e sunitas[6]. Enquanto os xiitas se preocupam em controlar as ameaças dos extremistas sunitas, as tribos sunitas têm como objetivo sustentar seu controle territorial. Além do mais,

[5] As milícias da chamada oposição moderada são, em muitos casos, também guiadas pela ideologia sunita ou procuram uma visão religiosa para o futuro do país, frequentemente menos extremista do que a do EI ou da Al-Nusra (Aid to the Church in Need, 2015?).

[6] A religião islâmica apresenta algumas divisões, com destaque para os xiitas e sunitas. A cisão ocorreu há muitos séculos e esteve associada à sucessão de Maomé. Do ponto de vista político, essa divisão tem sido uma fonte de tensões religiosas (Olic, 2011).

eles têm apoios internacionais diametralmente opostos. Os xiitas são apoiados pelo Irã, em contrapartida os sunitas pela Arábia Saudita (Soares, 2018).

Outro grupo atuante que desperta temor da população e ocasiona destruição por onde passa é o Estado Islâmico[7] (EI). Esse grupo ganhou força em 2014 e continua avançando e ocasionando o caos em partes do Iraque e da Síria, eles fazem suas campanhas via Internet e tem expulsado um grande número de pessoas dessas regiões.

> A atuação do Estado Islâmico no cenário da guerra civil síria ganhou projeção em 2014, quando o grupo se aproveitou do caos e tomou controle de grandes áreas na Síria e no Iraque, proclamando a criação de um califado. O principal objetivo do grupo era expandir o califado, para assim manter a sua capacidade de operar no território sírio (Soares, 2018, p. 3).

Alguns estudiosos consideram o conflito sírio como uma nova Guerra Fria, justamente pelas influências e interesses contrários dos Estados Unidos e da Rússia. Contudo, outros países atuam na guerra e se dividem entre os blocos de apoio e oposição ao governo de Assad, como a Turquia, Arábia Saudita, França, Reino Unido, Irã, Qatar e outros Estados árabes. A oposição ao governo sírio se resume aos países de maioria sunita, como Arábia Saudita que faz parte da coalização contra o Estado Islâmico liderada pelos Estados Unidos. Em meio a tudo isso há, ainda, a ação da Arábia Saudita e do Irã. O governo saudita já deixou claro que é de extrema importância tirar Bashar al-Assad do poder. Consequentemente, a Arábia Saudita é um dos maiores fornecedores dos rebeldes, até mesmo, dos grupos mais radicais, discordante da postura dos Estados Unidos (Soares, 2018).

De outro lado, há países como o Irã, de maioria xiita, que se alinharam à Rússia no apoio ao governo sírio. Os iranianos entendem que a manutenção de Assad no governo é chave para brecar a influência de seu rival na região, os sauditas. Nessa lógica, o Irã se posicionou contra os insurgentes sunitas que se opõe ao governo de Assad (Soares, 2018).

Notamos que a guerra da Síria tem vários atores e, como toda guerra, o conflito está pautado por disputa de interesses. E quem mais sofre é a população civil que morre, perde suas casas, fica impossibilitada de seguir sua vida, pois o país se encontra em um caos,

[7] O Estado Islâmico (EI), conhecido por Daesh e ISIS, também faz parte das forças rebeldes que combatem o governo de Bashar al-Assad. O grupo segue o salafismo, que se trata de um movimento islâmico surgido no século XIX e em expansão atualmente. Os que seguem essa doutrina, na contemporaneidade, defendem um retorno à pureza ideológica e às tradições do Profeta Maomé, um islã das origens, com uma aplicação estrita da sharia, a "lei divina". Os salafistas percebem a democracia e a modernidade ocidentais como "irreconciliáveis com o islã" e "poluidores da civilização árabe" (Junskowski, 2017, p.10).

estruturalmente e politicamente, além de ser um lugar perigoso para expor qualquer concepção ideológica ou religiosa. Isso impõe que várias pessoas deixem o país e se tornem refugiadas.

A Figura 1 ilustra o mapa da Guerra na Síria, mostrando os lugares em que o Regime de Bashar al-Assad e os principais grupos opositores dominam.

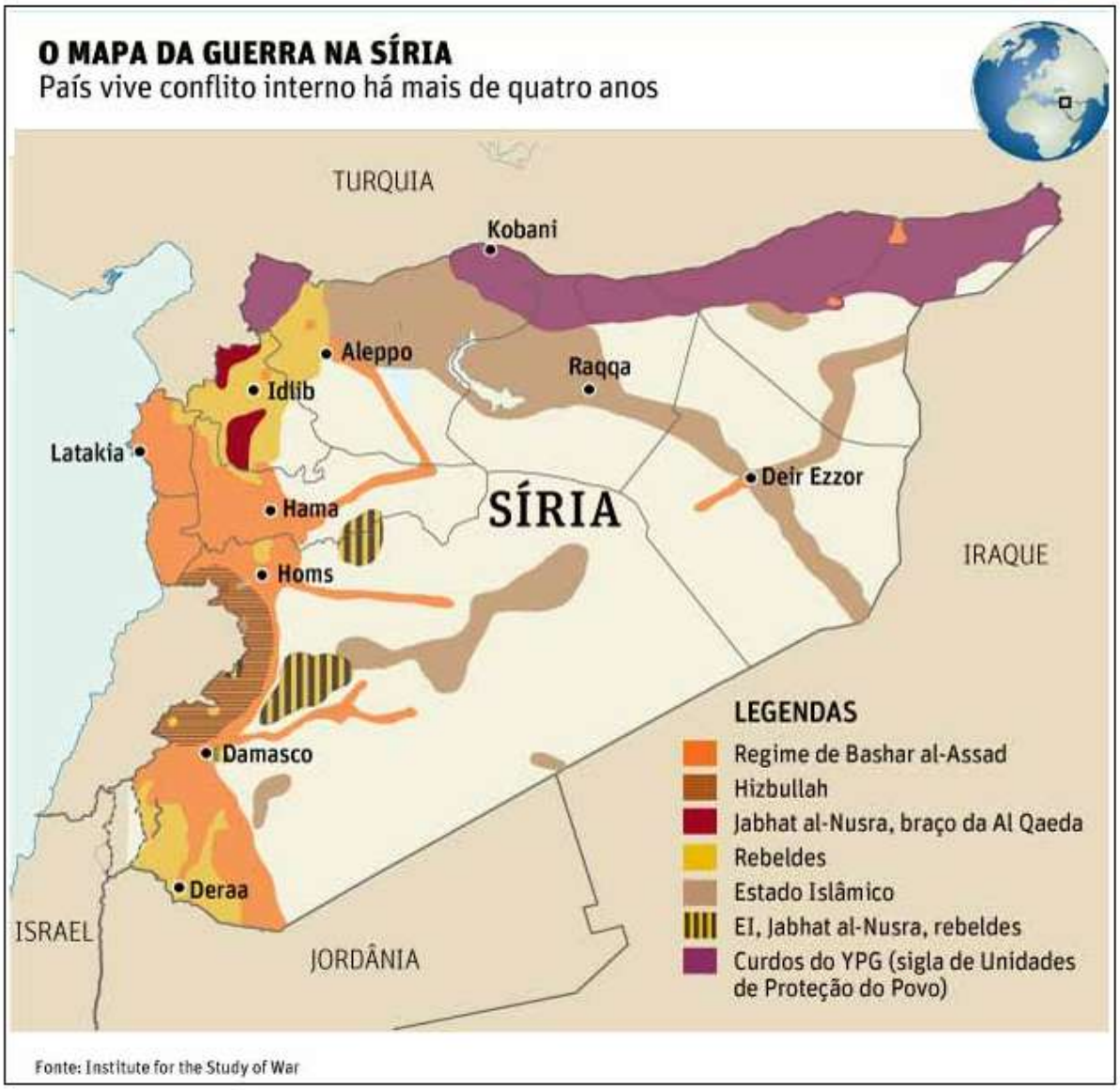


Figura 1. Mapa da Guerra na Síria: Controle territorial
Fonte: Cavok (2018).

2.2.1 A população síria no Brasil e em Campo Grande/MS

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, tem uma significativa colônia sírio-libanesa estabelecida no Estado como resultado de um processo migratório mundial, que teve como início o fim do século XIX, o ano de 1880, mais exatamente (Fersan, 2007).

No final do século XIX o Oriente Médio era controlado pelo Império Turco-Otomano, com o avanço das potências imperialistas europeias esse Império começou a desmembrar-se. A França, a Inglaterra, a Alemanha e a Itália se interessaram por esse Oriente na tentativa de dominar a terra, investindo em infraestrutura e realizando empréstimos ao Estado Turco, aliando-se a uma elite interessada na produção para o mercado externo. Nessa época, muitos árabes sírio-libaneses cristãos começaram a vir para a América fugindo de perseguições religiosas por parte das autoridades turcas, que eram teocraticamente islâmicas (Souza, 2009).

Quando iniciou a Primeira Guerra, em 1914, nacionalistas árabes se aliaram à França e Inglaterra, contra os turcos, na luta por independência em relação ao Império Otomano, entretanto os franceses e os ingleses ocultamente fizeram o acordo de Sykes-Picot[8] em 1916 no qual dividiram o Oriente Médio em protetorados. Para a França, ficaram a Síria e o Líbano, para a Inglaterra a região da Palestina e o Iraque. Nesse período, muitos árabes que estavam envolvidos nas lutas nacionalistas, emigraram em razão das perseguições políticas e militares turcas.

Outros fatores, além dos políticos e religiosos, motivaram a emigração de árabes sírios e libaneses do Oriente Médio, dentre os quais se destaca a estrutura da repartição social da terra. As famílias que eram na sua maioria numerosas não tinham condições de repartir os lotes, deixando as novas gerações do início do século XX numa situação de despossuídos e desempregados. Isso levou muitos homens, quase sempre jovens, a emigrarem. O fato de muitos investidores estrangeiros implantarem melhorias em transportes e comunicações, como estradas de ferro, navios a vapor, telégrafos e automóveis permitiu que pessoas pobres pudessem juntar algum dinheiro para viajarem em direção a outros locais a fim de tentarem melhorar suas vidas (Truzzi, 1997).

[8] O acordo previa que os territórios do Oriente Médio pertencentes então ao Império Otomano seriam administrados da seguinte forma: i) um mandato internacional sobre a maior parte do que hoje são os Territórios Ocupados e Israel; ii) uma zona de controle direto francês sobre o que atualmente é o Líbano, o litoral da Síria e o sul da Turquia; iii) uma zona de influência francesa sobre a maior parte do que hoje é a Síria e o oeste do Iraque; iv) controle britânico direto de um território que se estendia de Bagdá, passava por Basra e chegava até o atual Kuwait, além de incluir uma estreita faixa de terra que liga o Kuwait ao oeste da Península Arábica; e v) uma estreita faixa de influência britânica que se estenderia desde o território que corresponde hoje à Jordânia e ao sul de Israel até terras persas, e que ao mesmo tempo acompanhava o trajeto do controle direto britânico pela esquerda do mapa, até o sul da Península Arábica (Schiocchet, 2011, p.50).

Os primeiros sírio-libaneses a emigrarem iam para os Estados Unidos, mas como não conseguiam suprir as exigências legais americanas começaram a vir para o Brasil, que com o tempo torna-se o destino pretendido.

> Em sua maioria os primeiros sírio-libaneses direcionavam-se para o norte, nos Estados Unidos, mas muitos começaram a desembarcar no Brasil por não conseguir fazê-lo naquele país, pois temiam não conseguir cumprir as exigências legais norte-americanas como higiene e documentos. Obviamente com o tempo as lacunas de desconhecimento geográfico foram sanadas e o Brasil passou a ser um objeto real de viagem, mesmo porque os que chegaram primeiro iam trazendo outros, bem como mantendo comunicações que esclareciam as localizações, embora isso não fosse uma matéria pública (Souza, 2007, p. 27).

Corumbá recebe a primeira leva de sírio-libaneses chegados no Estado de Mato Grosso do Sul entre o final do século XIX e início do XX, em virtude da propícia localização e do convidativo comércio internacional, embora o destino inicial na América do Sul era o Porto de Santos, SP, e também a Argentina (Oliveira, 2001).

Em 1905 começou a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). O impacto econômico da ferrovia aconteceu aos poucos, mas não demorou muito. Com o término, em 1914, do trecho Bauru-Porto Esperança, passando por Três Lagoas, Campo Grande, Aquidauana e Miranda, assiste-se a uma transferência de hegemonia econômica da cidade de Corumbá para Campo Grande, que passa a ser o principal centro comercial da região, recebendo mercadorias diretamente de São Paulo. Mais tarde, a partir de fins dos anos 30, a NOB foi acabada, seus trilhos foram prolongados de Porto Esperança até Corumbá. No mesmo período, foi construído o ramal de Ponta Porã que partia da estação de Indubrasil, próxima a Campo Grande (Queiroz, 1999).

Atualmente Campo Grande tem uma população de descentes árabes, entre eles sírios, relativamente grande, como resultado do processo migratório já discutido. Conforme Brandino (2015) de 2011 até 2015, mais de 2 mil sírios chegaram ao Brasil. Assim, verificamos que com o início da Guerra na Síria em 2011, Campo Grande volta a receber novamente sírios, mas agora como refugiados.

2.2.2 A criança refugiada no mundo e em Campo Grande/MS

De acordo com a legislação brasileira, a criança refugiada é aquela que foi obrigada a deixar seu país de origem devido a um fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social ou pelas opiniões políticas de seus familiares, ou ainda por ter sido obrigada a sair de seu país devido a conflitos armados, violência e violação generalizada de direitos humanos (IKMR, 2016).

A população de crianças e adolescentes corresponde a praticamente metade da população total de refugiados. Esse grupo deve desfrutar da proteção internacional aos refugiados, da assistência material e das soluções duráveis, mas para que elas estejam de acordo com suas necessidades especiais o grupo também deve ter seus direitos fundamentais, como direito à vida, à liberdade, à educação, à água e à saúde, à segurança pessoal e a garantia contra tortura, tratamentos desumanos ou degradante, respeitados (Sinus, 2009).

Conforme as estimativas da Polícia Federal, dentre todos os migrantes residentes no estado de Mato Grosso do Sul, somente em Campo Grande, a capital, moram cerca de quatro mil seiscentos e sessenta e um migrantes (4.661), com uma tendência de crescimento (Estado de Direito, 2017). Dentre esses migrantes muitos são crianças menores de 17 anos de países de onde vêm pessoas que pedem refúgio no Brasil, como Síria, Venezuela, Palestina, Haiti e Colômbia[9].

Porém, não é possível obter informações específicas sobre crianças refugiadas em Campo Grande, pois existe uma compreensão, por parte dos órgãos brasileiros, de não especificar essa condição para preservá-los de estigmatizações e preconceitos por parte da comunidade local.

> De qualquer maneira, seguindo nesta linha de combate á discriminação, a Defensoria Pública da União (DPU) também produziu um Ofício de Direitos Humanos e Tutela Coletiva de recomendação à Polícia Federal de que o termo "refugiado" deve ser retirado dos cartões de identificação, substituído pela expressão "Residente – Lei 9474/1997". Para assim preservá-los de preconceitos derivados da interpretação

[9] Conforme a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED) estão matriculados na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande, MS, em agosto de 2018, 200 alunos com idade até 17 anos com nacionalidade estrangeira. Essas crianças são da Argentina (5), Bolívia (15), Colômbia (2), Equador (1), Espanha (8), Estados Unidos (12), Filipinas (2), Inglaterra (5), Irlanda (1), Itália (3), Japão (83), Nova Zelândia (1), Palestina (1), Paraguai (22), Peru (1), Portugal (31), República do Haiti (4), Suriname (1), Venezuela (2). Segundo a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) no ano letivo de 2018, o Sistema de Cadastro de Informações Gerenciais da Rede Municipal de Ensino/SIGER possui dois alunos estrangeiros de nacionalidade Síria.

> equivocada da nomenclatura refugiado no país, que na língua portuguesa remete ao termo "foragido". Uma medida que foi providenciada posteriormente pelo Departamento de Polícia Federal e o CONARE em relação à identificação dos refugiados, de modo a ampliar direitos e garantias, procurando evitar uma possível estigmatização por parte da comunidade local (Silva, 2013, p. 172).

Sabemos, entretanto, que esse grupo existe na cidade, pois várias famílias que chegam a Campo Grande trazem seus filhos. A imigração é angustiante para quem a vivencia, mesmo em situações de não fuga. No caso de refugiados a experiência dessa mudança ainda tem o agravante da saída do seu país de origem por medo ou perseguição, o que torna o processo de mudança algo mais traumático. Para a criança esse evento pode representar algo doloroso e difícil, pois terão que reconstruir suas vidas em um ambiente totalmente novo e estranho. Assim, as crianças refugiadas são postas em uma situação angustiante, que lhes cobra adaptação, aprendizagem de uma nova língua e assimilação de uma nova cultura. Desse modo, percebemos que compreender o processo de construção da identidade de crianças que vivenciam o refúgio é de suma importância.

2.3 O processo de construção de identidade

Nesta pesquisa a concepção de identidade se refere à identidade como processo, como um movimento constante de diferentes e sucessivas identificações que se interpõem entre as pessoas em um jogo interminável de igualdade e diferença de aproximação e distanciamento, propiciando, por meio dos desenhos e falas, que as pessoas vejam os iguais e os diferentes de si, tudo isso em um ambiente percebido por ela como outro lugar, que é um espaço diferente do seu. Para tanto nos apoiamos nos estudos culturais que trabalham identidade nesta perspectiva. Destacamos a importância das contribuições da Psicologia Ambiental (PA) para a compreensão da identidade das crianças participantes com seus conceitos que retratam a construção da identidade nos lugares e espaços, destarte, as considerações sobre identidade na PA estão no subitem 2.5.2.

Diante dessa percepção sobre a construção da identidade como processo e movimento, e compreendendo a identidade como uma temática complexa que é discutida na Filosofia, na Sociologia, na Antropologia e na Psicologia, buscamos construir esse item baseado nos teóricos que abordam a identidade sob essa ótica.

Os estudos sobre identidade devem considerar dois aspectos a sua interdisciplinaridade e sua definição. Sobre o primeiro, nota-se que o termo identidade está em diversas ciências, sendo discutida por vários autores. Contudo, quando o sujeito se torna a discussão preponderante, tornam-se sutis as fronteiras entre as tradições científicas. E sobre o segundo aspecto pondera-se que não há uma definição concordante sobre identidade. Apesar disso, alguns autores fizeram interessantes desenvolvimentos sobre o tema (Wonsoski & Domingues 2015).

Dessa forma, dando seguimento aos estudos sobre identidade na perspectiva de processo de reformulação e mudança, iniciamos com Ciampa (2011) que a compreende como metamorfose, ou seja, a identidade está em constante transformação e consiste no resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos.

Nessa perspectiva, a identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. Personagem esta que, para o autor, é a experiência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura. Representa-se a identidade de alguém pela objetivação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As distintas formas de se compor as personagens resultam diferentes modos de elaboração identitária. Assim sendo, identidade é a articulação entre igualdade e diferença, é movimento. Ou seja, só posso comparecer no mundo frente a outrem efetivamente como representante do meu ser real, quando ocorrer a negação da negação, entendida como deixar de presentificar uma apresentação de mim que foi cristalizada em momentos anteriores – deixar de repor uma identidade pressuposta – ser movimento, ser processo, ou para utilizar uma palavra mais sugestiva, se bem que polêmica, ser metamorfose (Ciampa, 1984, p. 70).

Hall (2003) na obra "A identidade cultural na pós-modernidade" distingue as três concepções de identidade, a saber: a do sujeito do Iluminismo; a do sujeito sociológico; e a do sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa compreensão da pessoa humana como um indivíduo integralmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Esse sujeito era dotado de um "centro" que consistia em um núcleo interior que emergia com o nascimento e com ele se desenvolvia. O centro fundamental do eu era a identidade de uma pessoa (Hall, 2003).

A identidade na percepção sociológica preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior", isto é, entre o mundo pessoal e o mundo público. Assim, projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e

valores, tornando-os parte de nós. A identidade, logo, sutura o sujeito à estrutura, tornando tanto os sujeitos, quanto os mundos culturais em que estes vivem, mais estáveis, tornando-os mais unificados e prováveis (Hall, 2003). Ainda de acordo com o autor, são exatamente essas questões que estão se modificando:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (Hall, 2003, p.12).

Em consonância com Hall (2003) esse processo produz o sujeito pós-moderno, entendido como não possuindo uma identidade inerte, essencial ou perdurável. A identidade torna-se uma "celebração móvel", formada e transformada constantemente. Logo, ela é definida historicamente, e não biologicamente. Os sujeitos adotam identidades diferentes em distintos momentos. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando-nos para diversas direções, de tal forma que nossas identificações são consecutivamente deslocadas.

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2003, p. 13).

É notável que Stuart Hall tenha uma abordagem de identidade em uma perspectiva da sociologia, mas claramente focaliza a cultura como ponto central de sua teoria. As identidades culturais se desenvolvem em uma sociedade pós-moderna e em constante transformação. Em resumo, para esse autor, identidade, sociedade e cultura não se separam.

O processo de construção da identidade, para Dubar (1997), que opta em dizer formações identitárias, por acreditar que são várias as identidades que assumimos. Para ele o processo se constitui em um movimento de tensão constante entre os atos de atribuição, os

que os outros determinam que o sujeito é - denominadas identidades virtuais. E os de pertença, em que o sujeito se identifica com as atribuições e a adota. Ao passo que a atribuição corresponde à identidade para o outro, a pertença por outro lado, indica a identidade para si. Já o movimento de tensão se apresenta, precisamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja, e o desejo do próprio sujeito em ser e admitir determinadas identidades. Portanto, o que está no centro do processo de constituição identitária em Dubar, é a identificação ou não identificação com as atribuições que são sempre do outro, já que tal processo só é possível no campo da socialização.

Assim, Dubar (1997) sintetiza o processo de constituição da identidade como resultado do processo de socialização que envolve o cruzamento de dois processos: o relacional (transações de caráter mais objetivo e genérico) e biográfico (transações de caráter mais subjetivo). No processo relacional o sujeito é avaliado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais está inserido. No processo biográfico são considerados a história, as habilidades e os projetos do sujeito. Percebe-se em Dubar que a identidade para si não se separa da identidade para o outro, porque, para esse autor, a primeira é correspondente à segunda, e concorrem para a produção das identidades. Desse modo, a identificação vem do outro, mas pode ser recusada para se criar outra e utiliza categorias socialmente disponíveis.

Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, isto é, o eu postulado. Segundo esse autor as identidades, frequentemente, referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Destaca dois tipos de comunidades as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta; e as comunidades de ideias, constituídas por uma diversidade de princípios. A questão da identidade só se situa nas comunidades do segundo tipo, em que existe a presença de diferentes ideias e, devido a isso, a crença na necessidade de escolhas contínuas. Deste modo, a identidade se revela como invenção e não descoberta, sendo um esforço, um objetivo, uma construção. Bauman (2005) acredita que a essência da identidade se constrói em referência aos vínculos que conectam as pessoas umas às outras, considerando esses como vínculos estáveis.

Este autor ainda traz a concepção de modernidade líquida e sua contribuição para a existência de uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para serem inventadas. Fixidez dá lugar à incerteza, as identidades do passado são sobrepostas pelas possibilidades de futuro e o sujeito se caracteriza como descentramento e deslocamento permanente (Bauman, 2005).

2.4 O desenho como ferramenta de análise da identidade da criança: sua relação com a cultura e a sociedade

Bem antes de escrever, as crianças aprendem a desenhar e, quando desenham por lazer, normalmente desenham pessoas, casas, árvores, animais, família, sol etc. Esses temas são vistos nas elaborações de crianças de todas as regiões do mundo e culturas, afirmando a universalidade básica da mente humana e dos sentimentos.

Apesar do uso das representações gráficas, neste estudo, não terem o objetivo de teste psicológico, temos que falar da projeção da criança a partir do desenho, pois sabemos que as crianças têm essa capacidade de informar seu mundo, seus sentimentos, suas angústias e suas fantasias por meio dele. Como elemento de projeção, é interessante a premissa de Hammer (1991, p. 38):

> (...) dinamismo psicológico mediante o qual se atribui qualidades, sentimentos, atitudes e anseios próprios aos objetos do ambiente (pessoas, outros, organismos, coisas). O conteúdo da projeção pode ou não ser reconhecido pelo sujeito como parte de si próprio.

Nessa perspectiva, Hammer (1991) amplia o sentido tradicional do termo projeção[10] que deixa de ser apenas um mecanismo de defesa do ego contra a angústia e passa a compreender o ato de externalizar, e não mais expulsar aspectos da personalidade humana, que incluem tanto seus conflitos, como também suas representações, anseios e ideais. Do ponto de vista topográfico, os aspectos externalizados incluem conteúdos localizados na esfera inconsciente, como também aspectos mais próximos da consciência.

Outro ponto relevante na proposta de elaboração de desenhos pela criança está na verbalização do que ela representou, pois entendemos que é necessário acompanhar o processo de sua produção, do mesmo modo explorar esse desenho a ponto de extrair da criança o significado para a criança do que está traçado. Desse modo, podemos apreender que a observação e entendimento do que a criança produziu possibilitam a compreensão do que a criança quis dizer, evitando interpretações irrefletidas e limitadas diante da riqueza que o desenho pode apresentar.

---

[10] O termo projeção apareceu na obra de Freud no texto "observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa". Freud descreve a projeção como um mecanismo de defesa, em que o conteúdo pulsional é reprimido, modificado e deslocado para um objeto externo. Sendo essa a visão clássica da psicanálise sobre projeção (Freud, 1906/1996).

O desenho é considerado uma forma de comunicação anterior à linguagem escrita, sendo uma das mais antigas formas de comunicação do homem, exemplo disso são as artes rupestres e pinturas primitivas encontradas em diversas partes do mundo. Essas formas de comunicação fizeram com que chegassem até nós muitas informações sobre esses grupos.

A análise do desenho no âmbito da Psicologia tende a ser por meio de testes psicológicos, o teste de personalidade HTP é um dos principais deles. Esta pesquisa utiliza alguns elementos presentes nesse teste, como a casa, a árvore e a pessoa. Mas como se configura como um estudo de caso, essas representações gráficas foram trabalhadas de maneira livre, pois entendemos que a casa, a árvore, a pessoa, a família e o animal são aspectos universais que estão presentes em qualquer cultura.

A criança representa o seu mundo por meio do desenho, em um primeiro momento de forma rudimentar e simples, a garatuja, depois de forma mais estruturada, o que marca seu desenvolvimento cognitivo e motor. Mesmo nos primeiros rabiscos, o desenho já apresenta certa riqueza do conteúdo. Assim, a evolução do desenho compartilha o processo de desenvolvimento, passando por fases que sinalizam o modo como a criança se situa no mundo. Em conformidade com Ferreira (2003, p. 21) os estágios de evolução do desenho infantil é uma maneira de compreender o "(...) desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. Conforme as crianças se relacionam mais estreitamente com o mundo ao seu redor, vão evoluindo os seus desenhos".

O desenho, em cada fase de desenvolvimento, revela as atitudes intelectuais, perceptivas e motoras das crianças, desse modo, reproduz um compromisso entre suas intenções narrativas e seus meios, sendo um campo da psicologia da criança (Grubits, 2003).

> O desenho conta também, a quem pode entender, o que nós somos no momento presente, integrando o passado e nossa história pessoal. O desenho conta sobre o objeto; ele é a imagem do objeto e se inscreve entre numerosas modalidades da função semiótica: ilustrar, desenhar, fazer o sentido com os traços, quer dizer com outros sinais ou com as imagens de tais objetos, que são muitas vezes difíceis de dizer ou descrever com as palavras (Grubits, 2003 p. 98).

O desenho é um importante elemento de análise para a compreensão da identidade da criança, por meio dele é possível identificar suas percepções do mundo, mas ao tomar o desenho como instrumento de análise devemos atentar para não analisar a produção de uma mesma criança de forma isolada. Sobre isso discorre Grubits (2003, p. 99), "As análises e

interpretações são, portanto, melhores, não se nos contentamos em estudar um desenho isolado, mas quando procedemos a uma análise comparativa de uma série de desenhos de uma mesma criança, procurando os temas comuns".

Para Merleau-Ponty (1990), o desenho infantil supera o do adulto por ser, ao mesmo tempo, subjetivo e objetivo. É subjetivo porque a criança liberta-se da aparência e se enche de afetividade e imaginação, é objetivo porque tenta reproduzir as coisas como elas são. Para o referido autor um dos meios de se instaurar as relações, isto é, de organizá-las do ponto de vista da criança é por meio do desenho, porque para a criança esta produção é uma linguagem, assim como a fala ou o gesto o é para as demais pessoas. Os seus desenhos passam a ser a alternativa de transmitir o que ela pensa e sente e marca o desenvolvimento da infância, no entanto, cada etapa dessa produção adquire uma característica própria.

O desenho possibilita ao psicólogo uma leitura do que a criança tem a dizer sem que haja a fala da mesma durante a intervenção. Dolto e Nasio (2008) se referem a essa comunicação como uma linguagem diferente da discursiva, sendo um meio em que a criança projeta e com a qual articula sua relação com o mundo. Para eles, através do desenho, a criança-espaço temporaliza sua relação com o mundo, ele é mais que o equivalente de um sonho é em si mesmo um sonho ou, caso prefira, uma fantasia viva.

Segundo Greig (2004), a estruturação psíquica se organiza na mesma proporção em que a criança consegue definir seu desenho, há um equivalente, portanto, com o desenvolvimento da coordenação motora. Isto quer dizer que o controle de seus movimentos ao definir os ângulos de cada desenho e o modo com que a criança desenha revela a sua organização psíquica.

O desenho como linguagem é uma forma de comunicação construída ao longo dos anos. O homem primitivo deixou sua marca nas cavernas, representou imagens, criou símbolos e registrou a sua história. O desenho, assim como a linguagem, é uma forma de comunicação criada ao longo dos anos. E lembra que o homem primitivo, elaborou imagens, deixou traços nas cavernas que contaram sua história. Entende-se, assim, "o desenho como uma linguagem universal, que possui convenções pertencentes à sociedade e à cultura e perpetua diferentes gerações, cada qual com suas singularidades, dotada de historicidade" (Hanauer, 2013, p.74).

> O homem sempre desenhou. Sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade. O desenho, linguagem tão antiga e tão permanente, sempre esteve presente, desde que o homem inventou o

> homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais, e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra (Derdyk, 1990, p. 10).

Segundo Hammer (1991), referindo-se ao desenho infantil, as crianças desenham o que sabem, não o que veem. Desta forma, o desenho pode ser considerado a expressão do modo como a criança percebe e compreende o mundo. De acordo com ele, as crianças transmitem no desenho aquilo que jamais teriam condições de verbalizar. Para o autor, os desenhos da criança aparecem saturados de experiências emocionais e ideacionais que estão associadas à formação de sua personalidade. Os temas que desenham são familiares a ela, sendo simbolicamente férteis em termos de significado inconsciente.

No que diz respeito à simbologia desses traços, Hammer (1991) diz sobre a casa que o telhado, a porta, a parede e a janela, são detalhes essenciais, a posição, os tipos de casa, a linha do solo, ou do chão. São detalhes acessórios encontrados no desenho a chaminé, a cerca, a fumaça, os caminhos, as escadas, as nuvens, o sol, a chuva, as árvores, as flores, as montanhas, esses elementos são importantes para compreender a análise como um todo.

Para levantar dados psicológicos é necessário fazer uma observação através do significado funcional dos elementos do desenho, através do seu formato e pelo aspecto simbólico ligado a todos os detalhes. Além disso, é importante se atentar a habilidade com que a criança organiza seus detalhes num todo significativo (Arantes, 2007).

A respeito da árvore Hammer (1991) fala que se deve atentar ao fato de a mesma estar viva ou não, posição, raiz, linha de solo, tronco e seus detalhes, galhos ou ramos, copa, folhas, flores e frutos, e também para os acessórios que podem aparecer, como vegetação, ninhos, animais, enfeites, sol etc. Sobre a pessoa diz que alguns fatos são relevantes para a análise mais detalhada, tais como o rosto, cabeça, tórax, roupas, braços, mãos, pernas e pés. O desenho da pessoa desponta a percepção mais próxima da consciência que o indivíduo tem de si, ou de um *self* ideal e de sua relação com o ambiente.

O desenho da família permite o acesso ao mundo psíquico do indivíduo, com ênfase nos objetos internalizados e nas relações destes, sendo de suma importância para compreender a personalidade (Hammer, 1991). O desenho da família é de uso frequente com crianças, pois informa a relação essencial com os pais e os irmãos, sendo, assim, as omissões e o tamanho das figuras variáveis importantes (Grubits, 1996). O desenho de qualquer animal pode possuir tanto dimensões específicas como genéricas, sendo assim, cada animal deverá ser analisado por meio de sua simbologia (Arantes, 2007)

Grubits e Darrault-Harris (2003) realizaram pesquisas que tinham como objetivo entender a configuração da identidade em populações infantis indígenas Guarani/Kaiowá e Kadiwéu, de Mato Grosso do Sul, para isso analisaram a produção artística infantil, entre elas o desenho. Segundo os autores, foi possível verificar a afirmação da identidade étnica das crianças participantes do estudo. Dessa forma, no que tange a importância do desenho para análise da identidade infantil, verificamos o posicionamento de Grubits e Darrault-Harris (2003, p. 196, 197):

> As análises do material produzido pelas crianças indígenas vêm indicando as tendências e a configuração da identidade de Guarani/Kaiowá e Kadiwéu, confirmando a pertinência da análise semiótica dos desenhos e trabalhos de expressão artística das referidas crianças para a configuração de suas identidades.
>
> Todo esse trabalho de avaliação e intervenção nos conduziu a uma reflexão sobre as questões individuais de cada criança estudada, mas também atingimos, de certa forma no micro, o entendimento do macro problema de toda nação Guarani/Kaiowá e Kadiwéu.

Diante do exposto, verificamos a relevância do desenho como técnica de compreensão do universo infantil, configurando-se como uma linguagem universal capaz de mostrar questões relativas à individualidade da criança, mas atrelada à sociedade e à cultura a qual a criança pertence, estando aqui sua relevância no que diz respeito às questões identitárias que nos levou a utilizar essa ferramenta nesta pesquisa.

2.5 Psicologia Ambiental origens e conceitos

A Psicologia Ambiental (PA) é uma disciplina que trata do "psicológico", isto é, por um lado do indivíduo como ser que pensa, que sente e que age, e do ambiente, de outro. Portanto, vemos que se trata de Psicologia, assim sendo, de uma disciplina que lida com o indivíduo em sua relação com o ambiente (Moser, 2005, aspas do autor).

Uma definição dada a PA é a de Moser (1991, citado por Moser, 2016), esta diz que a psicologia ambiental investiga o indivíduo no seu contexto físico e social, na intenção de desemaranhar a lógica das inter-relações entre o indivíduo e o seu ambiente, pondo em destaque as percepções, atitudes, avaliações e representações ambientais, de uma parte, e, da outra, os comportamentos e condutas ambientais que as acompanham.

Para Wiesenfeld (2005), a PA tem sido definida como a disciplina que estuda as transações entre as pessoas e seus entornos, aspirando promover uma relação harmônica entre ambos que resulta no bem-estar humano e na sustentabilidade ambiental.

Para Moser (2005) existem diferentes concepções sobre "o que" estudar e "como" estudar. O autor cita a de Gary Evans que define a Psicologia Ambiental como o estudo científico da relação entre o ambiente físico e o comportamento humano em que toda a pesquisa na disciplina deve direcionar-se ao ambiente físico, que é o único objeto que pode corresponder às exigências de um método científico. A de Esther Wiesenfeld que considera que a Psicologia Ambiental tem como objetivo estudar a relação indivíduo-ambiente e trabalhar essa relação de um modo holístico, colocar a ênfase na dimensão social desta relação e estabelecer as ligações com outras disciplinas empenhadas nesta temática. Essas proposições têm concepções diferentes, uma é transacional e outra é relacional, mas ambas aderem à noção de relação indivíduo-ambiente. Permitindo, assim, um quadro de análise da disciplina.

> Este princípio relacional, declinado em termos de interação ou de transação, fornece o quadro de análise da disciplina. Assim, em cada exame da relação com o ambiente, a atenção se dirige tanto ao indivíduo quanto ao próprio ambiente. Pode-se, portanto, definir a *Psicologia Ambiental como sendo o estudo das interrelações entre o indivíduo e seu ambiente físico e social, nas suas dimensões espaciais e temporais* [grifo do autor] (Moser, 2005, p. 281).

A PA ainda é uma disciplina jovem. De acordo do com Moser (2016) ela surgiu no início da década de 1970 nos países anglo-saxões e sua origem esteve ligada à psicologia social, mas atualmente esta não é a referência geradora de seus modelos. Uma vez que estuda as inter-relações do homem com seu ambiente físico e social, a PA está unida à psicologia social por laços de filiação. Entretanto, não se trata de uma filiação única, uma vez que a PA tem como fonte outras disciplinas que se ocupam das questões ambientais que alimentam, com seu saber e conhecimentos, a pesquisa neste domínio.

Destarte, os estudos sobre o ambiente precisam, com frequência, valer-se de conhecimentos específicos, isso impele a PA a buscá-los na geografia, na arquitetura, no urbanismo e na engenharia, no planejamento e no manejo ambiental, ou a integrá-los em estudos pluridisciplinares. Observa-se que essas disciplinas têm em comum com a PA o seu objeto - o ambiente físico - quer dizer, tanto o ambiente construído como o ambiente natural.

A PA admite complementar na análise das problemáticas ambientais, tendo em vista que a sua originalidade está em levar em conta o indivíduo por meio da análise das percepções, cognições, representações e comportamentos relativos ao contexto ambiental em foco (Moser, 2016).

A PA tem como centro o indivíduo em sua relação com o ambiente no qual, por definição, a relação com o outro está inserida, seja qual for a escala da análise. Nesta perspectiva, a PA está próxima da psicologia social, mas, concomitante, incluindo sempre as dimensões físicas do ambiente, ela se diferencia visivelmente dos objetivos científicos de uma psicologia social. A PA estuda conjuntamente os comportamentos e cognições do indivíduo em termos de densidade (conceito do ambiente físico) e de apinhamento (conceito do ambiente social), ela se situa decididamente em uma lógica mais ampla e global, pondo em relação esses dois tópicos do ambiente. Também implementou vários conceitos originais, como "cognição ambiental", "mapa cognitivo", "intimidade" ou "privacidade", "história residencial", "identidade ambiental", "identidade do lugar" ou "sentimento de densidade" (Moser, 2016).

Moser (2016) ainda nos mostra que o primeiro autor a usar o termo Psicologia ecológica foi Brunswik que destacou os processos perceptivos e as representações perceptivas próprias do indivíduo – a variabilidade das representações pessoais - Brunswik defendia que os psicólogos deveriam se dedicar sobre a representatividade do design, alegando que os estímulos ambientais transmitidos pelo design eram mais relevantes do que se percebia à época.

Outros autores que podem ser considerados como as principais raízes para o surgimento da PA são Tolman e Lewin. Tolman preconizava uma abordagem global que dava importância aos processos mediadores e às etapas cognitivas intermediárias. Durante o processo de aprendizagem constroem-se estruturas cognitivas, tais princípios deram origem ao conceito de cartas mentais. Lewin situa o indivíduo em um campo de forças de valência, positiva ou negativa, no qual está incluído o espaço físico. A teoria do campo percebe o ambiente como uma malha de forças que se faz sentir sobre o indivíduo. Na concepção de Lewin, o comportamento é resultante da interação do indivíduo com o ambiente (Moser, 2016).

De acordo com Gifford (1997, citado por Alves & Bassani, s.d.) as grandes influências de Lewin na PA foram a teoria de campo e a pesquisa-ação. Lembrando que a primeira levou em consideração uma análise mais cautelosa do ambiente físico nas pesquisas

e a segunda destacou a relevância da pesquisa científica estar ligada a mudanças sociais concretas.

Esses autores iniciaram a ideia de uma disciplina que só viria a se consolidar na década de 1970, considerado o período do surgimento da PA, tal concepção é apresentada por Moser (2016, p. 6): "A partir de 1970: verdadeiro nascimento da psicologia ambiental. Os primeiros manuais consagrados a este campo foram publicados no mundo anglo-saxão na década de setenta: Proshansky e colaboradores em 1970 e 1974, Craig em 1973".

Segundo Tassara e Rabinovich (2003), a PA diferentemente de outras áreas, sempre esteve vinculada às demandas sociais. Na Europa teve a sua origem associada às questões arquiteturais e de planejamento urbano em razão à fase de reconstrução das cidades e reorganização social que se deu após a II Guerra Mundial. No Brasil, temos como pioneira Maria do Carmo Guedes que participou do planejamento de cidades nos anos 1960. Nos EUA, a mudança de Kurt Lewin para esse país trouxe a experiência pioneira de Roger Barker e o conceito de *behavior setting*[11].

Conforme Wiesenfeld (2005), a PA norte-americana apresentou como foco o indivíduo e a otimização de sua relação com o ambiente. A PA europeia surgiu com relevante vocação social, fruto da crise social e habitacional, herança do pós-guerra. Os inícios da PA na América Latina foram, de modo marcante, influenciados pelos temas e enfoques adotados nos Estados Unidos à margem de sua pertinência em nossa região.

Moser (1998), referente a PA na América Latina e no Brasil, afirma que se tem verificado um interesse pela área da PA, mas ainda existe certa indefinição entre os psicólogos atuantes na área em relação à psicologia ambiental e psicologia comunitária.

> Eu sei que aqui no Brasil, e na América Latina, de um modo geral, a definição dos campos da Psicologia Ambiental é diferente; alguns dos psicólogos ambientais daqui estão bastante voltados para a Psicologia Comunitária que, para nós, não é Psicologia Ambiental. Para nós, a análise da dinâmica envolvida no processo das pessoas se reunirem para juntas enfrentarem e resolverem um problema constitui uma forma de pesquisa-ação, e não faz parte dos meios de atuação da Psicologia Ambiental (Moser, 1998, p. 128).

[11] Behavior setting é, segundo Barker (1968), a unidade ou conjunto natural relacionado com a organização dos acontecimentos da vida diária, na qual se desenvolve o comportamento ou a ação humana. Exemplos de behavior settings são uma aula de piano que acontece às quartas-feiras das 10:00 às 11:00 horas, uma reunião de um determinado sindicado que ocorre nos últimos sábados de cada mês, das 8:30 às 11:00 horas, a missa dominical das 19:00 horas, uma determinada audiência jurídica, um certo concerto de rock, entre outros) (Carneiro & Bindé, 1997, p. 365).

Outra indefinição que existe em relação a PA é confundi-la ou tratá-la como psicologia ecológica, esse impasse pode ser justificado por ela ter, na sua origem, a contribuição das ideias de Lewin que criou o termo ecologia psicológica e de seu colaborador Barker que desenvolveu com seus colegas a psicologia ecológica. A psicologia ecológica pode ser considerada como a mais importante vertente formadora da PA. É o que nos mostra Pinheiro (1997, p. 385-386):

> Da tradição da Psicologia Social, o primeiro nome a ser mencionado é, obrigatoriamente, Kurt Lewin (1965). Criador do termo ecologia psicológica (além do mais abrangente espaço vital), Lewin é mais conhecido em Psicologia Ambiental por sua famosa equação: C= f (P x A), na qual a visão psicológica tradicional de ambiente (A) determinando o comportamento (C) é confrontada pela constante interação (a multiplicação) entre pessoa (P) e ambiente, que se influenciam mutuamente, são variáveis interdependentes. Já Roger Barker (1968), ex-colaborador de Lewin, desenvolveu com colegas a Psicologia Ecológica, hoje considerada como uma das mais importantes vertentes formadoras da Psicologia Ambiental.

Moser (1998) também critica esse entendimento da PA do ponto de vista da ecologia, para ele a PA não está fazendo ecologia, porque tem um ponto de vista diferente. Na ecologia cada elemento de um sistema ambiental apresenta o mesmo peso. Na PA não é essa a importância dada, pois, como psicólogos, estamos enfatizando a pessoa em interação com seu contexto ambiental, mas o seu diferencial está em ser a pessoa o centro da preocupação da PA.

Em vista disso, entendemos que a PA é uma área em ascensão atualmente e pode contribuir para o entendimento de várias problemáticas que configuram na esfera do sujeito em relação ao meio, já que o elemento central da PA é o indivíduo em relação com o ambiente, isto é, "A unidade de análise da psicologia ambiental é a relação indivíduo-ambiente" (Moser, 2016, p. 9). Porém, retomamos que mesmo que fatores relacionados a comportamentos de preservação ambiental e de recursos naturais sejam questões presentes nos estudos da área, eles não devem se sobressair à compreensão da relação do indivíduo com o ambiente.

Valera (1996) pontua que a PA é uma disciplina que coloca em evidência a vinculação das pessoas com seus espaços e define a Psicologia Ambiental como uma disciplina que tem

por objeto o estudo e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações, interações e transações entre as pessoas, grupos sociais ou comunidades e seus entornos sócio físicos.

> De esta manera puede entenderse la Psicología Ambiental como la disciplina que tiene por objeto el estudio y la comprensión de los procesos psicosociales derivados de las relaciones, interacciones y transacciones entre las personas, grupos sociales o comunidades y sus entornos sociofísicos. Como disciplina científica comparte con otras disciplinas un campo de estudio común configurado por el conjunto de fenómenos que implican directamente a las personas con sus entornos (Valera, 1996, p. 4).

Moser (2005) destaca o objeto da PA, entendendo que ela é, por certo, uma psicologia do espaço, pois se interessa pelos comportamentos referentes à relação do indivíduo com o contexto físico e social.

> Devido ao seu objeto, a Psicologia Ambiental foi, e é, antes de tudo, uma Psicologia do espaço, na medida em que ela analisa as percepções, as atitudes e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele evolui. Desta maneira, a relação indivíduo-ambiente é analisada nos seguintes quatro níveis de referência espacial e social: 1) o micro-ambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semipúblicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade enquanto tal. Esta distinção é importante porque ela permite analisar a relação indivíduo-ambiente em termos da relação com o ambiente em suas dimensões físicas e precisar as relações com o outro que cada um dos diferentes níveis implica (Moser, 2005, p. 282-283).

Cavalcante e Elali (2017) afirmam que o foco da PA se configura em estudar as inter-relações entre as pessoas e o ambiente. “A Psicologia Ambiental propõe-se a estudar as inter-

relações entre a (s) pessoa (s) e o ambiente; estes dois elementos, pessoas e ambiente, estão relacionados de forma intrínseca e se influenciam reciprocamente de modo contínuo" (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 2, 2 par.).

Cavalcante e Elali (2017), ao organizar o livro "Temas básicos em Psicologia Ambiental", enfatizaram a importância em caracterizar os conceitos fundamentais da área e, assim, contribuir à demanda daqueles que se iniciam neste campo de estudo. A publicação traz vinte cinco conceitos: affordance, ambiente, ambientes restauradores, apego ao lugar (vínculo com o lugar – place attachment), apropriação, arranjo espacial, Behavior setting, biofilia e biofobia, cognição ambiental, comportamento ecológico, comportamento socioespacial humano, compromisso pró-ecológico, desenvolvimento sustentável, espaço e lugar, estresse ambiental, gestão ambiental, identidade de lugar, identidade social urbana, interdisciplinaridade, multimétodos, percepção ambiental, pesquisa-ação (action research), pressão ambiental (environmental press) e valores ecológicos. Reconhecemos que todos esses conceitos são relevantes para os estudos da área, porém, nesta pesquisa, utilizamos apenas quatro deles: o espaço e lugar, a apropriação, a identidade de lugar e, por fim, o apego ao lugar por serem conceitos relacionados à questão identitária tratado na PA e por terem se manifestado nos dados coletados.

2.5.1 Espaço e lugar

Pode-se pensar o espaço de duas maneiras, a primeira como uma extensão entre dois pontos, isto é, uma área que pode ser pensada geograficamente. Já a segunda o englobante onde se situam todos os espaços particulares. "O espaço é matéria caracterizada por sua exterioridade em relação ao indivíduo. Logo, é neutro, já que não se atribui a ele significado" (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 14, 1 par.).

Lugar é um espaço que identificamos: é onde moramos, trabalhamos, nos divertimos, vivemos. É o espaço no qual nos fixamos. Os limites são definidos, ele pode ser reconhecido, ou seja, é referência. É um espaço ao qual se atribui significado e que adquire valor pela vivência e pelos sentimentos. Por conseguinte, lugar é o espaço com o qual se estabelece relação (Cavalcante & Elali, 2017).

> A relação da pessoa com um espaço é o que permite sua transformação em lugar. Enquanto lugar, o espaço ganha importância e sua identificação situa-se para além de

> seus limites físicos. Ele é principalmente reconhecido pelo valor atribuído à vivência e aos sentimentos relacionados a ele (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 14, 13 par.)

A elaboração de um lugar pode acontecer em um breve lapso de tempo, mas pode demorar dias ou anos, porque para isso ocorrer é decisivo o sentir do lugar, por meio do vínculo positivo (apego) ou negativo (repulsa), isto quer dizer que a transformação de um espaço em lugar não depende da quantidade de tempo empregado, ou o tipo de uso, "mas sim da impressão (marca) causada pela relação da pessoa com o ambiente e do tipo de vínculo gerado" (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 14, 13 par.).

Conforme Cavalcante e Elali (2017), a interação com um espaço e seu uso habitual, possibilita a criação do lugar. A criação do lugar é, por sua vez, um processo de troca entre a pessoa e o ambiente que pressupõe vivência, significação, percepção, apego, envolvimento físico e emocional com o lugar. Esse processo é estudado na PA pelos conceitos de apropriação e identidade de lugar.

2.5.2 Apropriação

A apropriação é considerada um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno através do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa gerando *um lugar seu.* Ao firmar marcas e alterações perceptíveis, o sujeito cria um *aqui* em que dispõe seus pertences e que vai lhe servir de referência, consentindo-lhe orientar-se e conservar a sua identidade (Cavalcante & Elali, 2017, grifo do autor).

Ainda de acordo com Cavalcante e Elali (2017) apropriar-se significa, também, exercer um domínio sobre um espaço e objetos, mesmo que não seja necessário ter sua posse legal. Aliás, é admissível dizer que toda atividade humana reflete uma apropriação. "Isso se dá por meio dos diferentes modos de percepção, orientação e ação: a pessoa se projeta no espaço ao mesmo tempo em que o introjeta" (Cavalcante & Elali, 2017, capitulo 5, 2 par.).

Segundo Cavalcante e Elali (2017) o processo de apropriação varia em intensidade, sendo que o grau mínimo de apropriação se dá por meio do olhar, este torna as coisas conhecidas provocando no observador um sentimento de domínio e familiaridade em relação ao objeto ou lugar. A fotografia como concretização da apropriação visual, a decoração como expressão funcional e estética da subjetividade e o fechamento topológico do espaço como marco de proteção e referência do indivíduo formam estágios crescentes de apropriação.

A manifestação da apropriação pode ocorrer por meio da apropriação por ação/transformação e da apropriação por identificação simbólica. A primeira geralmente vem antes e consiste em comportamentos explícitos que vão desde a delimitação de um espaço até uma ocupação territorial mais organizada e complexa. A segunda abrange processos simbólicos cognitivos, afetivos e interativos que transformam o espaço (extensão) em lugar reconhecível e completo de significado para o sujeito e grupo social. Exemplificando esses processos, pode-se dizer que memorar as representações mentais que orientam o comportamento espacial (processo cognitivo); a busca proposital de bem-estar que leva a modificações para a adaptação dos espaços a um ideal representado (processo afetivo) e, finalmente, a personalização que atribui o entorno de um significado para a pessoa e para os outros (processo interativo). Todos esses processos são complementares e estão conectados entre si, significando o contato social central na atribuição dos significados e nas manifestações comportamentais (Cavalcante & Elali, 2017).

A apropriação é, portanto, um dos processos fundamentais da relação pessoa-ambiente e da formação de *lugares*, que são a marca da natureza humana no espaço (Cavalcante & Elali, 2017, grifo do autor).

2.5.3 Identidade de lugar

Identidade de lugar é uma subestrutura da identidade pessoal construída com base na interação do indivíduo com seu entorno físico e social. A construção da identidade de lugar está vinculada à percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos expressivos para o sujeito (Cavalcante & Elali, 2017).

Moser (1998) enfatiza a importância da história residencial do indivíduo para o processo de compreensão de sua identidade de lugar. Para o autor não se deve esquecer que é através de sua história residencial que o indivíduo constrói uma identidade residencial - conceito de *place-identity*, introduzido por Proshansky - sendo essa história responsável por influenciar a sua percepção e a avaliação da sua residência atual.

Consonantemente, para Proshansky (1976, citado por Jerônimo & Gonçalves, 2013), a identidade de lugar (*place identidy*) é marcada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que integram parte de suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. Portanto, é o reconhecer-se no espaço. Identidade de lugar é uma subestrutura da identidade pessoal formada por cognições sobre o mundo físico em que a individualidade habita. Estas

cognições representam memórias, ideias, valores, sentimentos, atitudes, significados e concepções de comportamento e experiência. Todos esses elementos estão relacionados com a variedade e complexidade dos lugares físicos que definem a existência cotidiana de cada ser humano. Nesta lógica, a identidade de lugar deve ser compreendida como uma construção pessoal em que as experiências diretas com o ambiente físico a modificam (Proshansky, 1983, citado por Ponte, Bomfim, & Pascual, 2009).

A noção de identidade se refere ao conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. Estes são próprios de uma pessoa e da representação que ela tem de si mesma. Estes fatores estão em permanece interação e se transformam continuamente.

Logo, a identidade não é um estado fixo, mas se estabelece em um processo dinâmico e mutável que acontece no decorrer da vida dos sujeitos, a contar do início de suas vivências, envolvendo comportamentos cognitivos, materiais e atos de investimento emocional, intentando a satisfação de suas necessidades e desejos (Mourão & Cavalcante, 2006).

> A construção da identidade é um processo que se passa em vários níveis. Falar simplesmente de identidade não é o suficiente para expressar sua totalidade. Além de sua qualificação como identidade pessoal, referente aos aspectos e atributos específicos de cada indivíduo, a identidade constitui-se também como identidade social, traduzindo o pertencimento do indivíduo a grupos ou categorias especificas, como, por exemplo: identidade étnica, identidade profissional, identidade feminina e tantas quantas afiliações a grupos específicos possamos imaginar (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 17, 3 par.).

Ainda de acordo com as referidas autoras, o lugar em que o indivíduo nasceu, o lugar onde vive, ou os lugares onde viveu e que se tornaram importantes para ele, significam referências para a construção de sua identidade, que se realiza ao longo de sua vida, na busca por sua individualização.

No que concerne à problemática da mudança de ambiente vivida pela população refugiada é necessário entender o conceito de identidade de lugar que está diretamente conectado a questão do pertencimento a determinado grupo e local no sentido de território. No caso dos refugiados eles perdem essa estrutura e terão de reconstruir em novos locais, muitas vezes, totalmente diferentes de seu país de origem.

Assim, a PA considera a identidade de lugar como a relacionada ao ambiente em que as pessoas estão ou estiveram, nesse caso ela ultrapassa a noção de meio ambiente no sentido

natural, que envolve as problemáticas de sustentabilidade e preservação, em uma visão puramente ligada à ecologia. A esse respeito, aponta Moser (1998, p. 121-122):

> As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente ao ambiente. Cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social. Por outro lado, inter-relação também quer dizer que estudamos os efeitos desse ambiente físico particular sobre as condutas humanas. Então, estamos estudando uma **reciprocidade** [grifo do autor] entre pessoa e ambiente. Essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Ela é dinâmica porque os indivíduos agem sobre o ambiente (por exemplo, construindo-o), mas esse ambiente, por seu turno, modifica e influencia as condutas humanas. Logo, não estamos estudando nem o indivíduo *per se*, nem o ambiente *per se*. Não estamos fazendo Ecologia, pois esta tem um ponto de vista diferente. Nela, cada elemento de um sistema ambiental tem o mesmo peso. Quando se fala de Psicologia Ambiental não é esse o caso porque, como psicólogos, estamos fazendo um discurso sobre a pessoa, sempre em inter-relação com o seu contexto ambiental, é verdade, mas colocamos a pessoa como centro de nossa preocupação.

Moser (1998) nos alerta para a questão temporal e de espaço como conceitos importantes para PA. Segundo o autor o espaço é o primeiro conceito importante e a dimensão temporal é outro ainda mais importante e específico, pois se estende ao mesmo tempo como projeção para o futuro e também como referência ao passado e à história.

Nessa concepção, a PA estaria envolvida com as questões ambientais, no sentido de verificar a ação da pessoa frente a esse ambiente, espaço em que se vive, levando em consideração as dimensões culturais e sociais. Nessa concepção, a pessoa deve ser considerada como o autor principal dessa relação.

O lugar tem um significado para o indivíduo na construção da sua identidade, havendo, nesse caso, as dimensões e características do entorno físico que são incorporadas pelo sujeito através da interação com o ambiente. Nessa perspectiva, a identidade de lugar é um componente específico do próprio "eu" do sujeito, forjado em um complexo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e intenções (Gonçalves, 2007).

2.5.4 Apego ao lugar

O apego ao lugar que também é conhecido como vínculo com o lugar, ou *place attachment,* é um conceito complexo e multifacetado. Seu estudo exige atenção para as características físico-espaciais do local e os significados simbólico/afetivos a ele associados pelos indivíduos e/ou grupos. A literatura da área destaca a existência de três dimensões fundamentais para seu entendimento: a funcional, a simbólica e a relacional. Percebe-se, ainda, o seu caráter dinâmico que tem referências no passado interacional e no potencial interacional que possam ser relacionados pela pessoa ao local (Cavalcante & Elali, 2017).

> Os estudos nessa área têm como foco as relações entre as características físico-espaciais do local e as vinculações simbólico/afetivas inerentes ao relacionamento pessoa-ambiente, o que corresponde a um sofisticado conjunto de informações físicas, sociais e psicológicas (emoções, cognições, crenças, comportamentos e ações) relativas ao lugar e que estão profundamente interligadas entre si (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 4, 5 par.).

A dimensão funcional se refere ao papel do espaço físico como elemento que atrai, encoraja ou bloqueia comportamentos. Essa relação pode gerar tanto produtividade e bem-estar, quanto frustação e estresse; tal relação também revela uma atmosfera de competição ou colaboração entre os envolvidos. A dimensão simbólica diz respeito ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que opera como intermediário no relacionamento pessoa-ambiente, influenciando a forma como cada indivíduo e/ou grupo compreende e age frente às diferentes circunstâncias em que se encontre. A dimensão relacional se refere à interação dinâmica entre o comprometimento social cotidiano, especialmente no que concerne a amigos e familiares, "e as características do ambiente onde o mesmo acontece, relação que, ao conectar cognitiva e afetivamente pessoas e ambientes, auxilia na definição da identidade pessoal e comunitária" (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 4, 5 par.).

3 OBJETIVOS E MÉTODO

3.1 Objetivo geral

Investigar o processo de construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande/MS.

3.2 Objetivos específicos

• Descrever os aspectos culturais, identitários e sociais presentes nos desenhos, nos relatos das crianças sobre eles e nas entrevistas com os pais;

• Verificar como a Psicologia Ambiental pode auxiliar nas análises dos desenhos das crianças;

• Apreender os aspectos relacionados à construção da identidade das crianças refugiadas participantes do estudo.

3.3 Aspectos metodológicos

Este trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa que buscou compreender o processo de construção da identidade de um grupo de crianças, ou seja, considerou entender um determinado fenômeno em um contexto de vida real. Para Gray (2012) a pesquisa qualitativa tem como características ser realizada por meio de contato com o contexto de vida real; o papel do pesquisador é obter um panorama integrado do estudo, incluindo a percepção dos participantes; temas que surgem a partir de dados muitas vezes são revisados com os informantes, para comprovação; por fim, o principal foco da pesquisa de abordagem qualitativa é entender as formas como as pessoas agem e explicar suas ações.

A pesquisa qualitativa se torna fundamental quando o estudo objetiva compreender elementos característicos da natureza humana que não podem ser analisados de forma quantificável. Elementos estes que, conforme Minayo (2014), abrangem os processos sociais, a história, as percepções, as crenças, as representações, as opiniões e tudo que o ser humano sente e pensa.

É relevante destacar que quando estudamos identidade entramos em um campo subjetivo em que os pesquisadores processualmente permeiam o que os participantes vão lhes oferecendo para a compreensão desta instância e, por conseguinte, envolvem-se como próprios instrumentos da pesquisa. Sobre isso discorre Holanda (2006), por buscar depreender a subjetividade humana, há que se dizer que a pesquisa qualitativa considera o mundo interno do sujeito como parte totalizante do próprio ato de investigar, ou seja, considera a

subjetividade tanto do sujeito pesquisador como do sujeito pesquisado. Em conformidade com Turato (2005), a pesquisa qualitativa reconhece o pesquisador como próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para entender os objetos em análise, refletindo sobre eles através de sua consciência, onde são fenomenologicamente representados para que possam ser enfim interpretados.

O método utilizado foi o estudo de caso, que consideramos o mais adequado para o nosso estudo, por permitir explicar determinado fenômeno quando não é possível a utilização de levantamentos e experimentos, isto é, para entender o fenômeno investigado é necessário compreendê-lo a partir do que é dado em campo.

Yin (2005) diz que o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são nitidamente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes finalidades, como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não permitem a utilização de levantamentos e experimentos.

A análise dos dados se iniciou a partir dos desenhos que foram digitalizados e identificados com a letra referente a criança e descrição da sua idade e escolaridade. Também foram digitadas as entrevistas com os pais da Família A e da Família B. Os desenhos foram organizados de acordo com a ordem de identificação: Criança 1 - C1, Criança 2 - C2, Criança 3 - C3, Criança 4 - C4 e Criança 5 - C5. Para destacar alguns elementos dos desenhos utilizou-se círculos coloridos em torno dos traçados.

A sistematização e análise ocorreu em quatro etapas: 1) permissão da participação das crianças na pesquisa, entrevistas com os pais e aplicação dos desenhos; 2) digitalização dos desenhos, digitação das entrevistas e conteúdo do diário de campo; 3) visitas a instituições de assistência e acolhimento de refugiados e às secretarias de educação municipal e estadual para entrega dos ofícios; 4) análise dos desenhos e das entrevistas e diálogo entre os resultados encontrados nas etapas anteriores com a literatura concernente. Importante frisar que a análise dos dados coletados a partir dos desenhos, dos discursos das crianças sobre eles, e das entrevistas com os pais, baseou-se no referencial teórico da psicologia ambiental.

Iniciada as análises dos dados, verificamos que o idioma, a religião, a guerra, a política, os refugiados, a comida, a organização familiar e a cultura se pronunciaram como

temas presentes nos desenhos, nas falas a respeito deles e nas entrevistas com os responsáveis, revelando ser os elementos que indicavam a construção da identidade dos participantes. Dessa forma, estes elementos foram organizados como subitens do item "A construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande/MS".

Para a realização desta pesquisa foi necessária a Declaração de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco. Dessa forma a pesquisa obteve o parecer consubstanciado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) - 80891517.5.0000.5162 (Anexo 1).

Foi utilizado o Termo de Colaboração Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C) que foi assinado pelos responsáveis legais das crianças participantes da pesquisa.

O critério de seleção dos participantes era ser criança síria refugiada com idade de 06 a 17 anos. A definição da idade a partir de 06 anos se deu por entendermos que essa faixa etária possibilitaria a realização de desenhos mais elaborados e se estendeu até os 17 anos, pois estávamos com dificuldades de encontrarmos participantes. Assim, seguimos os preceitos da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) que considera criança todo ser humano menor de 18 anos.

3.3.1 Participantes e local de coleta de dados

Participaram da pesquisa cinco crianças sírias refugiadas em Campo Grande/MS de duas famílias. A identificação das crianças no trabalho é representada pela letra C (Criança) seguida do número que designa sua identificação. Desse modo, aparecem na pesquisa como C1, C2, C3, C4 e C5. A identificação das famílias aparece como Família A e Família B.

A criança C1 é uma menina de 8 anos (Família A), a C2 é uma menina de 9 anos (Família B), a C3 é um menino de 11 anos (Família B), a criança C4 uma é menina de 12 anos (Família A) e a criança C5 é uma menina de 17 anos (Família A).

A visita à Família A foi realizada no dia 12 de março de 2018. Nesse encontro fizemos a entrevista com os pais, com duração de aproximadamente uns 50 minutos e a aplicação dos desenhos com as crianças C1, C4 e C5 com duração de aproximadamente 2 horas e meia.

As visitas à Família B ocorreram no dia 02 de abril e dia 03 de abril de 2018. A entrevista com os pais foi realizada no primeiro dia e teve duração de aproximadamente 3 horas. A aplicação dos desenhos com as crianças C2 e C3 ocorreu nos dois dias, no primeiro dia teve aproximadamente 1 hora de duração e no segundo dia aproximadamente 3 horas.

A aplicação dos desenhos com as crianças e as entrevistas com os responsáveis foram realizadas nas suas casas, localizadas na cidade de Campo Grande/MS. A escolha da casa foi por conveniência, uma vez que os participantes da pesquisa não precisariam se deslocar.

Realizamos visitas aos órgãos públicos Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Centro de Atendimento em Direitos Humanos (CADH). Participamos de uma reunião no Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado do Mato Grosso do Sul (CERMA/MS). Também enviamos ofícios para a obtenção de informação sobre o número de crianças sírias matriculadas na Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED - MS) e na Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Também enviamos ofício à Superintendência Regional no Mato Grosso do Sul da Polícia Federal - Delegacia de Imigração (Delemig).

Mesmo com as informações da existência de crianças com a nacionalidade síria vivendo em Campo Grande/MS, encontrar essas crianças não foi tarefa fácil. Tivemos vários encontros infrutíferos, tornando a realização da pesquisa um processo bem complicado, começamos a considerar que estava indo pelo caminho errado, pois encontrar os participantes da pesquisa estava cada vez mais difícil. Foi quando consegui o contato da palestina Ana (nome fictício), por meio de um Auditor-Fiscal do Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), órgão ao qual visitamos no decorrer da pesquisa. Ana nos ajudou a encontrar as crianças participantes da pesquisa.

Assim, com a ajuda de Ana, chegamos a duas famílias sírias que tinham filhos. A primeira família (Família A), que vivia em Campo Grande desde 2014, tinha cinco filhos, mas apenas três crianças se enquadraram na idade estabelecida como critério de participação na pesquisa (06 a 17 anos). A Segunda família (Família B) vivia em Campo Grande desde 2015 e tinha três filhos, duas crianças se enquadraram.

Ana também nos auxiliou na tradução das entrevistas com os pais que ainda tinham dificuldades em falar português, ou não falavam, circunstância das duas mães. Do mesmo modo, fez a tradução de algumas falas em árabe das crianças que não eram tão fluentes em português, e as traduções das frases em árabe postas nos desenhos. Ana ainda nos auxiliou na mediação cultural.

Uma vez estabelecida a relação com as famílias, com a ajuda de Ana, pude dar início à realização das entrevistas com os pais e, logo após, à aplicação dos desenhos com as crianças. Importante frisar que estabeleci um compromisso com os responsáveis pelas crianças participantes da pesquisa de manter o sigilo sobre seus nomes para preservar a sua

privacidade. Esse compromisso foi formalizado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C).

As famílias foram solícitas e as crianças gostaram de participar. As entrevistas com os pais fluíram de maneira tranquila e descontraída apesar de seguir um roteiro. Em todos os encontros tive a ajuda de Ana, pois as mães das duas famílias não falavam português e os pais ainda apresentavam dificuldades com o idioma. As crianças falavam português, entretanto, três delas, por serem mais novas, ainda apresentavam dificuldades.

3.3.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram o desenho, a entrevista e o diário de campo. Sendo o principal instrumento para a investigação da construção da identidade o desenho, com os temas a casa, a árvore, a pessoa, a família e o animal.

Foi pedido para cada criança que elaborasse cinco desenhos: uma casa, uma árvore, uma pessoa, uma família e um animal (Apêndice B). É relevante apontar que durante o processo de aplicação dos desenhos foram realizadas perguntas sobre eles, para que pudéssemos fazer as análises a partir das considerações da criança. Para a elaboração dos desenhos foram utilizados lápis de cor e folhas de papel sulfite A4. Para o registro das entrevistas foram utilizadas folhas de papel sulfite A4, que foram grampeadas à folha de entrevista impressa com a identificação de cada família.

Os desenhos propostos neste estudo não estão atrelados a nenhum teste psicológico, são propostas de desenhos livres cujas temáticas se justificam pelo seu caráter universal, ou seja, não foram empregados com objetivos diagnósticos ou terapêuticos, mas sim, utilizados com o propósito de apreender os aspectos relacionados à construção da identidade das crianças participantes.

Foram realizadas entrevistas (semiestruturada) com os responsáveis pelas crianças, no caso os pais. A escolha desse tipo de entrevista se deu, porque os responsáveis não concordaram em gravar os encontros, então não podíamos nos aprofundar nas perguntas, pois tínhamos que anotar as respostas.

O roteiro da entrevista contou com as questões referentes à relação do responsável com a criança, ao país de origem, à data de saída e de chegada ao Brasil, ao motivo de escolha de Campo Grande, ao número de filhos, à adaptação das crianças em Campo Grande, ao idioma, à integração cultural, ao deslocamento da família da criança à Campo Grande, à

inserção da criança no sistema de ensino e ao apoio de instituições que acolhem refugiados em Campo Grande (Apêndice A).

Não foi possível gravar as entrevistas, pois os pais das duas famílias não permitiram, mas autorizaram que eu fizesse as anotações. Importante destacar que refugiados, geralmente, sentem-se inseguros em se expor ou falar sobre eles, pois como viveram uma situação de perseguição no seu país de origem temem por sua segurança e de sua família.

Como se trata de uma pesquisa de estudo de caso, a observação e a anotação do que foi verificado sobre o comportamento dos participantes e a dinâmica do seu contexto familiar nos pareceram importantes de serem anotados, para isso utilizamos o diário de campo.

Buscamos anotar alguns dados durante as visitas no momento em que as crianças estavam desenhando e, também, nos momentos em que os pais estavam conversando em árabe com Ana (tradutora) e o assunto não era relativo à minha pesquisa. As anotações do diário de campo é o conteúdo relativo a grande parte do subitem procedimentos adotados para a coleta dos dados e de algumas falas das crianças que não eram referentes aos desenhos.

3.3.3 Procedimentos adotados para a coleta dos dados

O projeto de pesquisa obteve parecer em dezembro de 2017. Desta forma, iniciamos a pesquisa de campo em janeiro de 2018. Começamos com a busca de dados nos órgãos que poderiam ter informações sobre a população objeto da pesquisa, pois entendemos que seria mais coerente chegarmos até ela através de instituições que a atende. Depois verificamos que não seria possível chegar aos participantes por esse caminho, mas que as informações desses órgãos poderiam contribuir na nossa pesquisa para mostrarmos que existe essa população na cidade, mas a qual não é identificada como refugiada por questões de proteção contra preconceitos dificultando o conhecimento desse grupo. As informações dos órgãos visitados é parte dos resultados e discussão organizadas no subitem a criança refugiada em Campo Grande/MS.

Participamos de uma reunião do Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado do Mato Grosso do Sul (CERMA/MS) no dia 20 de março de 2018 (Anexo 2) que nos permitiram saber sobre os debates e políticas públicas sobre essa população realizados no Estado e em Campo Grande. Para obter informações sobre o grupo em questão fomos orientadas a procurar o Centro de Direitos Humanos de Mato Grosso do Sul (CADH).

Fomos ao CADH no mesmo dia para saber como poderíamos marcar uma entrevista para obter informações sobre as crianças refugiadas de Campo Grande. Nesse órgão tivemos a informação que não seria possível obter dados sobre crianças refugiadas no CADH, pois eles utilizam informações de outros órgãos. Assim, nos orientaram a procurar as Secretarias Estadual e Municipal de Educação.

Desse modo, procuramos as respectivas secretarias por meio de ofícios para informações sobre as crianças sírias refugiadas com idade entre 06 e 17 anos matriculadas nas respectivas redes (Apêndices D, E, F, G). Também buscamos informações por meio de ofício na Superintendência Regional no Mato Grosso do Sul da Polícia Federal - Delegacia de Imigração – Delemig (Apêndice H).

Com o objetivo de obtermos informações sobre o número de refugiados com filhos procuramos o MTE - Superintendência regional do trabalho e do emprego em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, pois esse órgão ao realizar a emissão da Carteira de trabalho e Previdência Social (CTPS) registra a nacionalidade e o número de filhos das pessoas solicitantes desse documento. Nesse órgão não tivemos a informação sobre a quantidade de refugiados em Campo Grande/MS, pois não realizam esse tipo de estatística, mas obtivemos o contato da palestina Ana.

Entramos em contato com Ana, residente em Campo Grande desde 2015, que nos contou sua trajetória e de sua família até chegarem a Campo Grande/MS. Tudo que passaram nos campos de refugiados e as dificuldades vividas no Brasil, devido a acordos não cumpridos de órgãos internacionais responsáveis pelo seu refúgio e de seus familiares. Muito engajada com a causa dos refugiados árabes em Campo Grande, geralmente ela sabe quando chegam novos refugiados árabes na cidade e quando estes vão embora.

Contamos a ela o tema e objeto de nossa pesquisa, o interesse em estudar os refugiados que residem em Campo Grande/MS, especialmente as crianças sírias, e que precisávamos do apoio de uma pessoa próxima a eles que falasse árabe para que pudéssemos entrar em contato com as famílias com filhos e, consequentemente, com as crianças para a realização de nosso estudo. Muito solícita, Ana se propôs a nos ajudar entrando em contato com as famílias sírias que tinham filhos com a idade de interesse da pesquisa.

Desse modo, entramos em contato com duas famílias (Família A e Família B) que se mostraram interessadas em autorizar seus filhos a participarem da pesquisa.

As visitas às famílias foram no começo da noite, a partir das 18 horas, os pais das duas famílias justificaram que preferiam nesse período porque era o horário em que todos os membros da família estariam em casa. Depois percebemos que eles viam as nossas visitas

como um encontro social, inclusive as mães se arrumavam e ficavam muito animadas por estarem recebendo visitas. A mãe da família B e as crianças C4 e C5 (Família A) comentaram que quando viviam na Síria sempre recebiam amigos e familiares e que nossas visitas as lembravam desses encontros. Destacaram que “a casa cheia” é algo muito apreciado por eles, referindo-se a um aspecto cultural dos árabes que gostam de receber.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Perfil dos participantes

Todas as crianças participantes da pesquisa eram crianças nascidas na Síria e pertencentes a famílias da religião Muçulmana. Vieram para o Brasil entre 2014 e 2015 com toda sua família. Dos cinco participantes da pesquisa quatro são meninas e um é menino. As idades foram 08 anos, 09 anos, 11 anos, 12 anos e 17 anos.

Em relação à escolaridade todos os participantes estavam matriculados em escolas da rede pública de ensino (municipal e estadual). A Criança C1 (menina, 8 anos) 3º ano do Ensino Fundamental, C2 (menina, 9 anos) 3º ano do Ensino Fundamental, C3 (menino, 11 anos) 5º ano, C4 (menina,12 anos) 6º ano, C5 (menina, 17 anos) 2º ano do Ensino Médio.

4.2 Família A

Visita à família A – Crianças C1, C4 e C5

A primeira família que visitamos é síria, tem cinco filhos, sendo quatro meninas e um menino, residem em Campo Grande há 4 anos, vieram juntos saindo do Líbano e chegaram a Campo Grande no começo de 2014. Das crianças apenas três enquadraram na faixa etária da pesquisa, uma de 8 anos (C1), nasceu na Síria, saiu desse país com 4 anos; uma de 12 anos (C4), nasceu na Síria, saiu desse país com 8 anos e uma de 17 anos (C5) nasceu na Síria, saiu desse país com 13 anos.

O encontro com essa família ocorreu de forma tranquila, eles se mostraram solícitos e participativos. Uma percepção que tivemos foi a forma como eles gostam de ficar juntos, toda a família nos esperava na sala, como se fôssemos uma visita aguardada. A conversa, por mais que fosse uma entrevista para coletar dados, ocorreu de maneira descontraída. Tivemos a ajuda de Ana como tradutora, pois a mãe não sabia português, o pai sabia, mas ainda tem dificuldades com frases mais complexas. Dos cinco filhos do casal, não fala português apenas a mais nova de 3 anos que nasceu no Brasil.

O encontro foi marcado por diferenças culturais, pois chegamos na hora da oração da noite – o *´Ichá*, o pai não nos cumprimentou com as mãos somente colocou a mão no peito e acenou com a cabeça. A tradutora explicou que ele já havia feito a lavagem das mãos e que não poderia tocar mais nas mãos de uma mulher para não ficar impuro. Entendemos e respeitamos, logo, nos apresentamos e pedimos a permissão para falar com sua esposa e realizar a aplicação dos desenhos com as crianças. Ele permitiu e assinou os termos de consentimento livre e esclarecido de cada criança participante. Logo em seguida saiu para ir à

mesquita. Ficamos com a esposa que se prontificou a responder questões sobre a chegada da família a Campo Grande e algumas perguntas sobre as crianças.

Logo em seguida iniciamos a aplicação dos desenhos, as crianças estavam animadas. Explicamos que seria pedido a elas que realizassem alguns desenhos e conforme fosse dada a folha seria explicado qual deveria ser feito. Elas fizeram os desenhos na sala da casa em uma mesa de centro, lugar escolhido por elas. Nesse caso, a aplicação foi conjunta, mas as perguntas direcionadas a cada desenho foi feita de maneira individual, logo que a criança finalizava o desenho para que ela pudesse esclarecer o seu conteúdo.

O primeiro desenho foi a casa, o segundo a árvore, o terceiro a pessoa, o quarto a família e o último o animal. Elas realizaram todos de maneira tranquila, a menina de 17 anos era mais rápida, a de 8 anos demorava mais e desenhava mais elementos. Todas as vezes que elas terminavam o desenho questionávamos sobre ele e sobre os elementos que apareciam e que não tinham sido pedidos.

Como a aplicação dos desenhos demorou, deu tempo para o pai retornar da mesquita e conversar conosco. Assim, ele falou sobre o desejo de ir embora de Campo Grande, pois aqui não teve oportunidades de trabalho para ele. Somente o filho mais velho estava trabalhando e que estava pensando em migrar para São Paulo com toda sua família.

Agradecemos a sua participação e a permissão da participação de suas filhas. Falamos sobre a possibilidade de mais encontros e pedimos seu e-mail, pois tivemos a impressão de que eles poderiam não estar em Campo Grande, caso precisássemos encontrá-los novamente.

Durante as análises dos desenhos das crianças dessa família verificamos que a casa feita por elas era a da Síria e que alguns desenhos da pessoa e da família, estavam relacionados a pessoas refugiadas.

A visita a essa família ocorreu no dia 12 de março de 2018, com duração de aproximadamente 4 horas. A entrevista com os pais teve duração de uns 50 minutos e a aplicação dos desenhos com as crianças C1, C4 e C5 ocorreu no mesmo dia com duração de aproximadamente 2 horas e meia.

Neste primeiro encontro ficou evidente a importância de ir com uma tradutora/mediadora cultural, pois não poderíamos nos reportar diretamente às crianças, mas aos pais. A mãe não falava português e o pai por conta da religião não se sentia à vontade em falar com mulheres casadas. A tradutora que era solteira e entendia um pouco da religião Islâmica nos explicou como deveríamos nos portar ao pai.

4.2.1 Entrevista com os responsáveis

Na entrevista perguntamos para os dois adultos da casa qual é o grau de parentesco deles com a criança, *dizem que são os pais*. Qual é o país de origem? *Síria*. Qual a data de saída da Síria? *Toda a família saiu da Síria em outubro de 2013 com destino ao Líbano e Toda a família saiu do Líbano em fevereiro de 2014 com destino ao Brasil.* A data de chegada ao Brasil e Campo Grande foi no mesmo mês. Pergunto porque eles vieram morar em Campo Grande? *O pai responde que um primo da esposa mora em Campo Grande há 15 anos (nesse momento o pai diz que terá que sair, ele vai para a mesquita, e diz que a sua esposa (mãe) seguirá com a entrevista com a ajuda das filhas e de Ana).* Quantos filhos você tem? *Cinco filhos, quatro meninas e um menino*. Qual a idade deles? *As meninas têm 3 anos, 8 anos, 12 anos e 17 anos. O menino 19 anos*. Todos estão em Campo Grande? *Sim, todos chegaram juntos*. Você considera que seus filhos estão se adaptando bem em Campo Grande? *Sim. Eles gostam da cidade, vão à escola, comem comida brasileira, mas é raro porque fazemos comida árabe em casa. Meus filhos comem comida brasileira, mas nada de porco*. Seu filho (a) fala português? *A mais nova de 3 anos que nasceu no Brasil só fala árabe, os mais velhos falam português.* Como seu filho (a) aprendeu português? *Na escola e com os amigos brasileiros que falam árabe e árabes que falam bem português.* Seu filho (a) vai à escola aqui em Campo Grande*? A mais nova de 3 anos não vai à escola, mas os outros quatro filhos vão.* Você considera que seu filho (a) está tendo boa integração cultural (gosta da comida, da escola, dos novos amigos, das brincadeiras)? *Sim. Elas têm amigos na escola. A mãe sugere que perguntemos para as meninas sobre o que elas gostam. Então perguntamos para as crianças: C1 sobre a comida, diz que não gosta muito, que amigos ela tem uns dez, todos da escola e que ela gosta muito das brincadeiras. C4 me diz que não gosta de comida brasileira, que só come uma ou duas vezes por ano, prefere comida árabe. Diz que tem muitos amigos e gosta das brincadeiras. Mas fala sobre o que sua irmã (C5) vive na escola por usar lenço, "As pessoas acham que minha irmã não tem orelha e nem cabelo" C5 começa a falar: "é mesmo, as pessoas acham que eu não tenho orelha e nem cabelo, por isso uso lenço, as pessoas aqui são sem noção* (se refere as crianças brasileiras que fazem *bullyng* por ela usar véu, mas acha que as crianças fazem isso porque não entendem sua religião), *não entendem a religião dos outros eu nem ligo..., mas as outras pessoas têm que entender a religião das outras, muito sem noção. Eu explico que tenho orelhas e cabelo, mas já desisti". C5 diz que gosta de alguns pratos de comida brasileira principalmente de bobó de frango, diz ter vários amigos e considera Campo Grande um lugar fácil de fazer amizades. Mas acha chato que os*

amigos da escola não saibam nada sobre sua religião. Comenta o fato deles acharem que ela não tem cabelo e nem orelhas por isso usa lenço. Sobre as brincadeiras ela diz participar de alguns eventos na escola só para socializar para não e sentir afastadas dos amigos. Perguntamos à mãe se esta considera que sua família está sendo auxiliada por instituições que acolhem refugiados aqui em Campo Grande? *Não tivemos ajuda de nenhuma instituição, só de nosso primo que nos ajudou a achar moradia e alguns móveis que temos foram doações.*

4.3 Família B

Visitas à Família B – Crianças C2 e C3

A segunda família que visitamos também é uma família Síria, tem três filhos, sendo duas meninas e um menino, todos residem em Campo Grande desde 2015. O pai chegou primeiro a Campo Grande, em junho de 2015, a mãe e as crianças de 9 anos (C2) e de 11 anos (C3), ambas nascidas na Síria, e com 06 e 08 anos à época, chegaram a Campo Grande em outubro de 2015. A terceira filha do casal, uma menina de 1 ano e cinco meses, nasceu em Campo Grande.

O primeiro encontro ocorreu no dia 02 de abril de 2018 toda a família nos aguardava e estava animada com nossa visita. O pai foi muito receptivo e procurou nos deixar muito à vontade, várias vezes nos serviu Chá, café árabe e no final do primeiro encontro bolo. Por mais que falássemos para não se incomodarem com nossa presença, eles enfatizaram todas as vezes que estavam muito felizes em nos receber e que erámos como amigos na sua casa, portanto, era para nos sentirmos em nossa casa. A mãe nos disse que estava muito feliz com nossa presença. Nesse momento o pai disse que era muito importante para eles receber pessoas para conversar com sua esposa, ainda mais quando uma pessoa falava a língua deles, eles realmente estavam muito animados com esse encontro por ter a possiblidade de falar árabe. A sensação de "casa cheia" era algo muito bom e que na Síria eles sempre recebiam muitas pessoas, a casa estava sempre cheia de amigos e familiares.

Apesar de o pai estar confortável falando árabe com Ana, ele se esforçou em falar português, mas tinha dificuldade em formar frases complexas, e se irritava quando não conseguia transmitir o que de fato gostaria de passar. O início da conversa foi marcado por uma explicação sobre o motivo político dos conflitos que estão acontecendo na Síria, ouvimos atentamente e deixamos ele se expressar.

Embora o pai nos convidasse para expor nosso ponto de vista sobre os conflitos que estão ocorrendo na Síria, fomos imparciais, pois percebemos que ele estava tomado por

patriotismo e também um pouco emocionado por falar sobre seu país. Nesse momento, ele perguntou para Ana de como conseguimos informações sobre ele. No decorrer da entrevista perguntou várias vezes para Ana como chegamos até ele, ela explicou que teve a informação por meio de um familiar que havia o contratado para a prestação de um serviço e, assim, ficou sabendo que ele era refugiado Sírio e que tinha filhos. Pedimos ao pai que assinasse o TCLE, ele assinou prontamente e me disse que sua família estava à disposição para a realização da pesquisa.

Neste encontro a nossa conversa foi interrompida por um toque de celular anunciando a hora da oração, todos os membros da família pararam de conversar e começaram a orar, a mãe ficou ensinando a criança de 1 e cinco meses a fazer a oração. Ana comentou posteriormente que os muçulmanos fazem cinco orações por dia, em horários definidos, estávamos presentes no momento da oração da noite o *´Ichá*.

O primeiro encontro foi tranquilo, nos sentimos bem aceitas pela família e pelas crianças, mas como a entrevista com os pais foi muito longa, durando mais de duas horas, não foi possível realizar a aplicação de todos os desenhos nesse dia, elas fizeram neste dia a casa 1 e a árvore. Agradecemos aos pais pela disponibilidade em nos receber e pedimos que nos permitissem realizar mais encontros, marcamos o segundo encontro para o dia seguinte.

No segundo encontro chegamos no horário da oração da noite, aguardamos o pai finalizar. Ele nos convidou a entrar, mas disse para ficarmos com sua esposa, pois ele ainda iria fazer mais orações. Assim, Ana ficou conversando com a mãe. Solicitamos a permissão para iniciar a atividade de desenhos com as crianças.

Nesse encontro o pai falou sobre política ele se posicionou a favor do presidente atual, Bashar al-Assad, dizendo que este foi um bom governante por um tempo, que foi melhor que seu pai Hafez al-Assad. Para ele, a população síria viveu bem durante os primeiros anos do mandato de Bashar al-Assad, mas o governo americano não queria isso, porque a Síria não devia ao Banco Internacional, e todos os países devem, por isso começou a Guerra na Síria.

A elaboração dos desenhos foi bastante tranquila, C2 ficou numa mesa da sala de TV e C3 ficou na mesa da sala de jantar. Elas desenhavam de maneira bem calma, sabíamos que eles gostaria que fizéssemos outros encontros por isso faziam bem devagar, C3 falou: *eu queria que vocês voltassem mais vezes para minha mãe poder falar árabe*. Apesar de C2 não ter expressado o desejo de que ficássemos mais tempo ou que marcássemos outros encontros, percebíamos que ela compactuava com o irmão e só finalizava o desenho se percebesse que ele já havia terminado, ou seja, caso o irmão avisasse que havia terminado. Nesse encontro as

crianças fizeram a pessoa, a família, o animal e a casa 2. As crianças dessa família também apresentaram desenhos da casa na Síria.

Nesse encontro o pai também falou sobre religião, nos mostrou um quadro com o nome de Alá e nos falou sobre a importância de acreditar em Alá, ouvimos atentamente. Ao final do encontro agradecemos a todos pela colaboração. Sempre muito solícito o pai disse que poderíamos voltar caso precisássemos e sugeriu que após o término da pesquisa voltássemos para comermos doce árabe em comemoração. O final do encontro foi muito divertido, mas as crianças estavam tristes porque iriamos embora, nos perguntaram se não iríamos mais voltar, dissemos que poderíamos voltar caso precisássemos esclarecer alguma coisa relacionada à pesquisa, ficaram mais animadas e nos acompanharam até o portão.

O primeiro encontro ocorreu no dia 02 de abril de 2018 e durou aproximadamente quatro horas e meia. O segundo encontro foi no dia 03 de abril de 2018, com aproximadamente 4 horas de duração.

4.3.1 Entrevista com os responsáveis

Durante a entrevista perguntamos qual o grau de parentesco com as crianças, respondem que são os pais. Qual é país de origem? *Dizem Síria*. Data de saída da Síria. *O pai saiu da Síria em junho de 2015. A mãe e os filhos do casal em outubro de 2015. Eles vieram direto da Síria para Campo Grande. O pai em junho de 2015, a mãe e as crianças em outubro de 2015.* Por que sua família veio morar em Campo Grande? *Um amigo do pai que é sírio mora em Campo Grande, disse para ele que aqui é uma cidade segura*. Quantos filhos vocês têm? *Três filhos*. Qual a idade deles? *Uma menina de 1 ano e cinco meses, outra menina de 9 anos e um menino de 11 anos. Todos estão em Campo Grande.* Você considera que seus filhos estão se adaptando bem em Campo Grande? *O pai diz que preferia não falar, que achava que os filhos que deveriam falar sobre o que eles sentem. Eu prezo a democracia, é melhor vocês perguntarem para as crianças. Eu não posso sentir o que eles sentem, somente eles podem falar sobre eles mesmos*. Então perguntamos às crianças. *C2 diz gostar de Campo Grande e dos amigos, também disse que aqui morou num lugar que tinha piscina, acha que aqui é seguro, e gosta daqui porque aqui ela conseguiu ir para a escola. C3 diz gostar de Campo Grande e gostou que quando veio morar aqui ficou num hotel que tinha piscina, ficamos no hotel quatro ou cinco dias até acharem uma casa. Minha mãe não precisava ficar limpando.* Seu filho (a) fala português? *A mais nova de 1 ano e cinco meses que nasceu no Brasil só fala árabe, os outros dois falam português*. Como seu filho (a)

aprendeu português? *Na escola.* Seu filho (a) vai à escola aqui em Campo Grande? *A de 1 ano e cinco meses não vai, ela fica com a mãe, e conta que esta filha foi um presente de Alá para fazer a sua esposa a se ocupar e não ficar triste aqui no Brasil longe da família da Síria. Os outros dois filhos vão à escola.* Você considera que seu filho (a) está tendo boa integração cultural (gosta da comida, da escola, dos novos amigos, das brincadeiras)? *É melhor perguntar para eles, pois eu não posso falar sobre um sentimento que é pessoal deles, eu não posso sentir o que eles sentem. Somente eles podem falar sobre eles mesmos.* Então perguntamos às crianças. *C2 diz gostar daqui porque ela foi para a escola, aprendeu a falar português e que aqui têm vários amigos. Meus amigos dizem que eu sou uma princesa, eles dizem: a C2 é uma princesa viva! Sobre comida diz que gosta de arroz e frango. Nos perguntou se sabíamos fazer arroz e feijão*, dissemos sim. *Ela seguiu perguntando e Chipa?* Perguntamos: você gosta de chipa? *Sim. Gosto muito. Hum, é muito gostoso. Em seguida nos perguntou: O que vai na chipa para fazer?* Explicamos os ingredientes: vai polvilho, ovos, queijo, sal, leite. Ela segue: *põe queijo dentro da chipa?* Dizemos, sim, na massa vai queijo, aí mistura tudo. *Ela olha surpresa, não põe dentro queijo?* Não entendemos muito bem, mas dizemos, pode ser também, mas a receita é misturar tudo na massa. *Ela perde o interesse no assunto. C3 diz que gosta daqui porque aqui é seguro não tem guerra, e que tem os amigos na escola.* Perguntamos aos pais você considera que sua família está sendo auxiliada por instituições que acolhem refugiados aqui em Campo Grande? *Um brasileiro de origem árabe aqui de Campo Grande nos deu essa casa para morar. Alguns amigos tentaram ajudar através da Prefeitura, mas são poucos sírios em Campo Grande.*

4.4 Considerações gerais sobre os encontros e entrevistas com as duas famílias

As visitas e entrevistas com os pais permitiram compreender alguns aspectos verificados nos desenhos, principalmente os referentes à religião, à política e à cultura árabe. A cultura árabe é representada principalmente pela comida, tanto os pais como as crianças acham que a comida árabe é a melhor do mundo. Para eles é muito importante que os alimentos servidos sejam receitas árabes com temperos típicos. No caso da Família B que trabalham com comida árabe, o próprio trabalho da família é com algo que representa a sua cultura. Em vista disso notamos que a comida se configura como um elemento que demarca fortemente a identidade de seus membros. Os encontros foram marcados por momentos em que a comida árabe, o chá, o café árabe a recepção calorosa com a preocupação em deixar o copo da visita sempre cheio. Isso nos levou a refletir que essa postura é uma maneira de não

se distanciar das suas origens, uma forma de trazer seu mundo para o local onde estão. Cabe aqui uma análise sob a ótica do conceito da PA de apropriação que postula que o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu (Cavalcante & Elali, 2017).

As duas famílias moravam em lugares relativamente próximos à mesquita, Família A 1,9 km, Família B 2,5 Km. Percebemos na visita à Família A que para o pai realizar a oração da noite na mesquita era muito importante, tanto que ele somente nos recepcionou e tomou conhecimento sobre o que se tratava e foi para a mesquita. Truzzi (2008) fala sobre a importância para os muçulmanos em residir próximo à mesquita, segundo ele esse é o lugar em que a comunidade se reconhece, no qual as informações circulam, as pessoas se encontram, as relações são restauradas, os matrimônios tecidos, as visitas de autoridades recebidas, as comemorações celebradas, os negócios discutidos etc. Do ponto de vista da PA, podemos ver o morar perto da mesquita como uma forma de fazer do novo local seu espaço, seu território e, por conseguinte, apropriar-se dele. Morar próximo à mesquita faz com que eles se apropriem do lugar, e façam desse o seu lugar.

Outra questão verificada em relação à religião foi a importância das orações, todas as visitas foram marcadas de alguma forma pelos rituais da oração. Na visita à Família A tivemos o impasse de não poder cumprimentar o pai porque já havia feito o ritual da lavagem das mãos e dele nos deixar na casa com a mãe das crianças porque precisava ir até a mesquita fazer a oração da noite. No caso da Família B todos os moradores da casa estavam envolvidos na oração da noite, deu-nos a impressão de que eles eram praticantes fervorosos do Islamismo, o que foi confirmado pela tradutora. A importância da prática da oração nos períodos definidos, na segunda família ficou evidente em três momentos: no primeiro encontro chegamos no começo da noite, o pai já não nos cumprimentou porque já havia feio a lavagem das mãos; nesse mesmo encontro a entrevista com os pais foi interrompida por um toque no celular para oração da noite feita em árabe, o terceiro momento foi no segundo encontro, quando chegamos o pai estava fazendo a *Ichá* na sala, utilizando um tapete típico, voltado para Meca.

Os muçulmanos realizam cinco orações diárias a Salá, Salat ou Salah (em árabe: صلاة) refere-se às cinco orações públicas que cada muçulmano deve realizar diariamente, voltado para Meca. Para Durand (2003), os cinco pilares do Islamismo são: (1) A profissão do monoteísmo islâmico e da missão do profeta (*shahada*); (2) a oração corânica que deve ser realizada cinco vezes por dia (salat) e a oração comum, às sextas-feiras, na mesquita; (3) o jejum (*sijam*) do mês sagrado de Ramadã, o nono do calendário lunar, durante o qual foi

revelado o Corão, nesse período não é permitido beber, comer, fumar, ou manter relações sexuais, do alvorecer até o pôr-do-sol (*çawm*); (4) a esmola legal (*zakat*) que todo muçulmano é obrigado a pagar, se possuir de recursos materiais; (5) a peregrinação à Meca, que todo muçulmano deve fazer pelo menos uma vez na vida, se tiver condições (*hadjdj*).

Salat são as cinco orações que cada muçulmano deve realizar diariamente, voltado para Meca. Fazem parte dos pilares da religião e devem ser realizadas em horários específicos do dia: a primeira (*fajr*) feita antes do nascer do sol, a segunda (*zuhr*) feita entre o meio-dia e o fim da tarde, a terceira (asr) feita entre a tarde e o pôr do sol, a quarta (*maghrib*) feita após o pôr do sol e a quinta (*isha*) feita durante a noite, antes da meia noite. Faz parte do ritual das orações: as abluções, o chamamento realizado nos minaretes nos lugares que possuem uma mesquita e as genuflexões, ou seja, flexões da cintura, joelhos e tronco realizando os movimentos tradicionais das orações (Costa J. P., 2016).

A religião traz a marca do vínculo com o lugar de origem, mas ao mesmo tempo integra com o espaço em que vivem hoje, e faz com que eles façam desse espaço um lugar, visto que já estão imprimindo suas marcas (apropriando) e trazendo, assim, elementos de seu cotidiano de lá, para a sua vida aqui. De certo modo, esses aspectos são relevantes para que possam construir o sentimento de pertença ao lugar, contribuindo na construção de suas identidades.

Pudemos verificar na entrevista com a Família B que o pai tentou demonstrar que respeita o posicionamento de seus filhos. Um ponto interessante é a preocupação do pai em mostrar que é uma pessoa democrática: *Eu prezo a democracia, é melhor você perguntar para as crianças*. Seu país vive uma crise política suscitada, principalmente, pelos movimentos reformistas pró-democracia, esta surge no seu discurso, revelando o apego ao lugar, seu discurso mostra uma linha de pensamento voltado a sua história de vida, de lá.

A identidade de lugar aparece nas visitas por meio das lembranças do que viviam na Síria, tanto as crianças como os pais das duas famílias ficaram muito animadas por nossa presença, uma vez que para eles a "casa cheia" era uma coisa muito boa, e que na Síria eles recebiam muito, então poderem receber aqui, era muito bom.

4.5 As crianças e os desenhos

Neste tópico apresentamos os participantes, trazemos as análises dos desenhos e das entrevistas com os pais sobretudo a partir dos conceitos da PA de espaço e lugar, apropriação,

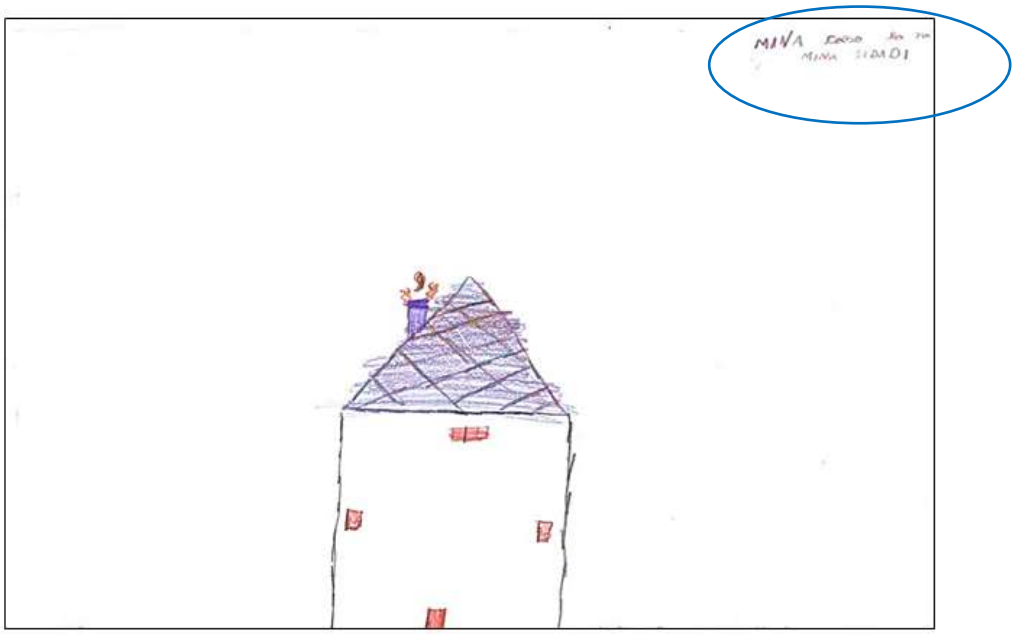
identidade de lugar e apego ao lugar. Também aparecem autores como Hall e Dubar. Com o intuito de compreender alguns aspectos culturais e religiosos, visitamos autores que estudaram árabes e muçulmanos como Marquese e Truzzi. No caso do entendimento sobre a migração e seus impactos destacamos Silva e Marandola. Para a análise dos traços os autores Hammer, Grubits e Darrault-Harris. Quanto a análise dos traços a partir de Hammer, adiantamos que são ponderações básicas, com maior ênfase nos aspectos culturais que se sobressaíram de forma mais evidente e nos pareceram mais adequados para aplicação dos conceitos da PA.

A partir da análise dos desenhos, das falas das crianças sobre eles e das entrevistas com os pais, os elementos: idioma, religião, comida, cultura, guerra, política, refugiados e organização familiar se destacaram, sendo elegidos como os principais elementos para a compreensão da construção da identidade dos participantes.

4.5.1 Criança C1 (Família A), 08 anos

Uma menina muito carinhosa (nos abraçou tanto na apresentação como na despedida, com muita ternura) e atenta, prestava atenção com seriedade em tudo o que era pedido, logo foi dizendo que gostava de desenhar, empenhou-se muito durante a elaboração, também ficou muito animada. Ela conversava com as irmãs (C4 e C5) que me repassavam o que ela queria dizer, então nessa dinâmica de comunicação nos falou que gostaria que voltássemos para que pudesse desenhar mais. Percebemos que apesar de animada, era um tanto tímida. Entendemos que essa timidez poderia ser ocasionada pela dificuldade que ela apresentava em falar português. Assim, se comunicava conosco através das irmãs que nos traduziam. Notamos que as irmãs eram muito atenciosas e tinham um sentimento de proteção pela irmã, elas não queriam que C1 se sentisse excluída no encontro por não falar português muito bem, então se esforçavam em explicar para ela tudo o que aconteceu durante o encontro.

Observei também que C1 buscava a aprovação das irmãs a respeito dos seus desenhos, as irmãs afetuosamente aprovavam e diziam que estava muito bonito e bem feito. Ela demonstrava muito respeito e admiração pelas irmãs. Depois, por meio de leituras sobre famílias muçulmanas, notamos que os irmãos mais velhos são uma referência e devem ser respeitados, são os substitutos dos pais. Então, no caso de C1, a aprovação e o orgulho das irmãs por ela estar fazendo algo bonito e bem feito era algo muito importante. Com isso C1 fez desenhos com riqueza de detalhes.



Desenho 1. Criança C1: Casa

Figura 2. Fotografia de um bairro na Síria antes da guerra
Fonte: Volta ao Mundo (2018).

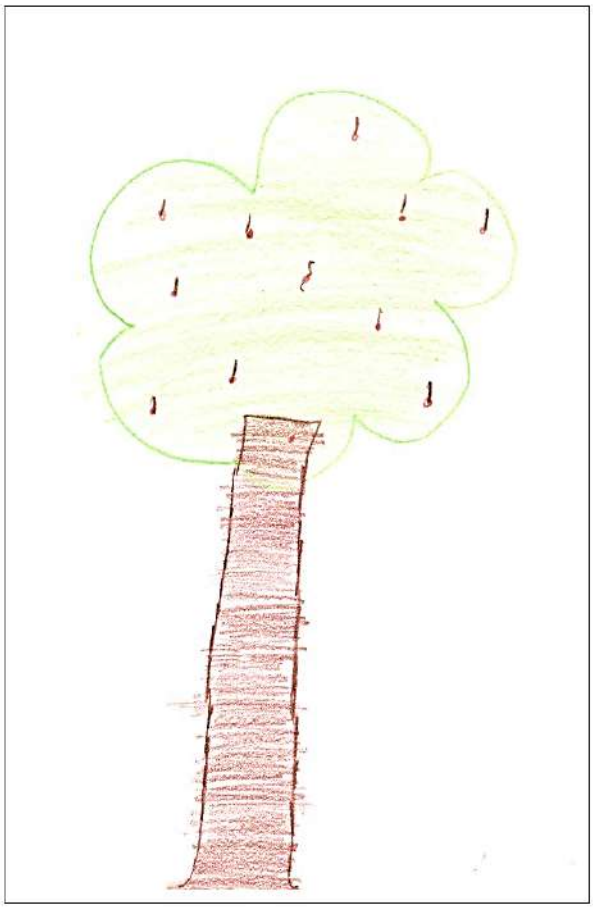
A casa apresenta os detalhes essenciais: telhado, paredes, porta (muito pequenas), janelas e chaminé. Portas muito pequenas geralmente indicam inadequação. Não apresenta linha de solo. Como detalhe acessório tem a frase: *mina casa la na mina sidadi,* evidenciando a sua ligação com o país de origem, por conseguinte, aspectos de apego ao lugar. O apego ao lugar, nesse desenho, configura-se na dimensão simbólica que se refere ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que atua como intermédio no relacionamento

pessoa-ambiente. O apego ao lugar também está relacionado à memória de lugares experenciados na infância (Cavalcante & Elali, 2017). O desenho da casa não tem cor, na Síria as casas não costumam ser pintadas, de modo que, geralmente, são com acabamento ao natural. Nessa perspectiva notamos que, C1 mostra um aspecto arquitetônico comum no seu país, como se vê na (Figura 2).

Sobre a casa C1 disse: *que era uma casa muito importante para ela e sua família, mas que não conseguia se lembrar dela*. Perguntamos se ela gostaria de conhecer essa casa, ela *acenou com a cabeça dizendo que sim*; C1 tinha dificuldades em falar português, mas entendeu o que perguntamos.

No círculo azul acima tem a frase: *mina casa la na mina sidadi* (minha casa lá na minha cidade). Ela não lembra da casa, pois chegou a Campo Grande muito pequena, porém reproduziu a casa parecida com os desenhos da casa das suas irmãs (Desenho 18 e Desenho 23) que, provavelmente, lembram e falam sobre a casa da Síria para ela, ou a família pode ter fotos.

Quando C1 diz: *mina casa la na mina sidadi*, percebemos que ela tem como referência de local a Síria, ela poderia ter desenhado a casa de Campo Grande, ou outra casa, enfim, mas ela desenhou a de lá, e ainda escreveu para que ficasse bem claro que era sua casa na sua cidade natal. Assim, notamos que a identidade de lugar também é uma categoria presente nesse desenho. Segundo Cavalcante e Elali (2017), a construção da identidade de lugar está associada a percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados aos entornos significativos para o sujeito. No caso de C1 apesar dela não se lembrar da sua casa na sua cidade na Síria, ela vivencia isso por meio de sua família que, possivelmente, lembra e conversa sobre sua casa na Síria e isso desperta em C1 o sentimento de pertencimento a este local.



Desenho 2. Criança C1: Árvore

A árvore está viva, está centralizada, não apresenta raiz nem linha de solo, copa com frutos. O desenho é colorido.

Pergunto sobre a árvore, ela nos diz: *é a árvore da família, a família é muito importante para mim, eu quero uma família muito grande*. Perguntamos que frutas são essas? Ela diz: *são frutinhas*, uma das irmãs diz: *são cerejas*. Pergunto para ela, são cerejas? *Diz que sim, acenando com a cabeça, em seguida fala com uma das irmãs em árabe*, que me traduz: *ela falou que gosta de cereja, mas que nunca viu uma árvore de cereja*. Pesquisando sobre a Síria descobri que a Síria é produtora de cerejas. As principais produções agrícolas da Síria são: trigo, cevada, legumes, azeitonas, uvas, cerejas e frutas cítricas (*Knowledge, evidence and learning for development*, 2017, tradução nossa). Certamente, a família fala sobre a fruta, pois a comiam na Síria. Mais uma vez vemos que C1 traz conteúdo referente a seu país de origem, mostrando a sua identidade de lugar.

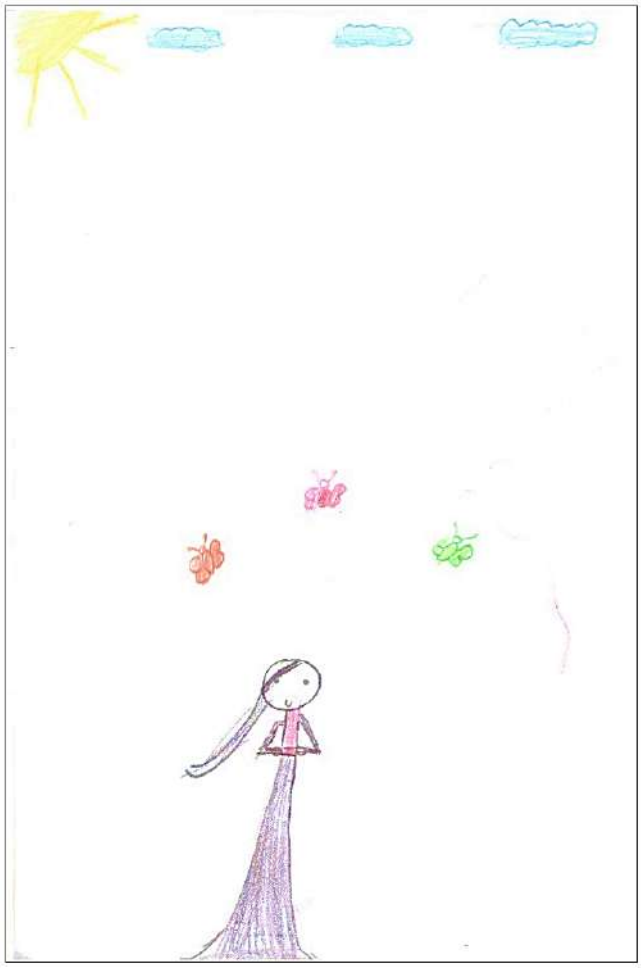
Os ambientes que compõem nossa identidade tanto podem existir concretamente quanto podem ser representados de forma simbólica em nossa mente: a eles nos referimos e incorporamos percepções e experiências vivenciadas, a partir de nossa visão de mundo e de

nosso autoconceito, conferindo sentido ao eu e integrando mudanças à identidade. Nessa perspectiva, é importante ressaltar o papel das lembranças na constituição do processo identitário, trazendo à mente identificações e diferenciações que habitam nosso passado ambiental. Assim sendo, são igualmente importantes para a formação da identidade de lugar tanto os sentimentos de pertença quanto os sentimentos de estranheza em relação aos ambientes.

Para Cavalcante e Elali (2017) os ambientes que compõem nossa identidade tanto podem existir concretamente como podem ser representados de forma simbólica em nossa mente. Nesse aspecto, é importante destacar a relevância das lembranças na construção do processo identitário que trazem à mente identificações e diferenciações que habitam nosso passado ambiental.

O seu discurso demonstra a importância da família e o seu desejo de ter uma família grande, a sua família é composta por sete membros. As famílias árabes muçulmanas geralmente são numerosas. Em consonância com Truzzi (2008), na percepção de árabes muçulmanos "constituir família e ter uma prole numerosa, contribuindo assim para o incremento do número de fiéis, constitui um valor tradicional da comunidade" (p. 48). Fica evidente que essa é a compreensão de C1 sobre a constituição de família. Além disso, como se pode ver a percepção de C1 sobre a família carrega conteúdos de aspectos culturais e religiosos intimamente ligados à sua identidade de lugar, visto que as pessoas com as quais ela se identifica nasceram ou vivem em um lugar no qual a constituição de famílias grandes é valorizada.

A identidade de papéis é iniciada nas relações entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada um, como pais, amigos e parentes. Desde crianças, os sujeitos iniciam processos de identificação de maneira consciente ou inconsciente com essas pessoas significativas e, desse modo, vão assumindo e experenciando papéis que servem de base para a afirmação da sua identidade futura (Jerônimo, 2012).



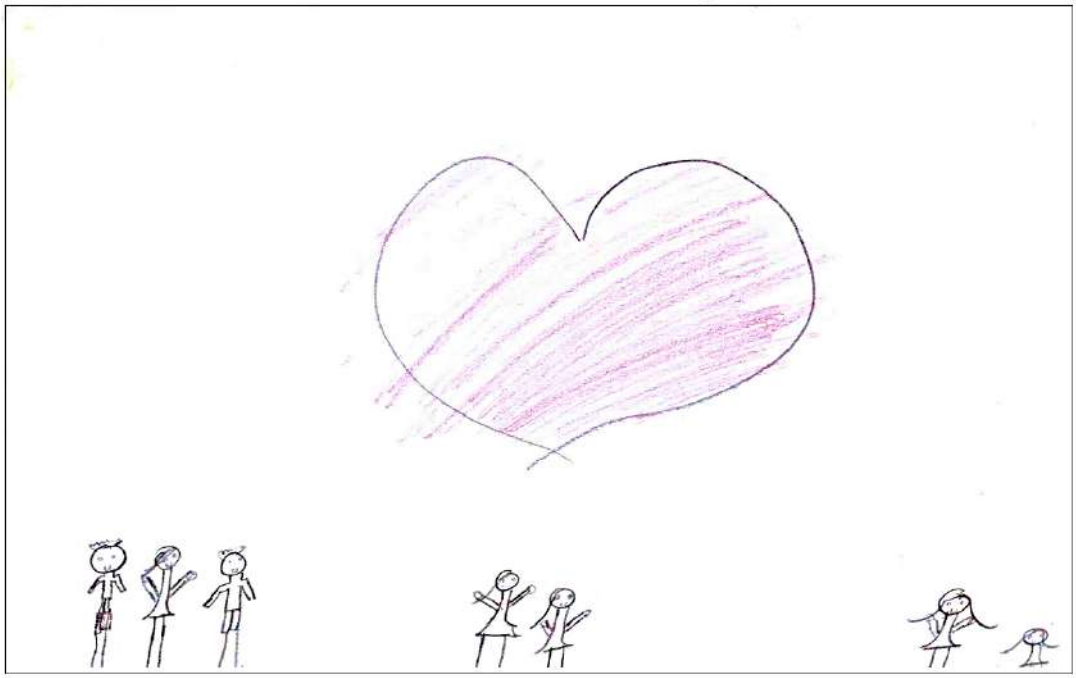
Desenho 3. Criança C1: Pessoa

O desenho da figura humana apresenta rosto, cabeça, tórax, roupas, braços, mãos (falta), pernas (faltam) e pés (faltam) a omissão é comum em crianças pequenas pode ser sinal de certo retraimento.

A pessoa no desenho de C1 é sua tia, irmã de sua mãe, que vive no Egito. Perguntamos para ela sobre a tia, ela fala em árabe, e uma irmã traduz: *é a minha tia que estava doente, agora ela está boa, ela está curada, por isso eu desenhei ela feliz*. A irmã explica que a tia está usando véu (hijab). C1 desenhou o véu muçulmano de forma lateralizada, também vemos esse elemento nos desenhos das outras crianças nas figuras femininas. O véu, nesse caso, parece-nos um demarcador da religião e do fato de ser mulher para C1. Para Cavalcante e Elali (2017), a construção da identidade é um processo que se passa por vários níveis, por conseguinte, além da designação como identidade pessoal, isto é, com as características específicas de cada indivíduo, ela se constitui também como identidade social, que se refere ao pertencimento a determinados grupos, por exemplo, identidade étnica,

profissional, feminina, e tantas outras. Podemos ponderar que, para C1, ser mulher e estar bonita como sua tia, inclui usar o véu.

É notório que C1 vê a sua tia como uma pessoa muito especial. A felicidade da tia é evidente tanto no semblante como nas cores do desenho, para ela a tia se curou e está saudável por isso está feliz. Mas ela nos informou que a tia vive no Egito país de língua árabe e de maioria muçulmana, fato que também poderia estar relacionado à felicidade de sua tia, visto que ela não precisou se refugiar para um país muito diferente no que diz respeito a aspectos culturais, religiosos e linguísticos.



Desenho 4. Criança C1: Família

O desenho da família apresentou todos os membros, um coração no centro e o agrupamento dos membros. Para Hammer (1991), o desenho da família permite penetrar no mundo psíquico do indivíduo, possibilitando entender a sua relação familiar.

A família desenhada por C1 é sua família – que é composta por sete membros. A Família aparece em grupos distanciados um dos outros e um grande coração. Sobre o coração ela diz*: é o coração da família é o amor que une toda a sua família*. Concluímos de sua fala que o coração representa o amor que une sua família e o fato de todos estarem bem e juntos. Observei no encontro que apesar da casa ser pequena e a família ser numerosa (sete pessoas e ainda abrigava mais um casal também refugiado) todos aparentavam, de certo modo, estar

bem e felizes nesse ambiente. O afeto e o amor que C1 diz existir na sua família, era perceptível na sua relação com as irmãs no contexto familiar.

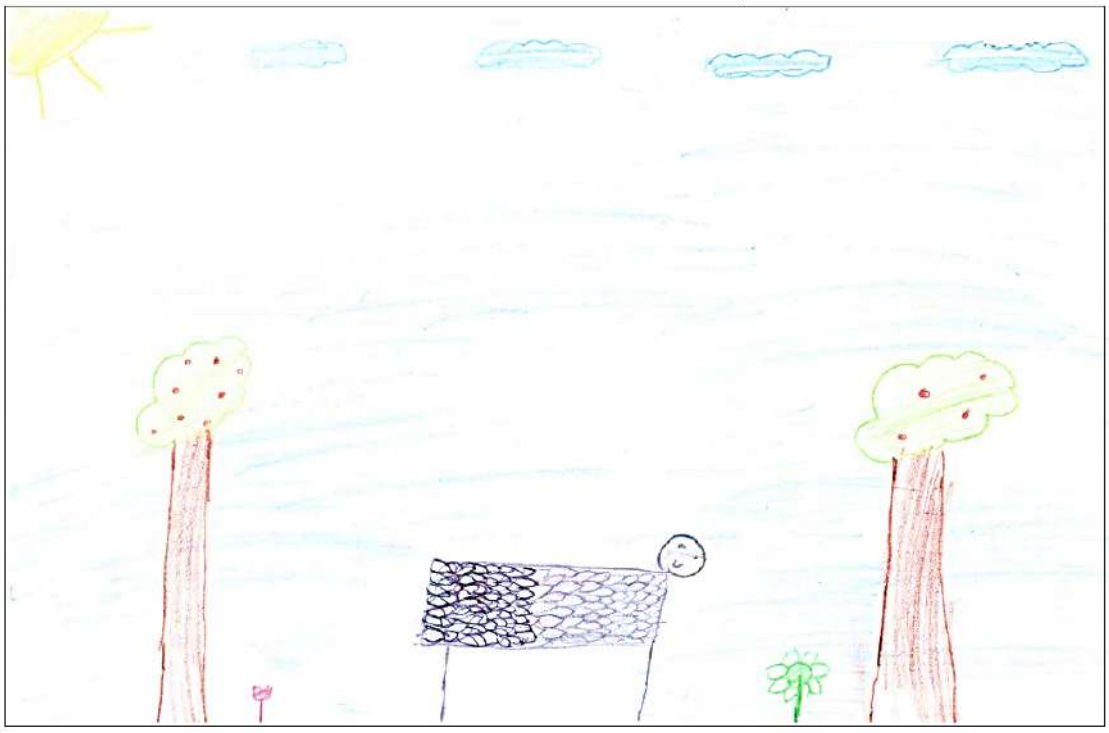
Ela dividiu a família em três grupos no primeiro aparece o pai, a mãe, o irmão mais velho, no segundo as irmãs C5 e C4, no último grupo ela e a irmã mais nova. C1 apresenta, por meio dessa divisão, a sua compreensão das reponsabilidades dos membros em relação ao cuidado. Ao desmembrar os grupos é como se ela me expressasse como é o funcionamento das reponsabilidades de cuidado entre os membros da família, o pai, a mãe e o irmão no primeiro grupo, cuidam-se e cuidam das irmãs e dela. A irmã mais velha C5 cuida de C4, e também de C1 e da irmã mais nova, C1 cuida da irmã mais nova.

A hierarquia familiar é nítida: o pai a mãe e o irmão mais velho estão no mesmo patamar de responsabilidades, eles são os primeiros e com mais responsabilidades na família. A irmã C5 e C4 são o segundo grupo mais importante, hierarquicamente elas se cuidam e cuidam de C1 e da irmã mais nova. Apesar de ela ter separado em grupos os membros da família, notamos que existe uma ordem: pai, mãe, irmão mais velho, irmã C5, irmã C4, ela, irmã mais nova, é uma organização por ordem de idade e grau de responsabilidades.

Os homens apresentam ombros e braços para baixo, já as mulheres que já são maiores tem os braços para cima, mas não têm ombros, a irmã menor, não tem braços. Notamos que o irmão tem os braços mais longos que o pai, na entrevista o pai havia dito que estava desempregado há algum tempo e que esse era o motivo de querer ir embora de Campo Grande, o filho mais velho estava trabalhando, a insegurança de um pai que não está conseguindo prover, pode ter sido representada na figura.

Na cultura árabe os homens da família devem ser os que garantem a segurança da família, quer seja pela força física (representado pelos ombros largos das figuras masculinas), quer seja pelo poder aquisitivo da segurança que o dinheiro proporciona. Truzzi (2008) em uma pesquisa com famílias árabes muçulmanas fala sobre essa responsabilidade, organizada por meio da tradição familiar, e ainda enfatiza o caráter eminentemente patriarcal dos valores presentes na tradição familiar. Nessa lógica, o homem é entendido como o responsável pela sobrevivência econômica, pelo destino e encaminhamento dos filhos, pelos assuntos de natureza social ou política. É a pessoa que decide, em última instância, sobre os assuntos externos ao lar. Justifica-se esse papel graças à sua maior experiência e exposição à vida pública.

Todas as figuras femininas com idade superior a C1, ou seja, a mãe, as irmãs C5 (17 anos), C4 (12 anos) apareceram usando o véu islâmico[12]. Não aparecem usando véu, ela de 08 anos e sua irmã de 03 anos. Marques (2008) numa pesquisa sobre comunidades islâmicas no Brasil, verificou que, embora o uso dessa vestimenta seja uma obrigação religiosa relacionada à modéstia e ao recato, sendo seu uso intensamente recomendado, tem ocorrido certa flexibilização quanto ao seu uso. C4 de 12 anos não estava vestindo véu no dia da nossa visita, mas no desenho de C1 apareceu de véu. É provável que fora do contexto familiar, isto é, em público, C4 use o véu.



Desenho 5. Criança C1: Animal

No desenho do animal verifica-se árvores, flores, nuvens, o vento e o sol. O desenho está colorido. O animal é o urso panda, simbolicamente quando pensamos neste animal vem à mente um animal meigo, porém forte.

Sobre o animal C1 diz: *é o urso branco e preto ele tem duas cores. Eu desenhei ele manso, mas ele gosta das pessoas, quando as pessoas visitam ele gosta. Mas ele tá na floresta, eu desenhei a floresta que ele vive*. Uma das irmãs diz: *Ela está falando do urso panda que apareceu na TV*.

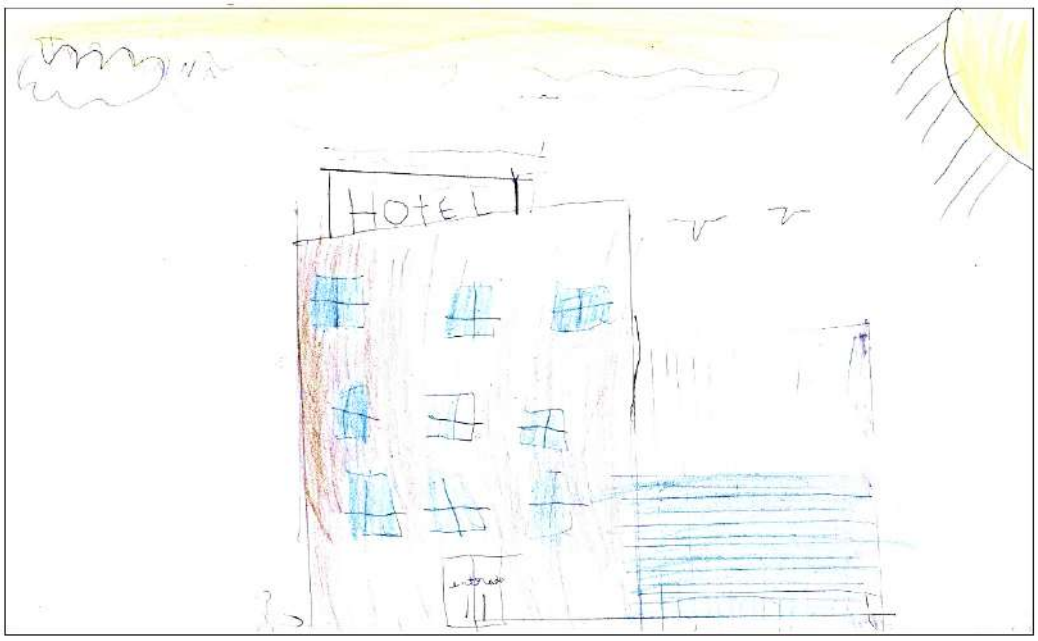
[12] Desenho de um traço lateralizado, semelhante ao desenho 3, em que foi verbalizado o uso do véu. Este mesmo traço foi visto nos desenhos das outras crianças, principalmente nos das figuras femininas em idade de uso da vestimenta e na representação da mãe.

Ao dizer que ela desenhou o urso na floresta, apesar de saber que este animal estava no zoológico, C1 estava dizendo que, assim como ela, o urso panda está fora de seu habitat natural, na sua compreensão este animal deveria estar na floresta, assim como ela e sua família na Síria. Além disso, ela desenha as cerejeiras, frutas que são comuns no seu país, sinalizando novamente um aspecto de seu país de origem, isto evidencia sua identidade de lugar. Em conformidade com Cavalcante e Elali (2017) a identidade de lugar é construída a partir dos espaços de pertencimento e vivência, estando presente nessa relação o tempo de exposição ao lugar e a possibilidade de modificá-lo em busca de satisfação. Ao aproximar objetos de pertencimento de seu país, como a cerejeira, para o contexto em que o urso está, simbolicamente ela está transformando esse espaço, no lugar ideal.

Quando C1 diz que o urso panda gosta de visitas, evento que percebemos ser apreciado por sua família, notamos que ela está revelando aspectos da identidade de lugar, visto que expõe uma característica de seu povo que gosta de receber, que fica feliz com a "casa cheia". Também nos mostra uma aproximação da realidade daqui, por meio da apropriação, ela tenta adaptar esse lugar representado, as suas necessidades. "Todavia, os cenários físicos mudam em sua capacidade de satisfazer necessidades e desejos, assim como o ideal interno de cenário físico do sujeito muda com seu ciclo de vida e seus interesses" (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 17, 9 par.).

4.5.2 Criança C2 (Família B), 09 anos

Uma menina tímida que nos disse que não gostava de desenhar, apresentou muita dificuldade em falar português, mas ainda assim se comunicou bem. Notamos que apesar de C2 apresentar admiração e respeito pelo irmão mais velho ela queria mostrar que podia fazer as mesmas coisas que ele. Assim, ficou evidente um clima de disputa com o irmão. C2 tinha, de certo modo, uma ânsia em nos mostrar que, apesar de ser mais nova e mulher, ela podia realizar as mesmas coisas que seu irmão. Nas configurações familiares muçulmanas os filhos, especialmente os homens, são entendidos como responsáveis pela continuação da família, o que pressupõe que a notória preferência por filhos homens está associada à razão deles representarem a continuação da família e de seu sobrenome (Truzzi, 2008). Desse modo, o comportamento de C2 de certo modo sinalizava certa relutância em aceitar essa posição de prestígio do irmão.



Desenho 6. Criança C2: Casa

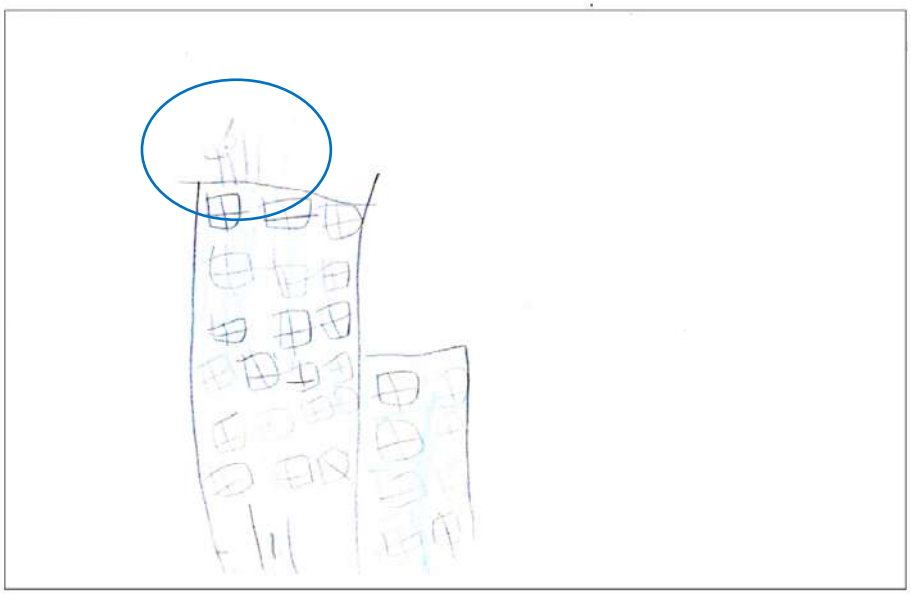
Este desenho foi o primeiro feito por C2 quando sugerimos a realização de uma casa. Porém, notamos que é um hotel. Sobre esse desenho ela diz o seguinte: *quando caiu o muro da minha casa eu fui para um hotel, tinha café da manhã, não precisa fazer nada, tem piscina, tomei banho de piscina, estava sol e estava mais ou menos quente. Eu gosto muito de hotel tem muitas coisas para a gente comer, dá para morar num hotel*. Também fala: *é um pôr do sol por isso está tudo amarelo, os riscos ao lado é a garagem, têm nuvens e pássaros* e diz: *não pintei as nuvens porque não estavam certas.*

Nessa figura C2 observou o que o irmão estava desenhando e fez o mesmo. Eles estavam em lugares separados, mas mesmo assim ela ia ver o que ele estava fazendo e ficou um pouco desapontada pelo seu desenho, por achar que não ficou tão bom quanto o de seu irmão. Interpretamos essa necessidade de fazer as coisas igual ao irmão como uma forma de mostrar que podia fazer as mesmas coisas que ele, mesmo sendo menina, o irmão a tratava de forma carinhosa, mas ao mesmo tempo dura, a colocando em uma posição de submissão, e ela queria de alguma forma dizê-lo que ela tinha suas próprias decisões e podia fazer as mesmas coisas que ele.

Observamos nas visitas à essa família que as crianças têm responsabilidades no negócio da família que trabalha com a venda de comidas árabes. As crianças ajudam na preparação. O fato de C2 falar sobre o hotel como um local de relaxamento, que não precisava fazer nada, nos leva a pensar que ela se refere ao hotel como um lugar que proporciona a saída

das responsabilidades do cotidiano, um momento de diversão para ela e a família que trabalha muito para conseguir se manter financeiramente.

Apesar de C2 falar de forma empolgada das mordomias do hotel, notamos que ela fazia referência a um não-lugar. Augé (1995) define não-lugares como espaços de trânsito que são incapazes de dar forma a qualquer tipo de identidade, caracterizam-se pelo não relacional, não identitário e não histórico. São exemplos de não-lugares os aeroportos, hotéis, estações de metrô e campos de refugiados. São espaços por onde circulam pessoas e bens, entendidos como espaços de ninguém, portanto não geradores de identidade.



Desenho 7. Criança C2: Casa 2

Figura 3. Fotografia de prédios na cidade síria de Aleppo
Fonte: Portal Terra (2014).

A casa é um prédio, apresenta os detalhes essenciais: porta, janelas (muitas) e teto. É acromático e apresenta certa inclinação, dando a impressão de que vai ruir.

Como no primeiro desenho da casa C2 desenhou um hotel, entendemos que ele não nos deu conteúdo para análise dos elementos identitários que precisávamos, por se tratar de não-lugares. Assim, foi sugerido um segundo desenho da casa.

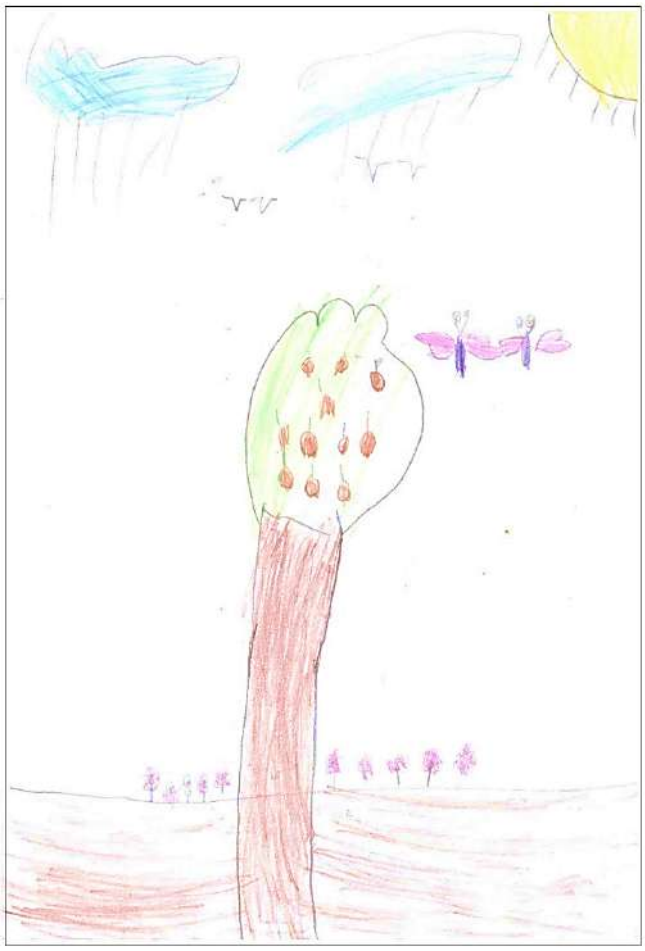
Perguntamos o que significava o desenho encima da casa (círculo azul) ela disse: *é o nome de Alá em árabe*. Perguntei é um prédio? Ela falou: *que era um prédio, mas era um prédio da Síria e que os prédios na Síria caíram*. Notamos que C2 expõe a religião no seu desenho e na sua fala a angústia da guerra.

De fato, o desenho reproduz a arquitetura de prédios geminados, comuns em cidades sírias como Aleppo (Figura 3). Inferimos de seu desenho que ela avoca a memória de um local, que faz sentido para ela e, ainda, pontua os problemas vividos pela população devido à guerra, prédios caem devido aos bombardeios. A memória sobre o local de nascimento é entendida por Morval (2009), como uma memória que fica para sempre, para ele o lugar onde residimos desde que nascemos está intimamente vinculado com cada um de nós e adquire subjetividades estranhas. Nesse caso, locais como a cidade natal ou a aldeia, a escola primária, são lugares nos quais as primeiras relações extrafamiliares são criadas, ficando para todo o sempre os pontos de suporte das recordações mais distantes.

Para a PA a memória de lugares em que se viveu, está associada ao conceito de apego ao lugar, mais precisamente na dimensão simbólica, dado que ela lembra e descreve um lugar que viveu. Os ambientes que integram nossa identidade podem existir concretamente, ou simbolicamente. Nesse sentido, é relevante acentuar o papel das lembranças na construção do processo identitário (Cavalcante & Elali, 2017).

Sobre a palavra Deus em árabe desenhada na casa por C2 verificamos que a religião era muito importante para a Família B, eles justificavam a sua vinda a Campo Grande e a sobrevivência da Guerra na Síria como um resultado da sua fé, Alá havia os direcionado até aqui. Toda essa concepção religiosa é passada para C2 que a representa nos traçados da casa. Assim, a religião se configura como um elemento importante na construção de sua identidade.

Hall (2003), ao discutir a construção da identidade, considera que existe sempre um duplo enfoque ao mesmo tempo que internalizamos os significados e valores culturais, convertendo os em parte de nós, também projetamos a nós próprios nessas identidades culturais das pessoas que fazem parte de nosso contexto de convivência. Por identidades culturais entendemos as referências que aparecem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.



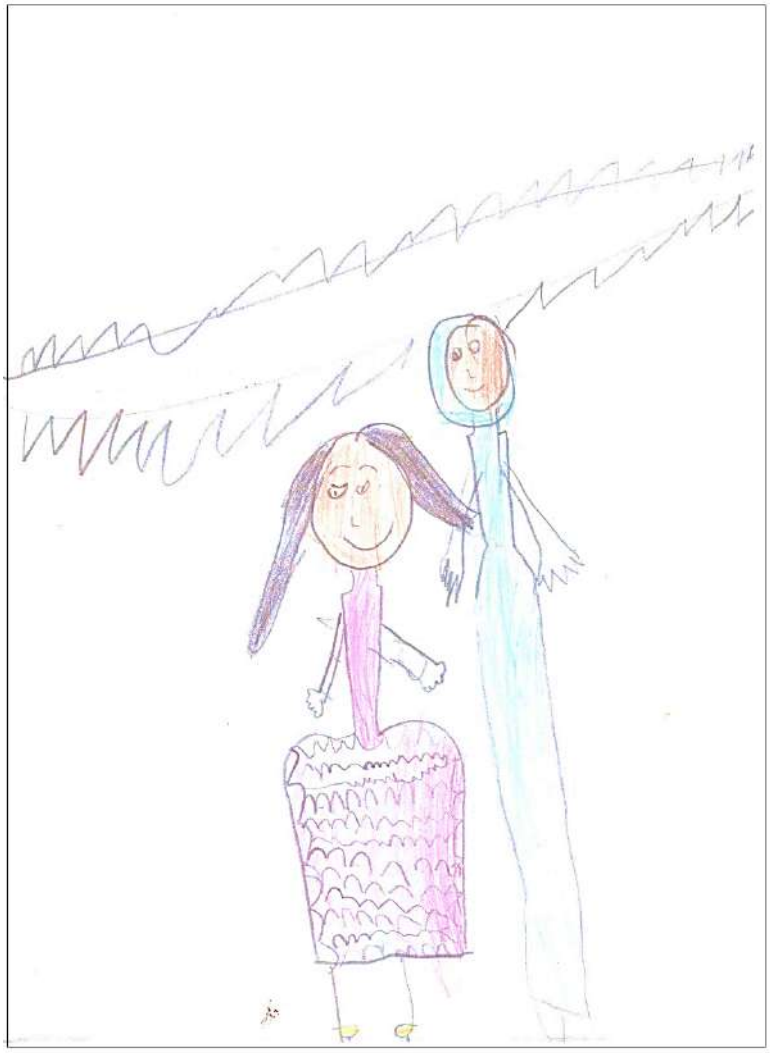
Desenho 8. Criança C2: Árvore

A árvore está viva, seu tronco está inclinado para a direita, a linha do solo corta o tronco revelando uma certa transparência dando a impressão de que é a raiz. Transparências geralmente revelam falhas de contato com a realidade.

A respeito da árvore ela fala: *desenhei uma árvore de laranja, porque gosto de laranja. Aqui no Brasil tem muita laranja, eu gosto muito de laranja, eu gosto que aqui tem laranja*. Sobre as borboletas disse: *fiz para deixar o desenho mais bonito, a chuva caindo das nuvens é para crescer as plantas.*

Ao dizer que gosta que aqui tem laranjas, ela aponta uma característica do lugar que a agrada. O processo de apropriação se dá mediante o olhar que torna as coisas conhecidas despertando no sujeito um sentimento de domínio e familiaridade em relação ao objeto e lugar (Cavalcante & Elali, 2017). A PA entende que o processo de envolvimento com o lugar envolve dois aspectos: a dependência do lugar (*place dependece*), que se refere às vantagens comparativas do lugar (o que tem ali que não tem em outros lugares); e a identidade com o lugar (*place identity*), que manifesta as características do lugar com as quais a pessoa se

identifica, vendo-se nele (Hernández et al., 2007 citados por Marandola & Gallo, 2010; Lewicka, 2008 citados por Marandola & Gallo, 2010). Por mais que dizer que gosta que aqui tenha laranjas pareça algo simples, não o é de fato, pois esse raciocínio de C2 expressa característica daqui (Campo Grande/Brasil), que ela gosta e se identifica, gostando de estar aqui e vendo-se neste local.



Desenho 9. Criança C2: Pessoa

O desenho da figura humana revela os detalhes essenciais cabeça, tronco, braços, pernas e traços faciais. Apenas uma figura tem os pés.

O desenho da pessoa traz duas figuras. Perguntamos sobre ele, que nos diz: *sou eu com um vestido rosa, eu gosto desse vestido porque é bonito, é um vestido longo*. Pergunto sobre a outra pessoa, ela diz: *é a minha mãe, ela tá usando lenço*. *Quando eu ficar grande igual a você e minha mãe eu uso lenço*. Sobre o desenho ao fundo, fala: *são coisas na parede que coloca no aniversário.* Era a decoração do seu aniversário. Sua mãe interferiu na conversa e

explicou para Ana*: C1 teve uma festa de aniversário com decoração na parede ela usou um vestido de princesa*.

Destaca-se no desenho a representação da religião, sua mãe aparece com o véu islâmico. C2 tem noção que o crescimento acarretará o uso do véu. "No contexto intercultural, o véu é um “símbolo religioso e cultural” que percorre as 'esferas da identidade'" (Marques, 2008, p. 10). Outro ponto interessante que C2 traz sobre o véu é a sua compreensão sobre a importância de seu uso em ambientes públicos, a mãe não aparece de véu no desenho da família (Desenho 10) já que está no ambiente familiar.

De acordo com Zaia (2006), o uso do véu tem diversos significados, muitas mulheres usam por ser tradição no seu ambiente, outras adotam por usar pela pressão do estado ou do meio social em que vivem, e muitas adotam o seu uso por iniciativa própria; outro aspecto sobre o uso do hijab é o fato de seu uso permitir a mulher a entrada no âmbito público. O discurso assumido por muitas muçulmanas e que o uso do véu é uma escolha consciente, e não imposta, sendo assim, a sua adoção não significa submissão, mas compreensão e internalização dos valores religiosos e sociais que o véu simboliza.

A contextualização do ambiente e a adoção do véu nos induz a perceber que o ambiente doméstico e o ambiente público são percebidos por C2 como lugares em que se devem ter comportamentos diferentes. Moser (2016) fala que a PA investiga o indivíduo no seu contexto físico e social, na intenção de desemaranhar a lógica das inter-relações entre o indivíduo e o seu ambiente, pondo em destaque as percepções, atitudes, avaliações e representações ambientais, de uma parte e, da outra, os comportamentos e condutas ambientais que as acompanham.

Aparecem nesse desenho dois conceitos da PA. O primeiro é a apropriação, que reflete em C2 por meio da percepção de que se pode ser muçulmana em qualquer lugar, isto é, ao usar o véu, ela aproxima suas raízes e transforma o novo contexto em seu lugar. O segundo é referente a sua identidade de lugar, ao mostrar que ser mulher adulta e muçulmana acarreta o uso do hijab, isto é, revela a sua identidade religiosa e cultural referente a sua origem síria um país de maioria islâmica.

Para Zaia (2006), o véu salienta a identidade religiosa e a distinção do mundo ocidental e representa o desejo de afirmar a identidade cultural. “Em um contexto migratório, o véu torna-se símbolo das relações que marcam o envolvimento com a nova sociedade. Em alguns contextos, em sociedades multiculturais, o véu serve diariamente como afirmação religiosa no contato com os outros” (Zaia, 2006, p. 68).

A mãe aparece no desenho com o olhar direcionado a C2, simbolizando o cuidado. Além disso, a noção de que os principais membros da família devem cuidar é muito forte nos desenhos de C2, também notamos esse aspecto no seu desenho da família (Desenho 10). Essa noção do cuidado também está alicerçada nas concepções do islamismo.

Desenho 10. Criança C2: Família

A representação da família permite entrar no mundo psíquico da criança e compreender a maneira como se formam as suas relações familiares, no caso de C2 verificamos certo conflito. Geralmente a criança posiciona os membros de acordo com a idade, ela apresentou essa organicidade, mas se colocou antes.

A fala de C2 sobre este desenho é a seguinte: *é o meu pai, a minha mãe, meu irmão, eu, minha irmã, coloquei a idade deles, eu coloquei cabelo grande no meu irmão. Meu pai está olhando para minha família cuidando, ele é o mais alto da família para cuidar da gente*.

Notamos que a figura do pai (figura com roupa amarela) apresenta o olhar direcionado a todos os membros da família, também é o mais alto, notamos que a mãe tinha a mesma altura do pai, ou talvez era mais alta, mas para ela o pai, por representar a figura de proteção, é visto como muito maior.

A mãe aparece sem o véu, porque está no contexto familiar. Notamos que no da pessoa (Desenho 9) a mãe usa a vestimenta muçulmana por estar em público. Mais uma vez notamos a percepção de C2 sobre o espaço como determinante do comportamento de usar ou não o hijab.

Outro aspecto que merece destaque neste desenho (figura de roupa verde), é a representação do irmão com cabelo grande. Sobre isso ela relata: *desenhei ele com cabelo grande, coloquei cabelo nele*. Na realidade, o irmão tem o cabelo igual ao do pai. C2 não considera que C3 tenha um papel superior ao dela, por ser o irmão mais velho e homem. C2 a desenha depois dos pais, demonstrando que ela se considera tão ou mais importante que o irmão. Conforme Ansari (2003, citado por Zaia 2006, p. 76)

> A despeito de algumas mudanças na posição das mulheres muçulmanas que vivem na Grã-Bretanha a maioria delas, a julgar pelos conceitos de igualdade na relação entre gêneros, aparentemente permanecem restritas em suas vidas pública e privada e ainda são bastante dependentes de seus parentes de sexo masculino.

Analisando, a partir do que foi percebido nas visitas, C2 assim como o irmão, ajuda os pais no negócio da família, a diferença de idade também não é tão grande. Porém, o irmão apresentou uma posição de mais destaque na família, ele era mais atenciosamente ouvido, a ele eram repassadas informações com mais detalhes, eram situações sutis, mas que caracterizavam um maior prestígio de C3 no contexto familiar. C3 era o irmão mais velho o que pressupõe mais responsabilidades e, de certo modo, obediência por parte de C2, sendo a religião islâmica um reforçador da posição do irmão. Mas percebemos a partir dos traços e comportamentos de C2 durante as atividades de desenho, conflitos referentes a questões de gênero.

Desenho 11. Criança C2: Animal

O desenho apresenta vários animais (tartaruga, gato, barata), a simbologia da tartaruga está ligada à proteção e resistência. O gato remete à feminilidade.

C2 diz sobre o desenho: *a tartaruga, ela fica no zoo, onde ficam os animais, ela está na água, ela dorme encima da pedra, perto da minha escola tem uma ponte em cima da ponte eu vi tartarugas. Quando está frio ela fica em cima da pedra, quando está quente ela fica água. O outro bicho é um gato, esse bicho perto do gato é uma barata*.

Eles moram próximo ao Horto Florestal e segundo a mãe sempre passeiam por esse espaço. A escola de C2 também é próxima desse parque, mas as falas da família também referem passeios a outros locais que tinham esses animais. C2 demonstra que gosta de fazer passeios que envolvem natureza e gosta muito de ir ao Horto Florestal.

Aqui notamos que C2 faz referência a esse local como um lugar que ela gosta por ser agradável e por toda a sua família passear nos momentos de lazer, a sua mãe me disse que eles tiram várias fotos nesse parque para mostrar para os familiares que ficaram na Síria. Realmente é um espaço especial para eles.

De acordo com Cavalcante e Elali (2017), o processo de apropriação varia em intensidade. Assim, o grau mínimo de apropriação se dá através do olhar, que torna as coisas conhecidas, provocando, no observador, um sentimento de domínio e familiaridade em

relação ao objeto ou lugar. A fotografia (como concretização da apropriação visual), a decoração (como expressão funcional e estética da subjetividade) e o fechamento topológico do espaço (como marco de proteção e referência do indivíduo) fundam estágios crescentes de apropriação.

Na fala de C2 na entrevista com os pais *ela diz gostar de Campo Grande porque aqui ela foi para a escola, aprendeu a falar português e que aqui têm vários amigos. Meus amigos dizem que eu sou uma princesa!* Vemos que C2 gosta da cidade e de seu bairro porque é perto do parque e da escola, também gosta da escola porque ela aprende português e tem amigos.

Moser (2005) destaca o objeto da PA, entendendo que ela é de fato, uma psicologia do espaço, pois se interessa pelos comportamentos referentes à relação explicita com o contexto físico e social, no caso de C2 a cidade de Campo Grande (ambientes coletivo público), o parque e a escola (ambientes partilhados semipúblicos) têm uma significação positiva que garante o seu bem estar e de sua família.

> Devido ao seu objeto, a Psicologia Ambiental foi, e é, antes de tudo, uma Psicologia do espaço, na medida em que ela analisa as percepções, as atitudes e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele evolui. Desta maneira, a relação indivíduo-ambiente é analisada nos seguintes quatro níveis de referência espacial e social: 1) o micro-ambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semipúblicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade enquanto tal. Esta distinção é importante porque ela permite analisar a relação indivíduo-ambiente em termos da relação com o ambiente em suas dimensões físicas e precisar as relações com o outro que cada um dos diferentes níveis implica (Moser, 2005, p. 282, 283).

4.5.3 Criança C3 (Família B), 11 anos

Um menino muito inteligente e falante não aceitava ordens queria fazer tudo do seu jeito. Ele não quis utilizar o material dado por mim para a realização dos desenhos, preferiu

usar o seu estojo de materiais da escola. Explicamos que era importante que ele usasse o lápis de cor que havíamos levado. Ele disse: *ok, mas só vou usar porque vocês disseram que tem que ser assim, mas eu tenho as minhas coisas*. Notamos que para C3 era muito importante dizer que ele não precisava das coisas de ninguém e que tinha suas próprias decisões. Ana nos explicou depois, que C3 estava em um momento de transição, com essa idade os meninos árabes já começam a se impor como homens. Devido a esse comportamento verificamos em todos os seus desenhos o uso de lápis de grafite mesmo tendo sido pedido para não utilizar.

Durante a atividade de desenho ele concordou em utilizar o lápis de cor que eu havia levado, mas, mesmo assim, continuou usando seus materiais, fazendo os desenhos com lápis de grafite, caneta esferográfica e seu lápis de cor. Enquanto fazia olhava para nós, ele sabia que estava fazendo diferente do que havíamos combinado, contudo seguiu firme na sua decisão.

Esse comportamento acabou influenciando C2 que também acabou imitando o irmão nesse comportamento de utilizar seus materiais na elaboração dos desenhos. Durante a atividade de desenho C3 nos perguntou o que era a pesquisa, dissemos que era uma pesquisa para entender a criança síria que mora em Campo Grande, ele achou legal e importante o estudo. C3 se mostrou muito participativo, mas reclamou algumas vezes que eram muitos desenhos, mas que, mesmo assim, estava feliz com nossa presença para que sua mãe tivesse alguém para conversar em árabe, também disse que gostaria que voltássemos sempre. C3 demonstrou preocupação em relação ao bem-estar da mãe e das irmãs revelando ser uma criança muito afetuosa.

Desenho 12. Criança C3: Casa 1

O hotel foi o primeiro desenho feito por C3 quando fiz a proposta do desenho da casa, sobre ele diz: *esse prédio é um hotel (silêncio*). Pergunto: você ficou em um hotel? *Sim, eu, minha mãe, meu pai, minhas irmãs, ficamos num hotel cinco dias até acharem uma casa pra nós, caiu o muro da casa aí tivemos que sair de casa para o hotel. Eu queria ficar o tempo todo lá, lá tem piscina, tem tudo lá, ficamos tranquilos tomando banho. Eu gosto de ficar em hotel porque minha mãe não precisa ficar limpando, acha tudo feito. Nos quartos dá pra ficar todos juntos tem ar condicionado, tem quartos limpos, não precisa ficar limpando, tem Coca-Cola, comida, tem freezer no quarto, mamão, maçã no café da manhã.*

Verificamos que, para ele, o hotel era o ideal de casa, porque tem conforto, diversão e os alimentos que quiser, além de não precisar fazer as tarefas domésticas. A necessidade de momentos de relaxamento para ele e a família aparece tanto no discurso de C3, quanto no de sua irmã C2 (Desenho 6). Ambos demostraram que precisam de momentos de descanso e que esses momentos são importantes para sua família. C3 e C2 são crianças com responsabilidades no seu cotidiano, elas ajudam os pais na elaboração dos alimentos que a família comercializa. Ajudar no negócio da família era motivo de muito orgulho para C3, quando tive a oportunidade de provar um dos alimentos preparados por eles, vi que tanto C3 quanto irmã a C3 e C2 ficaram apreensivos pela minha aprovação.

C3 se posiciona como um membro da família que tem seu papel bem definido, o de homem que tem o dever de ajudar na renda familiar. Porém, por outro lado, o peso dessa responsabilidade o sobrecarrega, e esse momento de relaxamento foi aproveitado por ele

como um momento que ele podia desconectar de tudo porque não precisava ficar limpando e não precisava pensar em nada. O hotel, assim, demarca o local em que se desconectaram dos afazeres e dos problemas da vida. Mas como já salientado, são considerados não-lugares pela PA.

Desenho 13. Criança C3: Casa 2

A casa apresenta os elementos essenciais e os acessórios chaminé, fumaça e a palavra Deus sobre a porta (Círculo verde). A fumaça excessiva geralmente mostra tensão, no caso de C3 percebemos que eles têm uma vida difícil aqui em Campo Grande, o dinheiro é incerto, as crianças trabalham para ajudar os pais, essa tensão pode estar ligada à percepção dele sobre a insegurança dos pais que não têm muitas oportunidades como refugiados.

Sugerimos a C3 que fizesse outra casa, ele argumentou que já havia feito, falamos que ele realmente já havia feito, mas que o primeiro desenho não era uma casa era um hotel. Precisamos que você desenhe uma casa, concorda dizendo: *vou fazer outro desenho como tem que ser, se vocês querem uma casa, vou fazer uma casa*.

O fato de nos dizer que iria fazer outro desenho porque era o certo a se fazer, mostra uma postura firme de C3, que estava nos dizendo eu aceitei participar da pesquisa, então vou fazer o que tem que ser feito, "se você quer uma casa, vou fazer uma casa", vou fazer o que foi pedido, vou honrar a minha palavra, vou ter uma postura de homem. Ana que além de

tradutora era mediadora cultural, já havia nos alertado sobre esse comportamento de C3, para ela essa postura demonstra um comportamento comum de meninos árabes com a idade de C3.

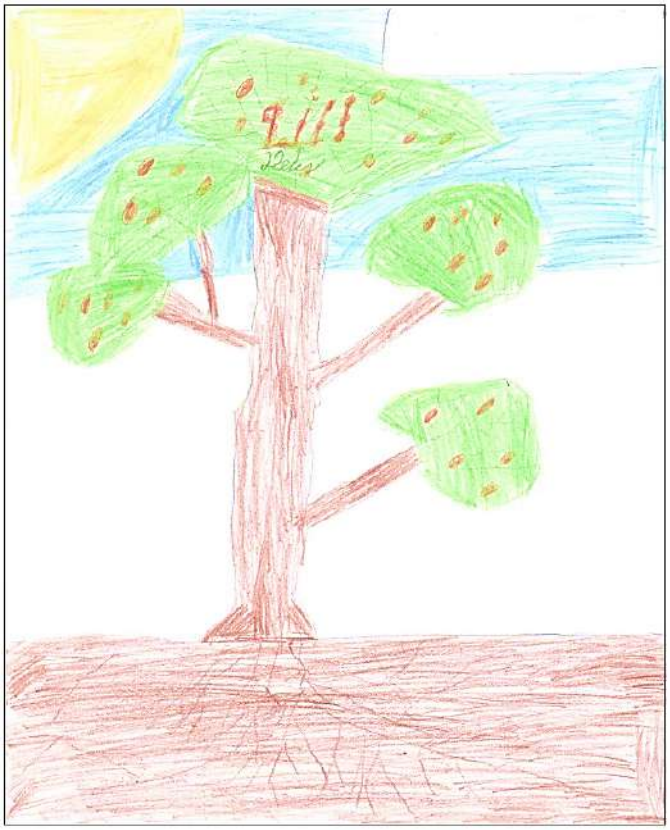
A respeito da casa diz: *é uma casa, mas não é a minha casa. Em cima da porta é o nome de Deus, Alá em árabe. Esse é a chaminé (não sabia o nome dessa palavra em português, tivemos que ajudá-lo) é para deixar quente quem está dentro*. Interessante ressaltar que teve uma frente fria em Campo Grande uma semana antes das nossas visitas e todos da família ficaram resfriados, e ainda apresentavam tosse, segundo a mãe o que ficou mais doente foi C3, inclusive teve que ir para o hospital. Nos dois dias da visita ele estava usando agasalho, apesar de não estar frio e reclamou que a casa que moravam era fria.

C3 traz na sua fala sobre a casa, o seu desejo de morar num lugar melhor, mais aquecido no inverno para que eles não ficassem doentes. Verificamos que ele expressa uma das dificuldades que vivem como refugiados, para ele a família não mora bem, e isto dificulta seu sentimento de pertencimento ao lugar, pois não é um lugar significativo que satisfaz suas necessidades, exigências e desejos, pois C3 apresenta baixa autoestima e negação em relação a casa em que mora. Este fato também foi percebido no desenho do hotel e no discurso sobre ele.

> Korpela (1989) definiu identidade de lugar como a estrutura psicológica que resulta do esforço dos indivíduos para regularem seu entorno. Segundo ele, a partir de práticas ambientais somos capazes de criar e sustentar um senso coerente de nós mesmos e revelar aos outros nosso eu. No centro desta estrutura psicológica está o sentimento de pertencimento a um lugar, que não é somente um aspecto da identidade de lugar, mas a base necessária para sua existência. Em torno deste núcleo, as definições e cognições social, cultural e biológica de lugar são construídas e tornam-se parte da identidade de lugar da pessoa. Percebe-se que esta definição enfatiza a capacidade do ser humano de se apropriar, de se vincular e se enraizar no espaço, a necessidade de ter um lugar para a expressão de sua subjetividade. O exemplo maior disto é a casa, espaço que permite ao indivíduo se autorregular, manter a coerência e a autoestima. Assim, para que um ambiente seja significativo é necessário que, de alguma forma, ele satisfaça às necessidades, exigências e desejos do indivíduo (Cavalcante & Elali, 2017, capítulo 17, 8 par.).

C3 também revela neste desenho a importância da religião para ele. A porta de entrada da casa tem o nome de Deus. Assim, percebemos que a religião é um importante fato de sua

identidade. A religião islâmica se configura como um aspecto que demarca a sua identidade de lugar, ele é de um país árabe de maioria muçulmana e traz consigo esse sentimento de pertença a esse grupo étnico-religioso. Sendo assim, tem sua identidade pessoal pautada em ser muçulmano e exprime este aspecto no seu traçado, mas também sabemos que seu meio familiar e social é formado por pessoas pertencentes a essa religião. Concluímos, desse modo, que a construção de sua identidade recebe predicativos mais específicos como identidade religiosa e étnica, estes profundamente ligados ao seu meio.



Desenho 14. Criança C3: Árvore

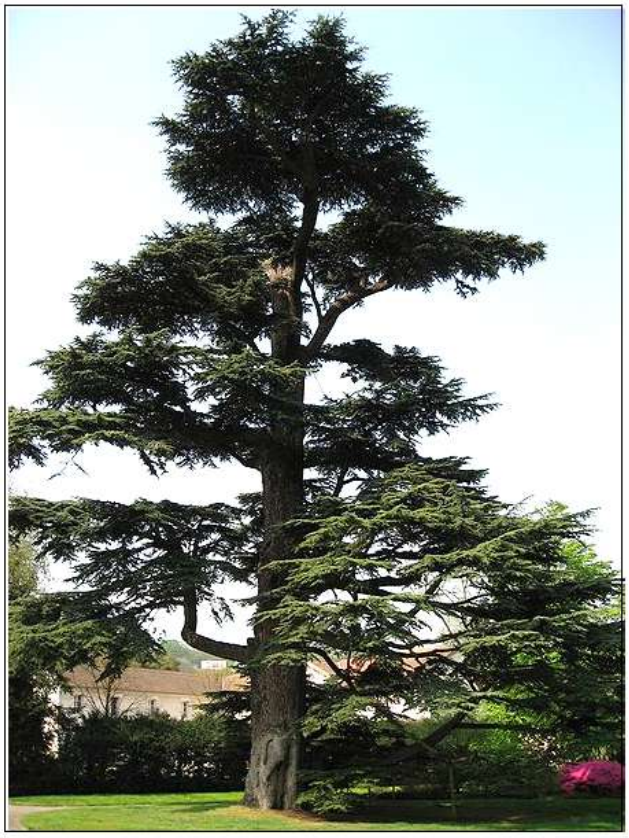


Figura 4. Fotografia de Cedro-do-líbano
Fonte: Plants for a future (s. d.).

A árvore está viva, centralizada, tem raízes profundas, apresenta linha de solo, troncos com vários galhos, copa com frutos. Os elementos acessórios são o sol, nuvens, palavra Alá escrito com as frutas. Verificamos que é um desenho cromático com expressividade das cores do céu, sol e terra.

C3 diz o seguinte sobre a árvore*: é uma árvore, tem frutas, é maçã, tem raízes porque sem raízes a árvore morre, é o nome de Alá na árvore*.

Para C3 Alá está em todas as coisas, o discurso religioso é muito importante para ele e a família. Em um dos encontros os pais falaram sobre a afirmação de Deus de estarem em Campo Grande, eles viram o nome de Deus numa pena de pássaro quando foram passear no parque. Vemos que o nome de Deus nos objetos árvore e casa, aparece nos desenhos de C3, configurando-se como um aspecto importante de sua identidade.

O islamismo é muito forte nos países árabes e nos dá a impressão que faz parte da cultura e está intimamente ligada à identidade da população. Mas Al-Jabri (1999) nos alerta sobre a diferença entre "tradição islâmica" e "identidade árabe" que são concepções diferentes. A primeira se relaciona diretamente ao Islã-religião, a segunda decorre da constituição étnica grupal relacionada aos costumes e à linguagem. É justamente nessa última

concepção que os árabes muçulmanos parecem se amparar. É o "apego na defesa das identidades" que leva a uma visão fundamentalista histórica, quer dizer, a afirmação diante de uma "identidade árabe" e da "tradição histórica do Islã", e isto o fazem se sentir parte de algo duradouro. Esse sentimento de pertencimento a algo grandioso faz parte do discurso de C3 e de seus traçados, e é reforçado pela língua árabe, que é sua língua materna. "É fato que o conhecimento do idioma árabe é importante e ajuda o muçulmano a conhecer melhor os textos sagrados" (Marques, 2008, p. 14).

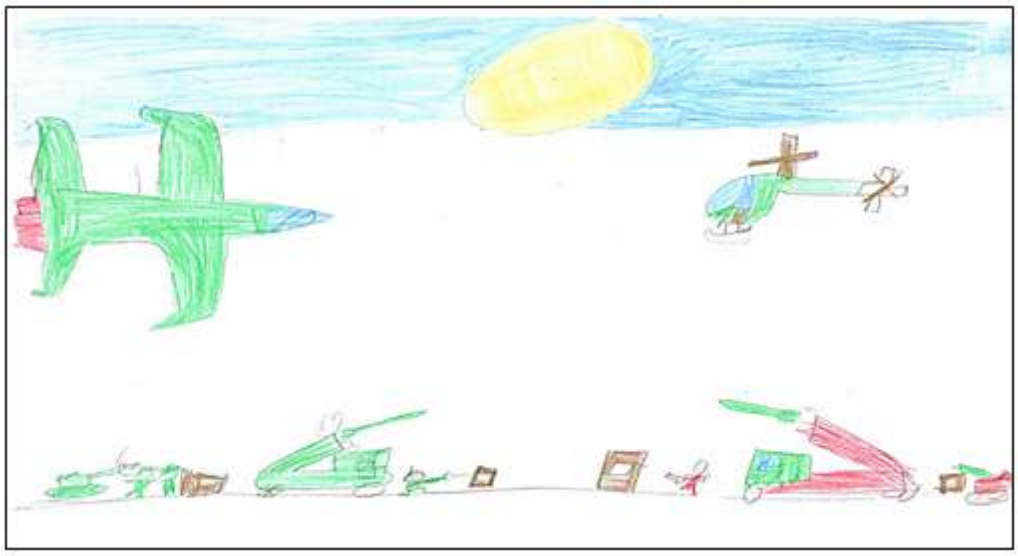
Para C3 é muito importante mostrar que é um homem de fé, podemos afirmar que sua identidade está estabelecida por meio da religião, por isso ele tem que desenhar o nome de Deus, na casa, na árvore, os preceitos e ensinamentos da religião fazem parte dele.

C3 me diz que é uma árvore de maçã, mas notamos que a semelhante de seu desenho com um Cedro-do-líbano (Figura 4). Árvore símbolo de poder, cedro (*cedrus*) que vem da palavra *Kedron* em árabe significa poder.

> O cedro do Líbano é mais que uma árvore, ele é o símbolo do Líbano. O cedro foi escolhido como emblema da bandeira libanesa por simbolizar força e imortalidade. Embora existam muitos tipos de cedros, o Cedro do Líbano ou Cedrus libani é a espécie mais velha e mais forte, podendo viver ao longo de centenas anos. (Planeta sem Fronteiras , 2010).

Atentamos ao fato de C3 ter desenhado sua árvore com raízes, demonstrando que ele está estabelecido nas suas raízes árabe, religiosa e síria. Uma importante característica do cedro são suas raízes profundas, estas significam que é uma árvore firme e independente, ela busca água, não dependendo da chuva, e cresce tão profundamente que se prende a rochas. C3 mostra tais características do Cedro-do-líbano[13] verificamos que no seu desenho o cedro tem raízes profundas. Ao traçar esta espécie de árvore ele nos revela a valorização de um objeto, comum no seu país. O cedro, árvore símbolo, seria o objeto representante do ser árabe, do ser sírio para C3. Na visão de Jeronimo e Gonçalves (2013), os objetos não são meramente ornamentos presentes na memória funcional, constantemente, eles tomam uma forma simbólica.

[13] Cedrus libani, conhecido pelas designações vernáculas de cedro-do-líbano é uma árvore conífera, majestosa, nativa das montanhas da região mediterrânica, no Líbano, Síria Ocidental, Turquia centro-meridional e Chipre. A importância do cedro-do-líbano em diversas civilizações clássicas compreende-se pela diversidade de usos possíveis (Wikipédia, 2017).



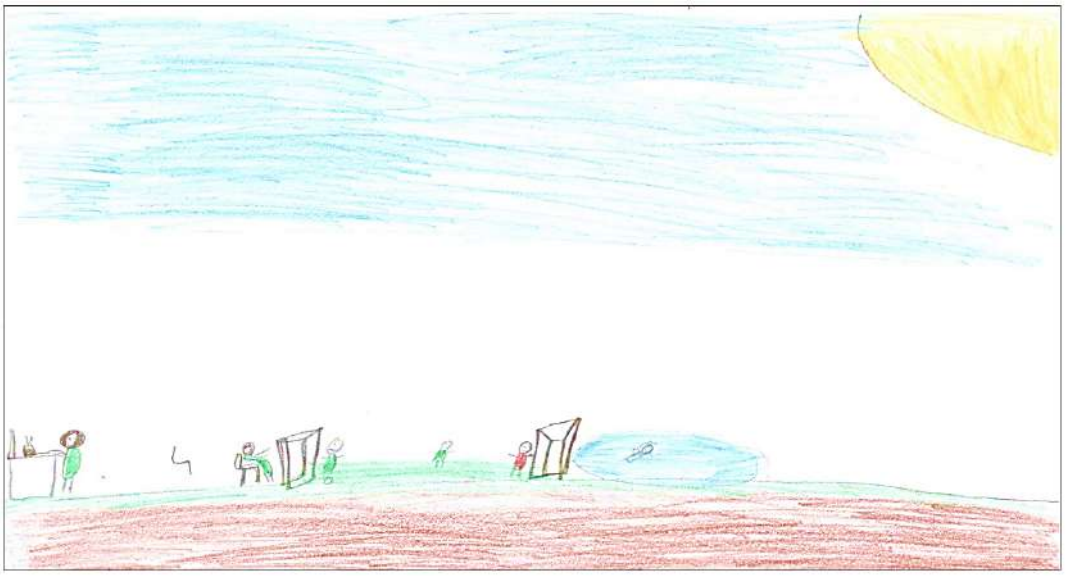
Desenho 15. Criança C3: Pessoa

O desenho da figura humana apresenta soldados que aparentam estar longe, por isso as figuras são pequenas, mas, apesar disso, vê-se detalhes essenciais como cabeça, tronco, pernas. Ele retrata uma cena de guerra muito fiel, os soldados estão em posição de ataque.

C3 diz*: Desenhei a Guerra na Síria, têm muitas pessoas. Os que têm o helicóptero são as pessoas que querem roubar a Síria, nosso país está em guerra, o povo sírio. Esse avião grande é o da Síria*. Não sugerimos que ele desenhasse nada relacionado ao conflito na Síria, pedimos que fizesse uma pessoa.

C3 convive com a angústia do conflito que se passa em seu país. Durante a entrevista com os pais, o pai enfatizou que eles acompanham os acontecimentos via TV a cabo, eles acompanham os principais canais árabes para saber o que está acontecendo por lá.

Durante a entrevista, percebi que C3 se mostrava muito interessado em falar sobre a Síria e sobre a guerra e demonstrou argumentos e posicionamento político. O pai é a favor do atual governo Bashar al-Assad, e C3 reproduz as concepções políticas do pai. C3 acredita que o exército do governo da Síria tem que vencer os inimigos para voltar tudo como era antes (o pai fala da Síria antes do conflito). C3 desenha o exército de seu país com mais homens e com um arsenal de guerra mais poderoso, para ele a Síria é mais forte, revelando forte sentimento patriótico.



Desenho 16. Criança C3: Família

Mais uma vez notamos a expressividade das cores dos elementos céu, sol, terra e água.

C3 desenha apenas dois membros de sua família: a mãe cozinhando e o pai sentado. As irmãs não estavam no mesmo evento, mas em outro local.

Sobre o desenho ele diz: *essa família é a que a gente foi na piscina deles. Em uma chácara. Minha mãe está fazendo churrasco, é Shawarma o melhor churrasco do mundo (beija os dedos). Eu estou tomando banho na piscina, os meus amigos estão jogando futebol, diz os nomes dos amigos, meu pai está sentado*.

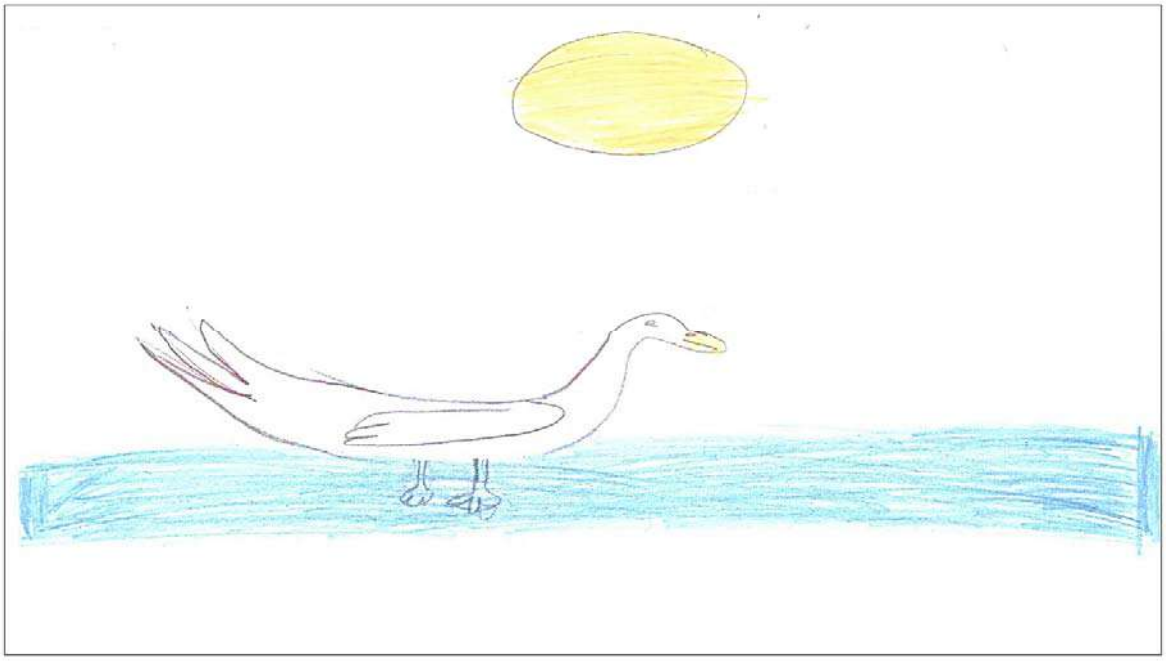
Notamos que C3 não desenha as irmãs, pois o passeio dá a entender que era uma atividade masculina, a mãe estava presente porque ela tem a função de cozinhar, ela é a única figura feminina do desenho.

Não podemos analisar a percepção de C3 a respeito da mãe como somente de um ponto de vista de que a posição da mulher na cultura árabe é o de uma mulher submissa, ou de dona de casa. Se analisarmos com esse olhar, diminuímos o papel da mulher árabe e a intenção de C3 em reproduzir um momento em que ele viveu com sua família. O papel da mulher como a responsável em preparar o alimento da família é reproduzido por crianças das mais diversas culturas, até porque é isso que ainda acontece, por mais que as mães trabalhem fora etc. A interpretação de C3 da mãe no desenho é sua visão pessoal do papel da mãe na sua família. Para ele, a mãe também estava feliz porque todos estavam felizes. Ele falou sobre esse dia: *como um dia que ele nunca iria esquecer porque foi um dia feliz, e falou que as irmãs estavam na casa com as outras mulheres*.

O fato da mãe estar fazendo *shawarma,* "o melhor churrasco do mundo", demonstra a valorização da comida de seu país. A comida tem um importante papel para manter as pessoas conectadas à sua cultura. Sendo assim, C3 expressa fatores ligados à preparação da comida carregados de significados culturais: a mãe prepara o alimento, os homens se divertem enquanto esperam que o alimento fique pronto, o prato é um prato árabe. Em suma, a comida é um elemento ligado à sua identidade.

A mãe está usando o véu islâmico, visto que está em público, demonstrando a importância para C3 das práticas religiosas. Verificamos, mais uma vez, a presença de objetos que demarcam a religião nos traços de C3, configurando assim, como um elemento de destaque na constituição de sua identidade.

> A religião, entendida como pertencente à ampla gama do repertório cultural e como formadora da identidade cultural (étnica, religiosa) participa do dia a dia das pessoas e pode exercer um importante papel na imigração, do ponto de vista coletivo e objetivo e também do ponto de vista individual. A dimensão religiosa é bastante importante para a compreensão dos processos de inserção na nova cultura, sobretudo nos indivíduos que se consideram religiosos, ou seja, que de algum modo ou em algum grau pautam suas vidas por valores provenientes de uma compreensão religiosa (Zaia, 2006, p. 21).



Desenho 17. Criança C3: Animal

O pato é um animal que vive na água, terra, ar, simbologia, simbolicamente podemos dizer que o pato se adapta a condições diversas de vida, assim como ele está tendo que se adaptar.

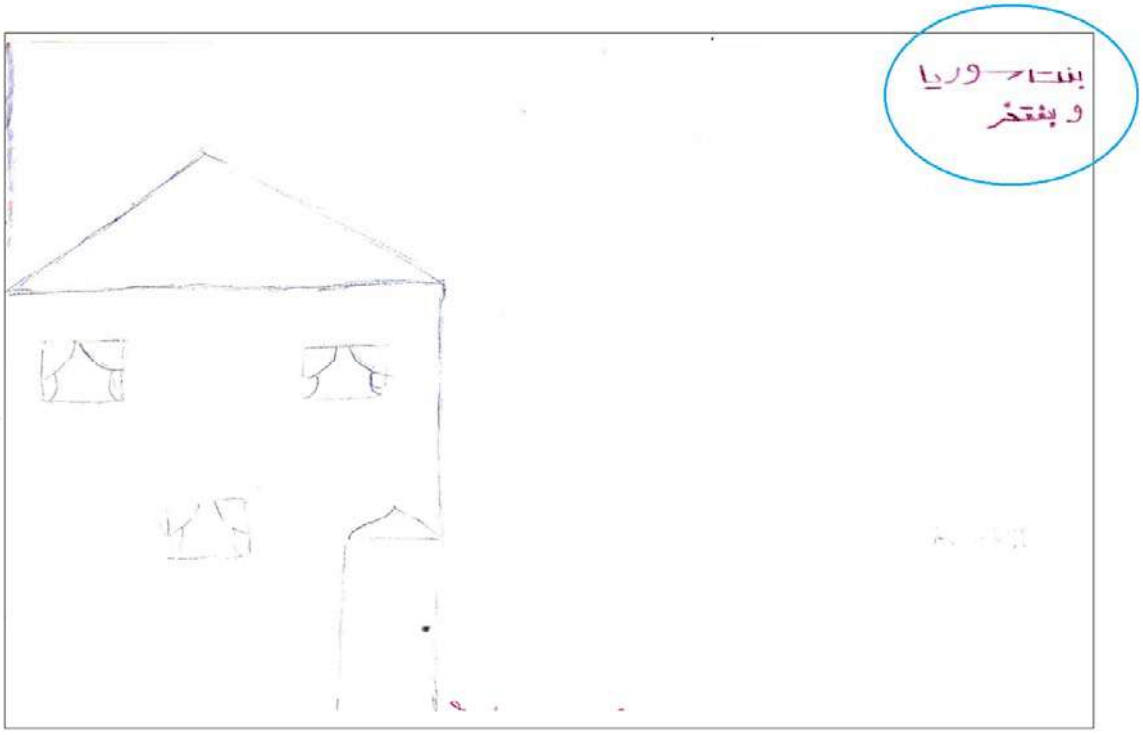
A respeito do animal C3 fala: *é um pato, eu faço o número vinte e três e vira um pato, eu também sei desenhar outras coisas. Eu quis desenhar um pato ele está na água, num rio bonito, pato tem em todo lugar, na Síria tem muito pato, aqui também já vi. Eu desenhei um pato branco*.

Desenhou o pato com lápis de gravite, mesmo diante do nosso pedido para fazer com lápis de cor. Seu posicionamento e atitude ao elaborar esse desenho, nos dava a entender que estava dizendo que não aceitava ordens de mulheres e que já tomava suas próprias decisões.

Truzzi (2008), estudando a família árabe muçulmana em São Paulo, verificou o caráter patriarcal presente na tradição familiar que impõe papéis diferentes para os homens e para as mulheres. O homem é entendido como aquele que é responsável pela sobrevivência econômica, pelo destino e encaminhamento dos filhos, e pelos assuntos de natureza social ou política. Os filhos, sobretudo os homens, são entendidos como responsáveis pela continuidade da família e normalmente tem absoluta obediência aos pais. Notei que C3 era muito atento a tudo que os pais falavam, e quando os pais começavam a falar prestava atenção, e caso um dos dois estivesse falando algo, calava-se no mesmo momento. Os fundamentos da religião muçulmana têm influência sobre os comportamentos de C3.

4.5.4 Criança C4 (Família A), 12 anos

Uma menina séria e introspectiva, disse que não gostava de desenhar e só aceitou participar porque a irmã mais velha (C5) enfatizou que isso era importante. C4 se preocupava muito em agradar a irmã e mostrou alguns de seus desenhos a ela. Durante as elaborações dos desenhos C4 reclamou que não sabia e que não gostava de desenhar, mas seguiu fazendo por intermédio das orientações de C5 que falava com ela em árabe.



Desenho 18. Criança C4: Casa

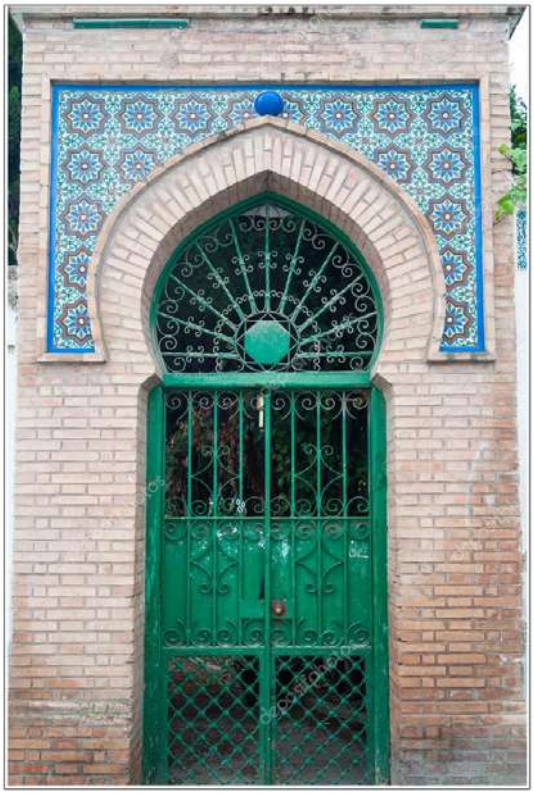


Figura 5. Fotografia de Porta de entrada árabe tradicional
Fonte: Depositphotos (2014).

A casa apresenta os detalhes essenciais, porta (arquitetura árabe e fechadura), janelas (com cortinas), parede (falta uma parte) e telhado. A casa está localizada à esquerda, sinal de

uma provável fixação ao passado. É acromática, e apresenta transparência indicando certa ausência de contato com a realidade.

C4 diz: *essa é a casa onde eu nasci, eu queria voltar, para viver o resto da minha vida, é onde eu nasci, minha mãe ficou grávida de mim nessa casa, é uma casa importante para minha família*. A casa de C3 mostra traços semelhantes aos de sua irmã C5, por serem maiores lembram com mais detalhes da vida na Síria.

Nesse desenho, C4 mostra a questão da sua história pessoal e da importância dessa casa para ela e sua família. Moser (1998, p. 124) destaca que "a noção de história é importante. É a nossa história residencial (conceito de identidade de lugar, introduzido por Proshansky), que vai influenciar a nossa percepção e a nossa avaliação da residência atual". Também está presente no discurso de C4 a perspectiva temporal, é a casa onde ela nasceu (passado), quer voltar (presente), para viver o resto da vida (futuro), desse modo, ela ainda está ligada ao seu lugar de origem, visto que, pretende voltar um dia. A respeito da perspectiva temporal Cavalcante e Elali (2017, capítulo 22, 1 par.) falam:

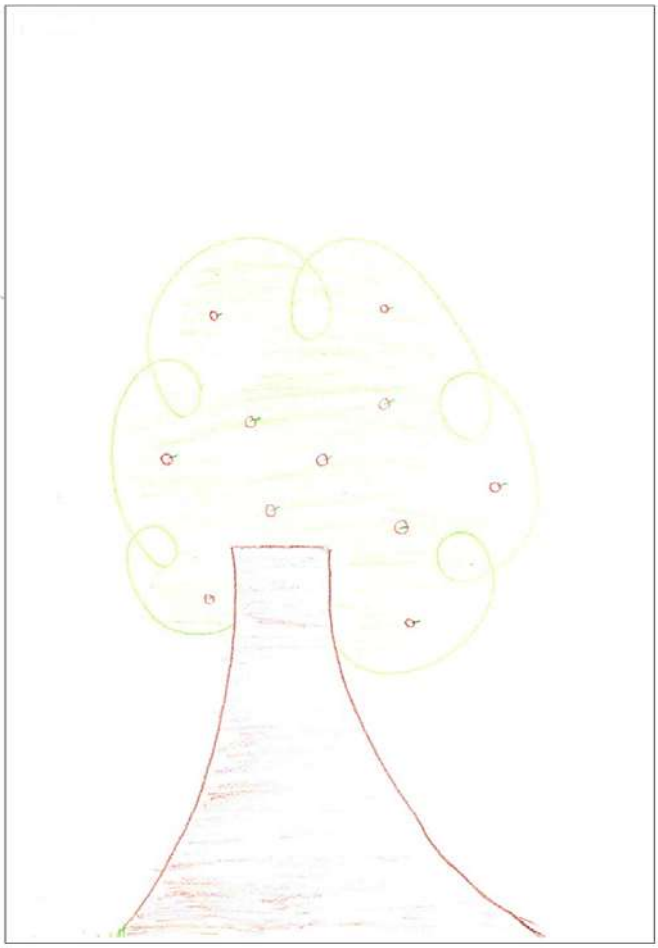
> A perspectiva temporal constitui um processo frequentemente não consciente, por meio do qual as pessoas dividem o fluxo contínuo de experiências em molduras de tempo - passado, presente e futuro -, a fim de proporcionar ordem, coerência e significado às suas vidas.

A frase (círculo azul) significa: *eu tenho orgulho* (tradução Ana). A casa que ela desenhou é grande e estruturada, tem cortinas nas janelas, de acordo com a tradutora esses detalhes demonstram que sua família tinha boas condições, C4, C5 e o irmão adulto estudavam na Síria, mais um indício de que eles tinham uma vida confortável em seu país.

Nesse desenho vemos um arco sobre a porta, características da arquitetura árabe. Desse modo, verificamos que, no desenho da casa, C4 representa uma porta tradicional árabe (Figura 5). Os traços arquitetônicos ainda vívidos na sua memória nos revelam sua ligação com a casa na Síria.

Grubits (2003) nos informa a influência dos fatores sociais e culturais na representação da casa. Para ela, a casa é construída, elaborada, edificada pela mão do homem. Sendo assim, sua concepção é o resumo de todas as aquisições efetuadas ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento humano. Desse modo, a criança é moldada a partir de seus instintos, educada, transformada por sua família, ambiente e cultura. "A representação de uma casa,

portanto, parece, muito particularmente, levar em conta as interações entre a natureza e a cultura, entre o inato e o adquirido, entre o indivíduo e a sociedade" (Grubits, 2003, p. 99).



Desenho 19. Criança C4: Árvore

A árvore está viva, centralizada, não apresenta raiz nem linha se solo, tronco largo, copas com frutos. As características do desenho indicam tendência à dependência (frutos e base larga). C4. Notamos que esta criança se mostrava muito dependente da irmã mais velha.

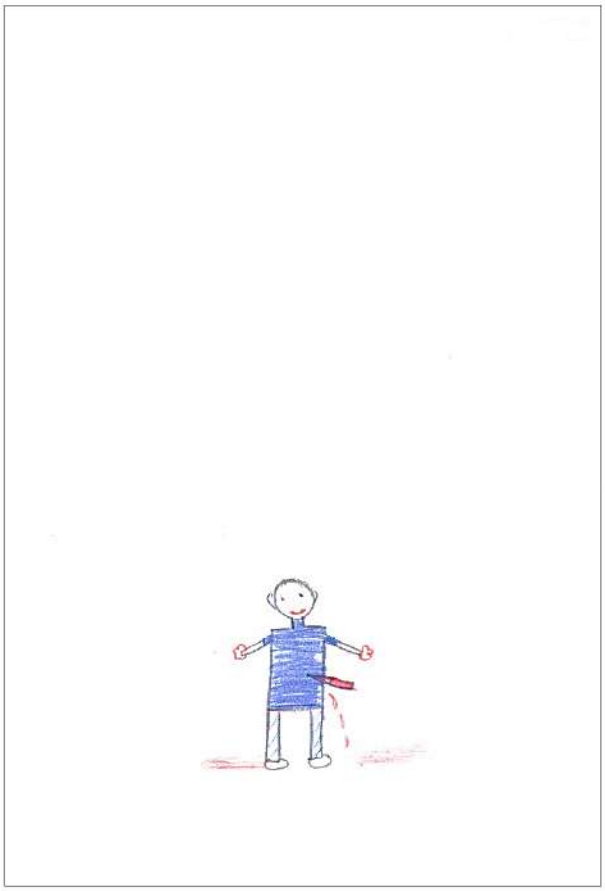
Sobre a árvore C4 diz: *gostaria de ver essa árvore crescer, queria que as pessoas pegassem seus frutos para comer*. Sobre os frutos fala: *são maçãs*. Dá a entender que ela se refere às coisas que foram deixadas para trás no seu lugar de origem, *gostaria de ver essa árvore crescer*, mas não pode porque refugiados saem e não podem levar nada, deixando tudo que foi construído.

Verificamos certo pesar na fala de C4, por sua casa, as plantas, os familiares e amigos e tudo que foi tirado dela e de sua família. A frase: *queria que as pessoas pegassem seus frutos para comer*, simboliza a dor, por não poder estar no seu país, por saber que assim como

ela outras pessoas também estão privadas de ter sua vida onde é o seu lugar, onde construíram sua história.

A noção do conflito é muito presente nos traços e no discurso de C4, assim como o problema dos refugiados. Diante das colocações, vemos que ela se mostra muito vinculada a seu país de origem, gostaria de estar lá, ver a árvore crescer, do mesmo modo coloca a problemática dos refugiados em discussão, gostaria de que as pessoas pudessem comer os frutos dessa árvore, essas pessoas são os refugiados que apareceram em outros desenhos, tendo destaque no seu discurso. Diante disso, verificamos a construção de sua identidade vinculada ao seu lugar de origem e à condição de ser refugiada.

Segundo psicólogos ambientais e geógrafos, questões referentes à nossa identidade, "quem somos nós", estão profundamente relacionadas à pergunta "onde nós estamos", ainda que o "lugar" seja raramente mencionado em textos canônicos e de não ser comumente objeto de pesquisa, quer empírica quer teórica (Dixon & Durrheim, 2000 citado por Cavalcante & Elali, 2017). Seguindo essa análise, verificamos que o lugar define fortemente a construção da identidade de C4, seja ao se colocar como uma pessoa que está aqui, mas gostaria de estar lá, seja na sua percepção de refugiada. Isto é, pessoas que são obrigadas a deixar seu país, seu lugar.



Desenho 20. Criança C4: Pessoa

A figura humana traz detalhes essenciais: cabeça, tronco (perfurado por uma faca), braços, pernas, traços faciais, orelhas. As mãos estão vermelhas sujas de sangue o chão também.

Sobre o desenho da pessoa C4 diz: *é o presidente da Síria, Bashar al-Assad, eu desenhei a faca porque ele matou muitas crianças. O presidente da Síria merece morrer, ou ser assassinado seria fazer justiça por ele ser responsável por tantas mortes de crianças agrava ainda mais a sua culpa. Crianças são pessoas indefesas.*

Notamos que C4 enfatiza as mãos do presidente vermelhas, ou seja, suas mãos estão sujas de sangue, por matar pessoas inocentes, que para ela são representadas principalmente pelas crianças.

As questões políticas destacadas nesse desenho revelam a sua conexão com seu país. Seus traços e fala se dão a partir de seu entendimento político e de seu sentimento de pertencimento aquele lugar. Sua identidade síria fica evidenciada a partir de sua oposição ao governo, ou seja, ela está aqui, mas sabe o que acontece na Síria e é contra o governo atual que para ela é responsável por tantas mortes. Vemos que C4 apresenta muita indignação e

revolta em relação ao que está acontecendo e desenha o presidente levando uma facada, realmente ela odeia o presidente, para ela este é o motivo do sofrimento de sua família e do povo sírio.

Nesse desenho, verificamos seu vínculo com o lugar, relata, ainda, os problemas relativos à guerra, o seu ponto de vista político. Além de ter, a compreensão de que a morte de *Bashar al-Assad* acarretaria a solução dos problemas do país. Em consonância com Cavalcante e Elali (2017), ao refletirmos sobre o que sentimos trazemos para perto os lugares vivenciados. Assim, o lugar se constitui por um sentimento que pode nos invadir e nos envolver por completo, assim, todo sentimento desperta um lugar.

Desenho 21. Criança C4: Família

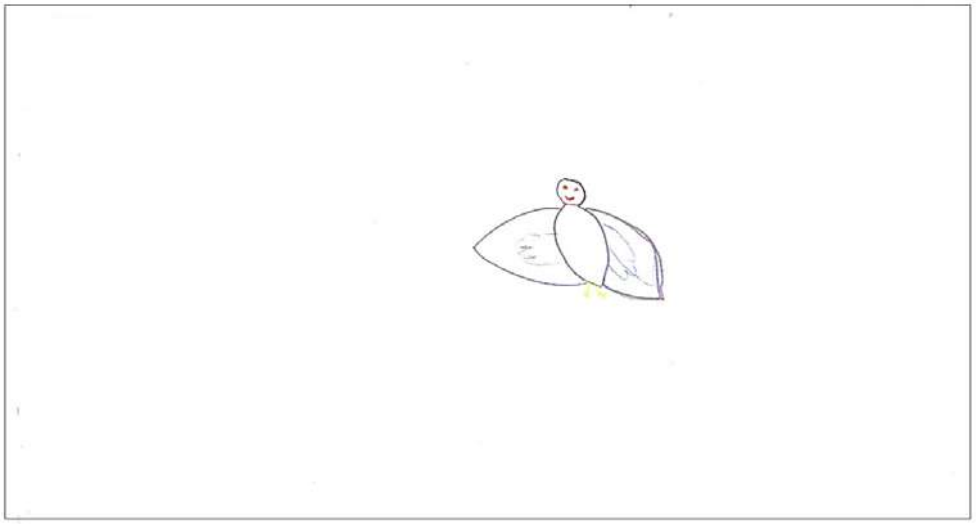
Sobre a família C4 fala: *é o pai, a mãe e o filho que apareceu na TV, no jornal, é uma família síria eles estavam na rua, uma bomba atacou eles, eles morreram, esse desenho é uma bomba, explosão, não sei fazer muito bem. As pedras estão encima deles eles não conseguem sair, vocês viram na tv apareceu as pedras encima deles*. Mais uma vez constatamos a indignação de C4 sobre os terrores da guerra e sua empatia com as vítimas.

Não era sua família, era uma família que morreu. Como o desenho da família tem a capacidade de mostrar a instância mais íntima do indivíduo referente às suas relações familiares, dá-se a entender que C4 sofre ao ver essa família e pensar que poderia ter sido sua.

Nesse aspecto, demonstra a angústia da perda, mesmo não tendo a vivenciado com seus familiares mais próximos, pais e irmãos.

Isso se dá porque ela viu e se coloca no lugar dos refugiados que passaram por isso, inclusive seus pais estavam acolhendo um casal refugiado, cuja a mulher havia perdido o irmão a pouco tempo, a presenciamos chorar quando as meninas comentaram sobre a guerra. C4 convive com pessoas que quase morreram ou que perderam familiares no conflito, tornando compressível a sua angústia e representação da morte.

Mais uma vez verificamos a configuração do lugar, o lugar da guerra, o lugar da morte, mas seu lugar. Jerônimo e Gonçalves (2013, p. 122) explicam: "reconhecer-se em um lugar refere-se à soma das lembranças, sentimentos, vivências e significados dos sujeitos que habitam um mesmo espaço". Ao memorar a morte dessa família na rua de uma cidade Síria, C4 de certo modo diz, algumas pessoas não saem de seu lugar mesmo em conflito, às vezes porque não tiveram oportunidade, mas às vezes porque não querem, ela se solidariza e entende que não tiveram a mesma oportunidade que sua família. C4 sabe que a família do seu desenho está morta e ainda assim afirma: "As pedras estão encima deles, eles não conseguem sair", ela inconscientemente diz: eles pertencem a esse lugar, eles não podem sair. Isso é triste é duro, mas é o que acontece com muitas pessoas no mundo, preferem ficar nos seus lugares ou não tem a possibilidade de migrarem para lugares mais seguros.



Desenho 22. Criança C4: Animal

A pomba simboliza pureza e, assim como na analogia de C4, a paz. Nesse sentido ela gostaria que a guerra acabasse e tudo voltasse a ser como antes.

Ela desenhou um pássaro, sobre ele diz; *é um pássaro branco, são bonitos, a gente tem na síria também, é a pomba, na minha cidade tem um lugar cheio de pombas, a gente vai pra*

lá pra ver as pombas eu acho um animal muito legal. C4 destaca que na Síria, assim como aqui, tem pombas, lembrando de um lugar especial para ela que parece ser uma praça. Ao comparar ela está transformando o lugar de refúgio, em seu lugar, pois aproxima seu país ao lugar de refúgio. Verificamos o processo de apropriação como coloca Jerônimo e Gonçalves (2013), a transformação do espaço em um lugar que dê segurança, que permita a manifestação da identidade de lugar, que evidencie os valores, as referências, os afetos é um espaço apropriado pelo sujeito.

Do mesmo modo podemos entender que neste último desenho C4 traz a pomba da paz, como se nos dissesse olha podemos resolver esse conflito instaurando a paz, com isso pessoas podem permanecer no seu lugar, assim como outras poderiam voltar.

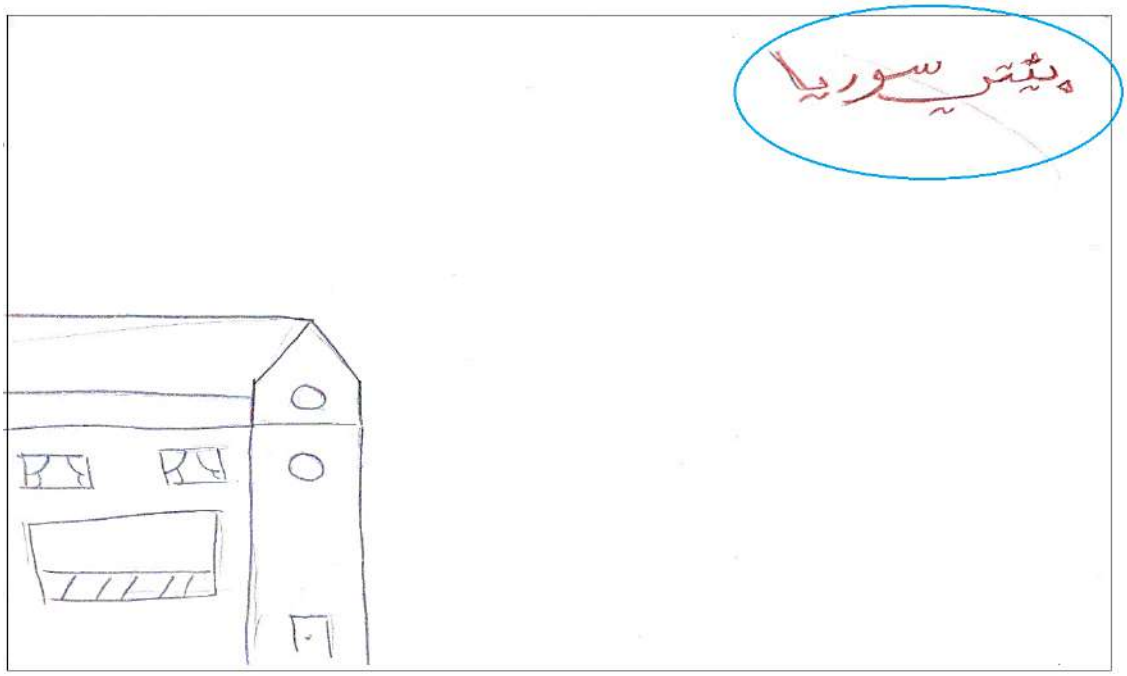
4.5.5 Criança C5 (Família A), 17 anos

Uma menina decidida e com comportamento de liderança, fala português perfeitamente, gosta de conversar e mostrar que sabe das coisas, principalmente das questões políticas da Síria. Das três irmãs ela era a única que usava o véu, especificamente um Chador, semelhante ao da (Figura 6). Conforme Marques (2008, p. 9):

> Retomando a questão da vestimenta islâmica, cujo símbolo máximo é associado à "submissão", na visão da sociedade mais ampla, é importante esclarecer o seu significado tanto para os muçulmanos quanto para os não muçulmanos. Para os muçulmanos é uma obrigação religiosa e, nos países de maioria islâmica, é usada pelas mulheres desde a adolescência. Nos países de minoria islâmica, como é o caso do Brasil, o uso do véu demarca a fronteira que estabelece os limites entre uma "muçulmana" e uma "não muçulmana".

Fez, a pedido da mãe, café árabe para nos servir, trouxe numa bandeja muito bem arrumada, a qual elogiamos, razão pela qual ficou muito orgulhosa. Segundo ela não gostava de desenhar, mas fez tudo que foi solicitado sem reclamar e orientou as irmãs em árabe sobre o que era pedido. Percebemos que C5 tinha grande influência sobre as irmãs, estas a obedeciam e respeitavam veementemente. C1 e C4 só fizeram os desenhos após a orientação e explicação de C5 da relevância de os fazer, mesmo compreendendo o que era para ser feito.

Figura 6. Fotografia de Mulher usando Chador
Fonte: Destino Dubai (2014).



Desenho 23. Criança C5: Casa

Os elementos essenciais porta, janelas, telhado, parede (falta uma parte) estão presentes. Não tem elementos acessórios, como sol, chaminé, cerca. Verifica-se que a casa está toda deslocada para a esquerda, indicando possivelmente uma fixação ao passado e não apresenta linha de solo. Para Hammer (1991) estes aspectos são importantes para a compreensão do que a criança está expressando. O desenho é acromático.

Verificamos que a falta de cor estava relacionada à tristeza dessa criança em relação ao que seu povo está vivendo. A respeito da ausência de uma parede, entende-se que a casa da

Síria está incompleta, pois ela e sua família não estão lá. A ausência da linha do solo mostra certa insegurança, que está relacionada a tudo que viveram como refugiados.

Sobre o desenho da casa C5 diz: *é minha casa na Síria, o que mais me lembro são as escadas da rua*. No seu desenho (círculo azul) tem a frase: *minha casa é Síria* (tradução Ana). C5 diz gostar do Brasil, mas seu desenho revela seu sentimento de pertencimento à Síria, sua casa da Síria é seu lugar, é fato que lá eles viviam melhor, sua casa lá era bonita e espaçosa. Aqui em Campo Grande eles moram em uma casa pequena. Também percebemos que C5, assim como sua irmã C4, desenha a casa de forma incompleta, seria uma forma de dizer que a casa da Síria, caso exista ainda, não está completa pois eles não estão mais nela.

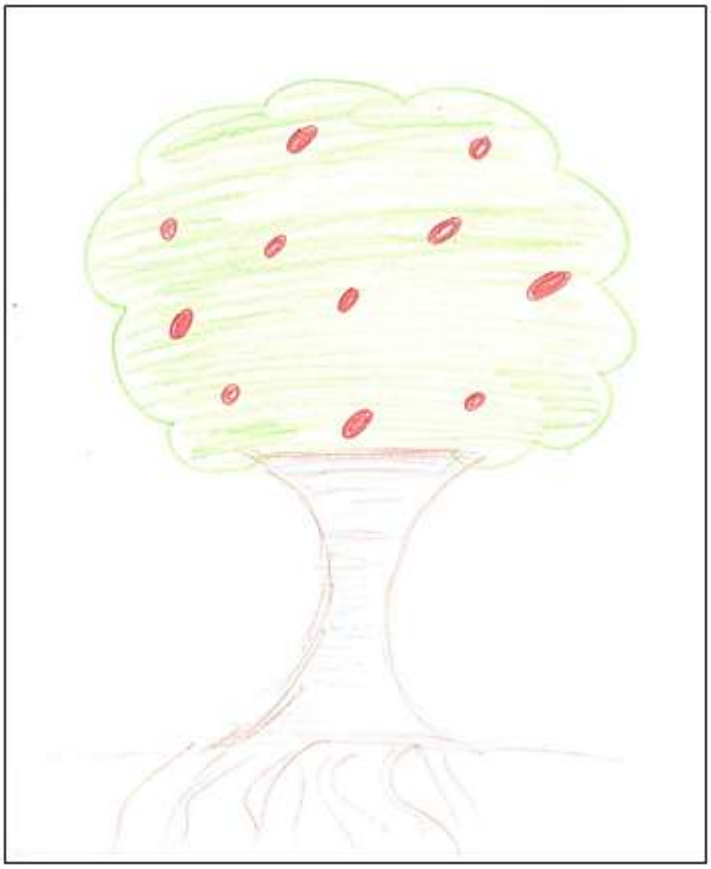
Sobre a relevância da representação da casa para o migrante Marandola e Gallo (2010, p. 412) dizem:

> Entre os lugares dos quais o migrante tem que abrir mão na mudança possivelmente sua maior perda é a casa. Lugar por excelência, onde estão fundadas as memórias e, em último grau, a própria identidade (Bacherlard, 1993), a casa é onde as sensações de pertencimento, conforto e segurança são máximas. A ligação entre o self e a casa é essencial na composição do mundo vivido e da própria inserção na sociedade (Tuan, 1982). A casa pode ser entendida como o lugar mais personificado do indivíduo, no qual cada detalhe é um reflexo das suas vontades e interesses. O inverso também é verdadeiro, a casa como "fundamento espacial do ser-no-mundo" (Marandola Jr., 2008b, p. 170) será o lugar mais absorvido e internalizado, sendo base constituinte da identidade e da forma de ser do indivíduo. A casa é onde a pessoa busca e funda seu lugar no mundo.

Os autores mostram que, na elaboração da casa, cada detalhe é um reflexo das vontades e interesses do sujeito, ao escrever "minha casa é Síria" C5 nos fala que seu lugar é seu País, expressando seu sentimento de pertencimento a esse lugar. Também fica claro seu desejo de estar na sua casa sobre à qual diz: "o que mais me lembro são as escadas na rua", sua expressão, ao dizer isso, mostrou-me que ela queria muito poder estar nesse lugar, queria muito que sua família compartilhasse desse lugar e que as irmãs mais novas pudessem construir memórias desse lugar assim como ela construiu.

Sobre esse desejo de estar no seu país de origem, Silva (2017) afirma que alguns migrantes associam a impossibilidade de estar no seu lugar como uma condição de

condenação, "pois sentem-se privados de estar no local que mais desejam: a sua terra natal" (Grinberg & Grinberg, 1996 citado por Silva, 2017, p. 9).



Desenho 24. Criança C5: Árvore

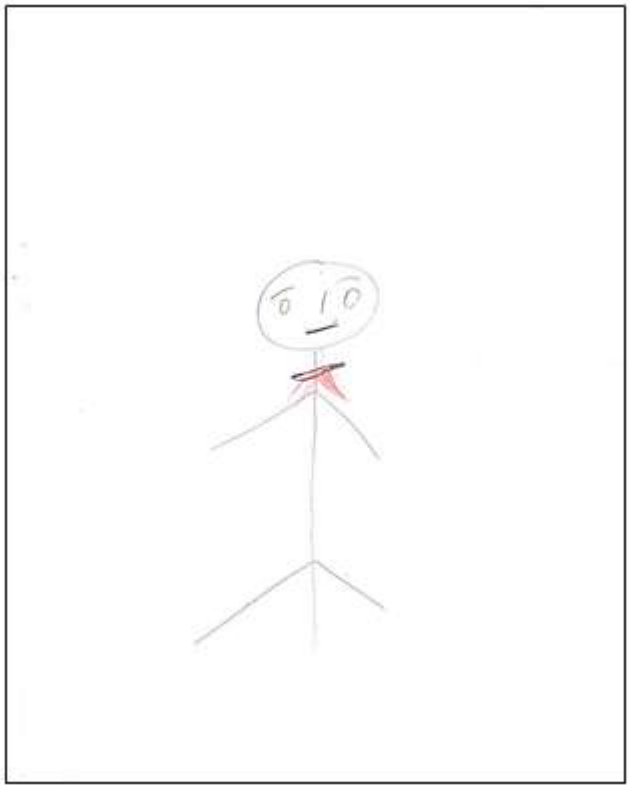
A árvore está viva, centralizada, tem raiz, linha de solo sutil, tronco, copa com frutos. O desenho é cromático. Verifica-se que esse desenho foi o qual ela mais se empenhou.

A árvore desenhada por C4 é a macieira, maçã é uma fruta cultivada na Síria e muito apreciada. A maçã é uma fruta muito bonita e crianças geralmente gostam de desenhar essa árvore, elas aprecem nas ilustrações de muitas histórias. Nesse sentido percebemos que C5, assim como qualquer criança, faz o desenho de uma árvore que faz parte do imaginário da criança, mas a maçã é cultivada na Síria, esse país é um grande produtor de frutas.

Embora esse país seja um grande produtor de frutas, estas, de acordo com Ana, são caras na maioria dos países árabes, por isso simbolizam momentos especiais.

A árvore de C5 tem raízes bem profundas, é uma árvore forte, assim como ela, que tem se reconstruído no novo país, é a tradutora dos pais nas situações mais complexas como reuniões de pais, cadastramentos etc. Ela também é responsável pelas irmãs, por ser a irmã

mais velha. O seu posicionamento de irmã mais velha reflete aspectos de sua cultura e religião, indicando, desse modo, aspectos de sua identidade referente ao seu lugar de origem.



Desenho 25. Criança C5: Pessoa 1

O desenho da figura humana revela os detalhes essenciais cabeça, tronco, braços, pernas e traços faciais. Não apresenta os pés nem roupas, apresentando um desenho pouco elaborado e definido para a sua idade. Porém enfatizamos que o objetivo do estudo não foi avaliar a adequação do desenho, no que diz respeito à avalição psicológica, mas sim verificar elementos que anunciassem aspectos relativos aos conceitos da PA elegidos para a análise dos desenhos.

Sobre a pessoa diz: *é presidente da Síria - Bashar al-Assad, é o presidente que odeio, eu não gosto de falar sobre ele, se ele tivesse coração não teria matado tantas pessoas, essa criança que morreu no mar, o irmão dele também morreu, o pai sobreviveu, o pai dele voltou para Síria* (se refere a Aylan Kurdi, o menino sírio-curdo de três anos de idade que morreu na viagem da Turquia para a Grécia, seu irmão e sua mãe também morreram). Notamos no discurso de C5 o seu posicionamento político. Também notamos na sua fala a indignação pelos que sofrem com o conflito a população civil, ou seja, há uma preocupação com a questão dos refugiados sírios.

Seu discurso e desenho mostram que ela se preocupa com as questões políticas do seu país, demonstrando vínculo com seu pais de origem, isto é, apego ao lugar e identidade de lugar. E seu pesar e indignação com o que aconteceu com Aylan e sua família, estes eram refugiados, demonstram que ela se coloca como refugiada. Como se me dissesse, eu sei o que essas pessoas passam, eu vivi lá, eu posso falar porque sou um deles.

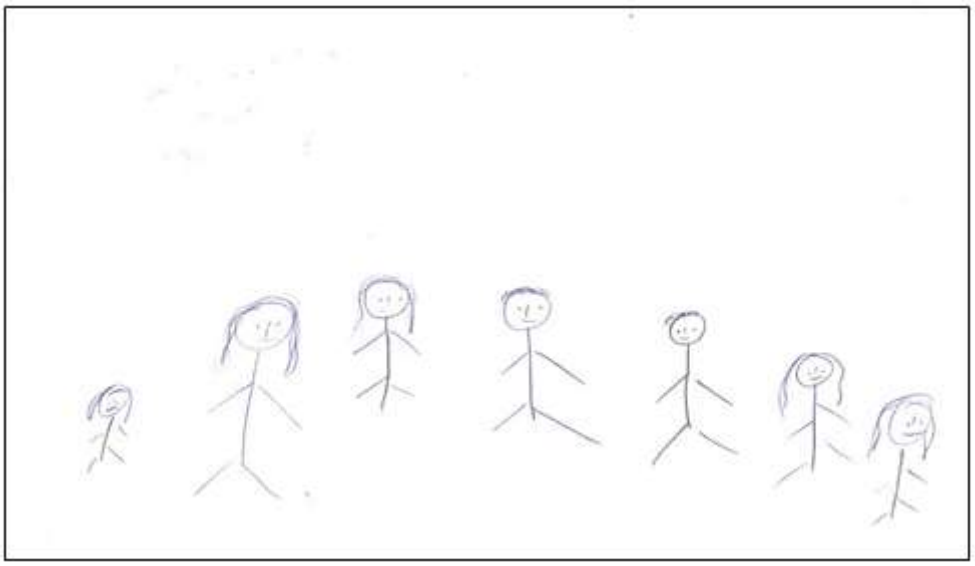
Desenho 26. Criança C5: Pessoa 2

C5 no seu segundo desenho faz Aylan Kurdi, o menino sírio-curdo de três anos de idade que morreu no mar turco, durante a tentativa da travessia da Turquia para a Grécia. Notamos na sua reflexão que o fato de crianças morrerem por motivo do conflito na Síria é inadmissível: *ela nos pergunta se vimos na televisão a reportagem sobre Aylan*, dizemos que sim, ela diz: *foi muito triste,* não é"? *Falamos que sim, o que aconteceu com ele e sua família foi muito triste,* ela reforça: *foi horrível, muito triste, ele não tinha nada com a guerra e sofreu, ele e sua família, o seu pai não tem mais ninguém*. C5 realmente ficou muito envolvida, seu tom de voz ficou alto, ela falou bastante tempo sobre Aylan e a família, C5 sentia muito pesar por ele e sua família, e pena do pai de Aylan que sobreviveu e ficou sozinho.

Ao falar sobre Aylan e sua família C5 nos alerta sobre o que está acontecendo com os refugiados, pessoas estão morrendo, não podemos ficar indiferentes e, ao mesmo tempo, coloca-se como um deles. Assim, neste desenho vemos sua identidade de refugiada ao se preocupar com o drama vivido pelos refugiados, principalmente em relação à fuga. Ela

mostra, também, que não é indiferente ao que a população de seu país vive, revelando uma conexão com a realidade de lá.

Silva (2017) fala sobre essa vivência ligada a realidade de seu país, para ele o migrante se encontra pendente entre dois mundos. Assim, a sua vivência resulta da sobreposição dos dois lugares. Tal experiência determina a reconstrução da realidade, portanto, a reconstrução da sua própria identidade. C5 está aqui, mas sofre pelo que acontece lá, e está atenta também as questões políticas da Síria, ela faz parte dos dois mundos. Desse modo, a construção da sua identidade se dá com referência a esses dois contextos.



Desenho 27. Criança C5: Família

Sobre o desenho fala*: É a minha família que está no Brasil, não dá para desenhar toda a minha família, toda minha família que está lá.*

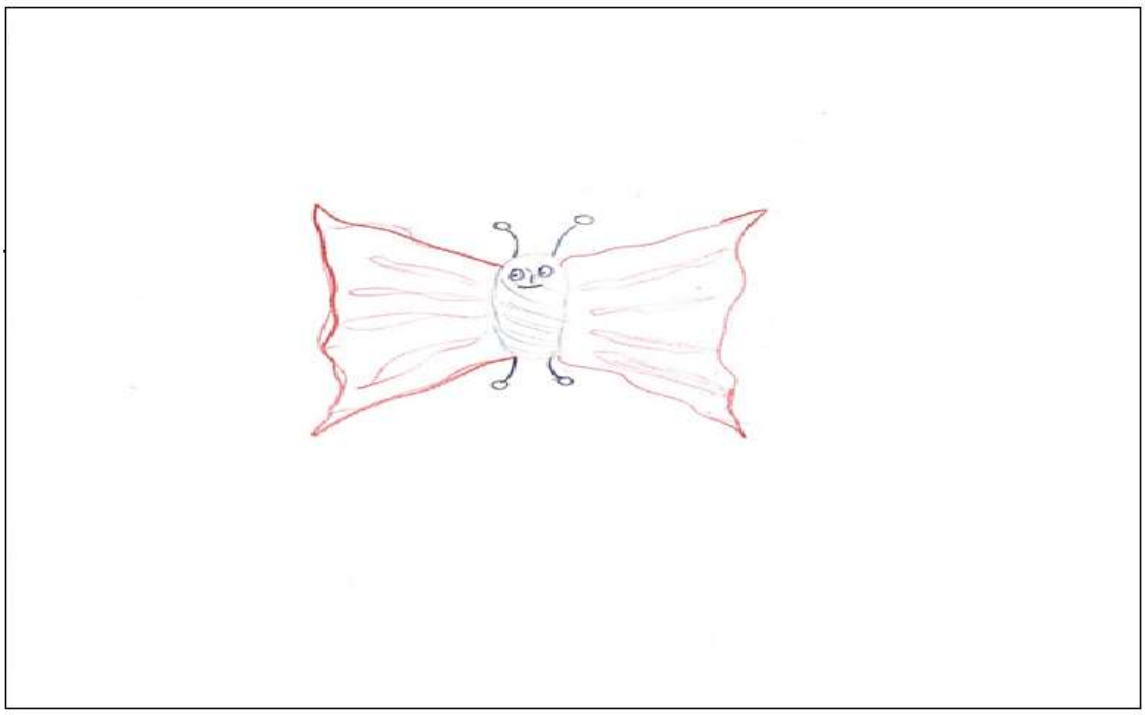
No desenho aparecem, da esquerda para direita: sua irmã mais nova, a mãe, ela, o pai, o irmão, C4, C1. Ela aparece como a figura mais elevada e se posiciona entre seu pai e sua mãe. Interpretamos que essa representação se dá por seu papel na família. Verificamos que ela era responsável por algumas atividades da mãe, ela a representa em atividades cotidianas que envolvem comunicação já que a mãe não fala português.

A língua é uma categoria muito importante na constituição da identidade dos sujeitos em situação de refúgio. No caso de C5 ela se sente muito bem por falar português tão bem, ela realmente é muito fluente e tem autoestima por isso. O domínio desse idioma a coloca em outro patamar em relação à família, permitindo-a comunicar-se com o mundo, tirando-a de

uma situação de exclusão que a barreira da língua pode potencializar. Nesse aspecto, a língua aparece como base de sua constituição identitária.

Para Silva (2017, p. 8) “A linguagem é parte integrante da identidade, uma vez que é através dela que conhecemos o mundo, os outros e a nós próprios”, C5 durante a entrevista falou com propriedade sobre pratos brasileiros, ela queria mostrar que entende de comida brasileira, assim como de comida árabe. A fluência a permite ser mais comunicativa e extrovertida do que as irmãs.

Na sua fala verificamos a sua ligação com seus familiares que ficaram na Síria, para ela é impossível representá-los, mas pondera que eles estão lá. Observamos que ela demostra certa angústia pelos entes que ficaram, quer seja pela segurança, quer seja pela dor da separação. No contexto de refúgio todos os evolvidos saem prejudicados, e os sujeitos apresentam uma sensação de impotência. A respeito disso Martins-Borges (2013) ressalta que pela natureza dos conflitos que levam aos deslocamentos dos refugiados - guerras, genocídios, tortura, etc., as pessoas levam consigo de certo modo, marcas do fracasso individual e coletivo. Pois, não foi somente ele, ou sua família, que foi atingido pelo conflito, mas foi toda uma comunidade, um grupo étnico, um país, etc.



Desenho 28. Criança C5: Animal

C5 desenha uma borboleta, segundo ela: *a borboleta é um animal que não machuca e ao mesmo tempo, elas são calmas, eu gosto de coisas bem calmas.*

Borboletas são animais que existem nas mais variadas culturas e geralmente estão associadas a algo bom. Segundo Costa e Soares (2015, tradução nossa)[14], borboletas são mais frequentemente consideradas como símbolo de algo bom e bonito. Seja amarela, azul, vermelha, lilás, ou multicoloridas, significados diferentes são atribuídos a este inseto de acordo com as crenças e cultura de cada povo. A borboleta branca, no entanto, é mais associada à ideia de alma.

O discurso de C5 realmente deixa transparecer uma visão positiva a respeito das borboletas. Isso nos leva a pensar que ela, apesar das dificuldades que vive como refugiada, acredita que terá dias melhores. Tem esperança de um futuro melhor para ela e sua família no lugar de refúgio.

No que se refere a calma que a borboleta demonstra para ela, podemos inferir também que a sua experiência de ter vivido em um lugar em guerra, logo um lugar nada tranquilo, a leve a valorizar situações de calma e também animais que demonstrem esta característica.

4.6 Considerações sobre a criança refugiada em Campo Grande/MS

Em nossa busca sobre informações de crianças sírias refugiadas em Campo Grande/MS, procuramos as Secretarias de Educação Estadual SED e Municipal SEMED, visto que esses órgãos atendem crianças em idade escolar que era o caso da população do nosso estudo, assim, poderiam nos informar dados relativos a nacionalidade das crianças atendidas nas suas redes. Também procuramos informações sobre sírios em Campo Grande através do DELEMIG e CADH.

Em resposta ao nosso pedido sobre número de crianças sírias matriculadas obtivemos a seguinte informação SED: *Em atendimento ao ofício UCDB/PPGP Nº 03/2018, referente ao número de alunos matriculados na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande, com idade até 17 anos e que tenham nacionalidade síria, informamos que não temos em nossa rede nenhum aluno com tal nacionalidade, entretanto enviamos, anexo a este e-mail, um quantitativo de alunos com idade até 17 anos com suas respectivas nacionalidades* (Anexo 4).

Desse modo, em agosto de 2018 estão matriculados na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande 200 alunos com idade até 17 anos com nacionalidade estrangeira. Essas

[14] Citação em inglês: “butterflies are most often considered as a symbol of something good and beautiful. Whether yellow, blue, red, lilac or multicolored, different meanings are assigned to this insect according to the beliefs and culture of each people. The white butterfly, however, is always most associated with the idea of the soul” (Costa & Soares, 2015, p. 640).

crianças são da Argentina (5), Bolívia (15), Colômbia (2), Equador (1), Espanha (8), Estados Unidos (12), Filipinas (2), Inglaterra (5), Irlanda (1), Itália (3), Japão (83), Nova Zelândia (1), Palestina (1), Paraguai (22), Peru (1), Portugal (31), República do Haiti (4), Suriname (1), Venezuela (2).

A SEMED nos informou o seguinte: *Em resposta ao Ofício UCDB/PPGP n. 4/2018, informamos que, no ano letivo de 2018, o Sistema de Cadastro de Informações Gerenciais da Rede Municipal de Ensino/SIGER possui dois alunos estrangeiros de nacionalidade Síria* (Anexo 5).

A DELEMIG não respondeu nosso ofício até a data de finalização deste estudo. Já o CADH usa as informações da Acnur, pois como os refugiados são considerados um grupo em constante deslocamento, torna-se complicado precisar dados.

Observamos que na Rede Estadual de Educação não havia crianças sírias naquele momento, já a Rede Municipal de Educação tem duas crianças sírias matriculadas que, possivelmente, são as duas crianças participantes do nosso estudo, visto que elas informaram que eram estudantes da rede municipal e até a data de finalização desse estudo elas estavam vivendo em Campo Grande. Sabemos que, no caso dessas duas crianças, elas são refugiadas.

Porém, observamos que não há o registro da condição da criança, somente a informação de sua nacionalidade, resposta da SED ao Ofício nº 1: *Disponibilizamos apenas o número de alunos estrangeiros, pois não possuímos nenhuma informação referente ao número de refugiados* (Anexo 3).

Fato é que diante do número de refugiados que temos visto atualmente dando entrada no país, possivelmente muitas dessas crianças de países como a Síria, Palestina, Venezuela, Colômbia, Haiti podem ser refugiadas. Conforme o relatório intitulado Refúgio em número do Ministério da Justiça (2017), o Brasil teve 17.865 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado em 2017 da Venezuela, 2.362 do Haiti e 823 da Síria. Entre 2007 e 2017 foram reconhecidos refugiados 2.771 da Síria, 316 da Colômbia e 295 da Palestina.

A partir dos dados da SED e SEMED notamos que as crianças C1, C4 e C5 (Família A) de nacionalidade síria e que participaram da pesquisa em janeiro de 2018, não constavam nos bancos de dados em agosto do mesmo ano, provavelmente essa família migrou, nos comprovando a questão do deslocamento dessa população, como nos havia alertado o CADH. Em consonância com esse Centro de atendimento, um dos principais motivos na dificuldade de informações sobre esses grupos é o fato de que muitos que chegam a Campo Grande permanecem pouco tempo e logo migram para outras regiões, o que dificulta a obtenção de informações.

Um estudo comparativo realizado na Europa por Crul, Elif, Schneider, Frans e Ghaeminia (2016) sobre crianças refugiadas e imigrantes na Suécia, na Alemanha, nos Países Baixos e na Turquia intitulado "Nenhuma geração perdida: educação para crianças refugiadas. Uma comparação entre a Suécia, a Alemanha, os Países Baixos e a Turquia" (tradução nossa) mostrou a preocupação desses países em integrar e conhecer esse grupo que utiliza de seus sistemas de ensino, para os estudiosos a escolha desses países europeus se deu porque são eles os que recebem o maior número de refugiados, e que, portanto, têm o maior número de crianças refugiadas entrando e utilizando de seus sistemas educacionais. Além disso, eles têm diferentes disposições institucionais destinadas a integrar as crianças refugiadas assistidas em sua rede de educação, estando aí a importância em compará-los.

Nesse estudo, os autores enfatizaram dificuldades na obtenção de dados sobre crianças refugiadas de forma precisa, mas ainda assim, havia uma identificação da origem dessas crianças quando elas entravam na rede de ensino desses países, o que possibilitava a identificação por sua origem nacional, sabendo que a maioria das pessoas pertencentes a determinadas nacionalidades veio como refugiada (Crul, Elif, Schneider, Frans, & Ghaeminia, 2016).

Fazendo uma ligação com a constatação do estudo em referência, podemos dizer que o mesmo acontece aqui em Campo Grande/MS. Os refugiados geralmente se apresentam como refugiados, visto que dão entrada no país sob essa denominação. Mas, devido a mecanismos de proteção contra preconceitos que elas possam sofrer os órgãos de atendimento, como as redes de ensino, não podem registrar formalmente a condição dessas crianças, identificando-as somente como estrangeiras e sua nacionalidade. Concordamos que não cabe a esses órgãos especificarem o motivo ou a condição das crianças matriculadas estarem no país, mas, por outro lado, entendemos também que saber quem é o usuário dessas redes seria uma forma de adequar a sua inserção e oferecer um serviço mais adequado e que atenda suas especificidades.

Sobre algumas dessas especificidades destacamos duas que foram verificadas na nossa pesquisa, o problema de integração e a dificuldade com o idioma. Sobre a integração destacamos o caso das Crianças C5 e C4 que são meninas e usam véu demostraram preocupação sobre os amigos da escola não saberem nada sobre a sua religião, sofrendo até mesmo *bullying.* Já no que diz respeito ao idioma percebemos que as crianças mais novas C1, C2 e C3 tinham dificuldades tanto em falar como em escrever em português.

É necessário a busca por fomentar dinâmicas de trocas de experiências entre a população local e os refugiados nos ambientes educativos e possibilitar a busca pela

autossuficiência de migrantes e refugiados no domínio do português (Estado de Direito, 2017). Segundo Silva (2013) é necessária a realização de diagnósticos e prognósticos, como levantar dados de matrículas de alunos migrantes, refugiados e solicitantes de refúgio nas escolas de Mato Grosso do Sul, com o intuito de identificar os municípios e regiões com maior e menor concentração, como uma das medidas estratégicas necessárias para conhecimento do grupo em questão. Assim, o autor discute a importância do CERMA e diz que a estratégia deste comitê também deveria buscar o estabelecimento de diretrizes para a admissão e acesso às escolas públicas da criança refugiada e migrante.

4.7 A construção da identidade da criança síria refugiada em Campo Grande/MS

Pode-se dizer que pesquisar a identidade infantil é buscar compreender processos complexos de identificação e também de construção de referências. Quando a identidade em questão envolve grupos de refugiados, entra em cena a dualidade entre duas identificações que, no caso das crianças estudadas, são a nacionalidade síria e a assimilação dos novos referenciais culturais do país de refúgio. Essas crianças são obrigadas a aprender português para poderem se integrar no contexto escolar e para fazerem amigos e serem aceitos entre os pares.

Os desenhos e o discurso das crianças sobre eles, assim como a entrevista com os pais nos apresentaram que a identidade das crianças sírias refugiadas em Campo Grande/MS aparece pautada ao fato de ser sírio e refugiado, sendo representada por elementos relacionados à Síria como a guerra, a política, a questão dos refugiados, a religião, a cultura, a comida e a organização familiar. Também verificamos que a língua árabe é um elemento marcante na identidade das crianças sírias participantes do estudo. Dessa forma, organizamos esses elementos em subitens para uma melhor compreensão.

4.7.1 O idioma

Verificamos que as crianças do estudo só falavam árabe no contexto familiar. As mães das duas famílias não sabiam falar português, as crianças maiores eram suas tradutoras. Os pais falavam português, mas ainda apresentavam dificuldades, as crianças maiores também os ajudavam na tradução de assuntos mais complexos.

O fato de algumas crianças dominarem os dois idiomas é algo muito interessante que contribui para o seu desenvolvimento. Mas notamos que, no caso de algumas crianças,

principalmente as mais novas (C1, C2, C3), o contato maior com o idioma árabe prejudicava a fluência em português, considerando que ambas as famílias já estavam no Brasil a um tempo considerável. Falar árabe com seus familiares os remetem a seu país de origem, os fazem se sentir parte de um povo, isto é, faz parte da sua história de vida e os conectam. Assim, podemos constatar que a construção de suas identidades está vinculada a essas instâncias de pertencimento, vinculados primeiramente a suas raízes árabes. Nesse aspecto, verifica-se a ligação com o país de origem, para a PA é o conceito de apego ao lugar que remete o sujeito a sentimentos de pertencimento a um lugar em que o sujeito está ligado quer emocional, quer culturalmente (Cavalcante & Elali, 2017).

Na pesquisa verificamos que as crianças da Família B, apesar de moraram em Campo Grande desde outubro de 2015, ou seja, há quase três anos, tinham muita dificuldade de falar o idioma. O pai também fala português com muita dificuldade e quando me apresentei para fazer a pesquisa o fato de ter a tradutora que falava árabe, o levou a falar somente em árabe praticamente o tempo todo. Por mais que eu fizesse as perguntas em português para persuadi-lo a falar português, ele pedia desculpas e me dizia não é todo dia que temos uma pessoa falando árabe conosco.

Depois percebi que o fato de a tradutora falar o idioma árabe teve influência na participação dessa família na pesquisa. Pois tanto o pai como as crianças demonstraram que era muito importante para eles ter alguém para falar árabe com a esposa/mãe dessa família. Outro ponto que confirmou que ter alguém que falasse árabe era importante para eles, foi o fato de as crianças C2 e C3 demorarem muito para fazer os desenhos. Depois eles comentaram que gostavam que a mãe tivesse com quem conversa, e queriam que voltássemos para fazer companhia para mãe. No geral os encontros foram bem longos.

Um dia a criança C3 me disse: "*eu sei desenhar rápido, mas não faço porque quero que vocês venham todos os dias falar com minha mãe*". Ficou claro que o menino gostaria que atuássemos como companhia a sua mãe, que ele achava que ela se sentia sozinha aqui em Campo Grande. E, ao mesmo tempo, era importante para ele que sua mãe tivesse com quem falar árabe, sendo a presença de Ana, uma falante do idioma, algo valorizado por ele.

Diante disso, notamos que a língua árabe se configura como elemento estruturante em relação a identidade das crianças do estudo, tanto as crianças mais jovens que não falam português tão bem, como as maiores que são fluentes e têm no idioma árabe o demarcador de quem eles são, trazendo ela para os seus desenhos como parte integrante das representações. Deste modo, a língua árabe se configura como um relevante elemento representante da identidade das crianças participantes desse estudo, marcando a sua identidade síria.

Nos encontros também verificamos que as crianças C2 e C3 (Família B) só falavam árabe entre elas, e quando eu perguntava alguma coisa, se eles não soubessem, não se esforçavam em me explorar para saberem o significado em português. Eles já pediam a ajuda de Ana para explicar para eles em árabe.

No caso das crianças da Família B o idioma árabe como um demarcador da identidade tem influência notável no desenvolvimento da sua fluência em português, quando procuramos instigá-los, a falar determinada palavra em português, preferiram falar em árabe para a tradutora, e pedir para esta nos traduzir.

Assim, há processos que fazem referência a laços afetivos relacionados aos lugares e aos seus vínculos, sendo comuns de serem observados no espaço em que se vive. No caso do estudo da identidade de crianças refugiadas, a questão do afeto ao lugar é relevante, pois percebemos, no caso do grupo estudado, que elas vivem em Campo Grande, mas sua carga afetiva referente a lugar indicava predominantemente a Síria como seu lugar, seu país. Foram apresentados, nos desenhos, as preocupações sobre o que acontece lá, relativo aos problemas dos refugiados, do conflito, da política, algumas crianças escreveram palavras e frases em árabe demonstrando a sua ligação com o idioma, que sabemos que envolve o afeto à língua materna.

Segundo Mesmin e Bâ (1995, citado por Borges & Procreau, 2012), a língua materna deve ser valorizada, porque ela é considerada um modo importante da expressão da afetividade. Então, quando se mostra necessário, deve-se solicitar a colaboração de um mediador cultural (chamado "intérprete"), este garante não apenas a tradução da língua, mas também a da cultura (Borges & Procreau, 2009). Quando se trabalha com refugiados é fundamental propiciar a expressão da experiência vivida e dos afetos na língua materna, que é a língua de formação simbólica e dos primeiros vínculos afetivos, e também consagrar um espaço aos dados culturais e às representações sociais (Borges & Procreau, 2012).

No caso dos refugiados a sua atuação num lugar diferente de seu país impõe um enfrentamento de barreiras culturais, sociais, linguísticas, que pressupõe um comportamento desses sujeitos, frente a esse ambiente. No caso das famílias pesquisadas notamos que uma forma de lidar com esse ambiente, no sentido de adaptação, é a manutenção da língua árabe no espaço familiar e a reunião com outros falantes deste idioma que vivem em Campo Grande/MS (refugiados, imigrantes e descendentes).

Sobre a aproximação de grupos falantes do idioma árabe como forma de recriação de seus lugares e reafirmação de suas identidades Casey (1993, citado por Marondola & Gallo, 2010, p., 412), diz que o indivíduo migrante não pode ou não é capaz de abdicar de toda a sua

história e formação para estabelecer prontamente relação com o lugar de destino. E por não encontrar identificação de forma clara na sua nova realidade, o imigrante tende a reproduzir seus lugares na expectativa de preservar sua forma de ser, bem como para reafirmar sua identidade territorial. São as relações e laços promotores do envolvimento com os lugares que dão as fundações e sustento para o ser.

Para a PA o lugar que o indivíduo nasceu, assim como os que viveu ou vive, são importantes para ele e contribuem para a sua construção identitária, a língua materna, no caso dos participantes, verificamos que é um elemento que os fazem sentir parte de um povo com uma história, e os aproximar de suas tradições.

> A construção da identidade está relacionada tanto a aspectos temporais, ao desenrolar da vida dos sujeitos, quanto a aspectos espaciais, mais propriamente ao lugar ou lugares aos quais as pessoas se sentem vinculadas a partir de um processo de apropriação essencial à identificação ou construção de sua identidade (Cavalcante & Elali, 2017).

Assim, também consideramos a língua árabe um elemento de destaque nas elaborações das crianças das duas famílias. Segundo Grubits (2003, p. 105) "o desenho da casa é um suporte onde se misturam e se cruzam os valores do objeto e os valores da pessoa, no momento presente, integrando o passado e a história pessoal, com aspectos sociais e culturais propriamente ditos". Desse modo, ao expor a sua língua materna nos desenhos da casa, podemos entender que essas crianças estavam demonstrando a sua história pessoal, isto é, a sua ligação com seu país e sua cultura.

4.7.2 A cultura e a comida

Entendemos que o fato de poderem ter a "casa cheia" aqui em Campo Grande, de certa forma, os reportava a seu contexto de origem, fazendo com que se sentissem próximos de seu país, de seu idioma, enfim, de sua vida. Em vista da PA reconhecer a importância da história do indivíduo, isso nos faz refletir que mesmo que ela analise esse sujeito no seu contexto atual, para compreendê-lo é necessário conhecer a sua história, que nesse caso são sujeitos que carregam consigo marcas de uma cultura que valoriza o contato, a integração com as pessoas, isto é, aprecia a "casa cheia".

Quando chegávamos para os encontros sempre o pai das crianças C2 e C3 (Família B) fazia questão de nos lembrar que nossa visita era motivo de festa para eles, pois gostam da casa cheia e tinham isso na Síria. As Crianças ficavam muito animadas e gostavam da nossa presença, pois dava a impressão que para eles era uma celebração. A mãe muito animada nos dois encontros nos trouxe chá, bolos e no último dia nos preparou quibe.

Conversando com as crianças sobre o que elas gostam de Campo Grande e do Brasil, elas sempre enfatizaram a comida. A criança C5 me disse que gostava muito de bobó de frango. A criança C2 disse que gostava de arroz e frango. Perguntou-me se eu sabia fazer arroz e feijão, eu disse sim. Ela seguiu perguntando e Chipa? Perguntei: você gosta de chipa? Sim. Gosto muito. *Hum*, é muito gostoso. Em seguida me perguntou: "O que vai na chipa para fazer"? Expliquei os ingredientes: vai polvilho, ovos, queijo, sal, leite. Ela segue: "põe queijo dentro chipa?" Eu expliquei que geralmente colocam na massa, aí misturam tudo. Ela olha surpresa: "não põe dentro queijo?" Disse a ela: "pode ser também, mas a receita é misturar tudo na massa (logo perde o interesse no assunto por não estar entendo muito bem)". A comida também aparece no desenho de C3 (Desenho 16), que fala sobre o *Shawarma* como o melhor churrasco do mundo.

A comida também é um fator que demarca a identidade das crianças pesquisadas. No discurso das crianças das duas famílias a comida apareceu como elemento relevante, tanto destacando a comida de seu país como a do Brasil. As crianças da família A (C1, C4 e C5) gostam de comida brasileira, mas preferem a comida árabe que para elas é a melhor do mundo.

A comida, do mesmo modo, aparece nos traços das crianças da família B. C3 mostra a preparação do *Shawarma* como um alimento festivo e em seu discurso diz que é o melhor churrasco do mundo. Já a Chipa,[15] comida local, aparece no discurso de C2, para ela é uma comida muito boa. Nesse aspecto, a comida é um elemento identitário - preferir comida síria por essa ser a melhor do mundo, afinal é a comida de seu país, mas também gostar de comida brasileira dá a entender que essas crianças estão buscando se estabelecer num novo contexto e fundamentar uma identidade em que se valoriza a comida de seu pais, mas que estão abertas a novas experiências que permitem reformulações de adequação ao contexto social em que estão vivendo.

[15] Espécie de pão de queijo de origem paraguaia muito apreciada em Campo Grande e já incorporada à cultura alimentar da população.

A comida se apresentou como um fator importante nos encontros com a Família B que nos serviu chás e comida árabe. É relevante destacar que a Família B tinha a preparação de comidas árabes como seu trabalho.

No caso da Família A a comida árabe surge no discurso das crianças como sendo a melhor comida do mundo, ou seja, a sua ligação com a comida de seu país representa indicador da sua nacionalidade, afetividade, lembranças. Mas, por outro lado, elas também valorizam a comida brasileira e campo-grandense.

Entendemos que essas crianças carregam muito da sua cultura árabe, mas também estão recebendo muito da cultura local e isso está favorecendo a sua inserção e adaptação nesta cidade. Moser (2005) entende as cidades, os vilarejos e os povoamentos de maneira geral, como ambientes coletivos/públicos. São nesses espaços que os indivíduos constroem novas relações e experienciam coisas novas, no caso das crianças refugiadas do estudo, elas tiveram a oportunidade de provar a comida brasileira e de Campo Grande, por terem que se refugiar. É certo que o refúgio é um processo difícil, pelas mudanças abruptas e o motivo de sua ocorrência. Mas, por outro lado, oportuniza as pessoas a conhecerem outras culturas, a adaptação vai ocorrer conforme a capacidade delas em lidar com as mudanças e aceitar a nova vida. No caso das crianças C2, C4 e C5, a experiência em morar em Campo Grande ou no Brasil, pelo menos no que diz respeito à culinária, tem sido positiva, pois elas gostam da comida daqui.

Por seu objeto, a PA foi, e é, antes de tudo, uma Psicologia do espaço, na proporção que ela investiga as percepções, as atitudes e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele evolui (Moser, 2005). Ao nos contar sobre as suas experiências alimentares em Campo Grande, elas estão nos mostrando as suas percepções e a atitudes frente a esse novo contexto físico e social.

Não é possível compreender o espaço e o lugar sem considerar o tempo. O ambiente não é apenas experimentado agora, no presente, ele influencia igualmente a nossa compreensão do presente. A relação com o ambiente não depende, então, exclusivamente do ciclo de vida do indivíduo, como também da evolução das necessidades que são, elas próprias, culturalmente assinaladas (Moser, 2016).

> As análises concernentes à percepção, avaliação e representação do ambiente, tanto construído quanto natural, não fazem, em geral, senão implicitamente referência às dimensões temporais e culturais. A evolução da cognição ambiental estudada pelos mapas cognitivos permite caracterizar o modo como se constrói no sujeito a

> representação do ambiente. A avaliação ambiental e a expressão das emoções concernentes ao ambiente são fortemente dependentes das dimensões temporais, históricas e culturais e, portanto, tributárias da memória (Moser, 2016, p. 14).

Podemos perceber que, ao desenhar o que foi proposto, as crianças representaram o seu país, isto é, fizeram representações do ambiente carregadas de emoções, e estas representações estavam fortemente marcadas pelas dimensões temporais, históricas e culturais.

Moser (2016) diz que, tendo por referência as dimensões sociais e culturais, a PA considera que o indivíduo, em sua relação com os diferentes espaços, está condicionado pelo contexto cultural e social no qual evolui, pela sua história e suas aspirações, em presença desse espaço. Em outros termos, não se pode compreender a relação do indivíduo com o ambiente, se não se levar em conta, ao mesmo tempo, contextos culturais e sociais em que essa relação se realiza. É a história, tanto a coletiva como a individual, que condiciona as percepções e comportamentos, assim como as necessidades e aspirações particulares. Esta interação também será tributária da projeção do indivíduo no futuro, sempre relacionada com o ambiente, com o qual o indivíduo está em interação.

Cavalcante e Elali (2017) relatam que a construção da identidade dos sujeitos está relacionada tanto a aspectos temporais do decorrer da vida, quanto a aspectos espaciais, especificamente a lugares que se sentem vinculadas, e que este processo é responsável pela identificação e construção de sua identidade. As crianças, ao se conectarem com a culinária árabe, mas aceitando e gostando de comida brasileira, estão mostrando sua vinculação, mas também estão se apropriando da cultura local, esse processo revela a construção de sua identidade.

4.7.3 A religião

A religião muçulmana tem uma relevante influência na identidade das crianças pesquisadas, o uso do véu nos desenhos das figuras femininas se destacou nas elaborações das crianças das duas famílias pesquisadas. Outro fator que desponta a relevância da religião é a presença do nome de Deus em árabe nos desenhos da casa das crianças da Família B.

O véu apareceu em quase todos os desenhos que trazem figuras femininas, ele só não apareceu quando os traços representavam meninas pequenas ou quando as mulheres em idade de usar o véu apareciam no contexto familiar. Desse modo, ao ter a percepção que podem ser

quem são no novo ambiente, expressando sua religião, esses sujeitos estão apropriando do espaço e os transformando em um lugar mais adequado as suas necessidades que permita a manifestação de sua identidade de lugar. A respeito dessa visão ponderam Jerônimo e Gonçalves (2013, p. 118)

> Assim, apropriação do espaço tem como indicador a manifestação da identidade de lugar das pessoas e das comunidades, pois as relações sociais, culturais e históricas que se dão no mundo concreto e simbólico vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído. A transformação do espaço em um lugar que dê segurança, que permita a manifestação da identidade de lugar, que evidencie os valores, as referências, os afetos é um espaço apropriado pelo sujeito.

As crianças, ao representarem o objeto véu como parte do contexto, estão mostrando a apropriação do espaço, uma vez que mostram a identidade de lugar, no novo cenário, porém essa apropriação ocorre com a integração de sua religião. Outro aspecto que revela a apropriação do lugar, no que se refere à instancia religião, é morar próximo à mesquita, isto é, trazê-la para seu entorno. Tudo isso reflete na construção da identidade das crianças que fazem dessa instância algo muito presente na construção de suas identidades.

A Criança C4 me relatou uma situação que sua irmã (C5) vive na escola por usar lenço. A dificuldade do entendimento do uso do véu pelas muçulmanas no Brasil é relatada por Marques (2008, p. 10) “No Brasil, essa ambiguidade perpassa pela decisão de usá-lo ou não, em função da dificuldade e, até mesmo, ‘desacatos e insultos’, por parte de alguns não muçulmanos que desconhecem a religião”.

No discurso de C4 percebemos a importância do olhar do outro. Reconhecemos pela perspectiva de Dubar (1997) a importância da avaliação e do olhar do outro para a minha percepção de quem eu sou, no caso das meninas participantes do estudo que já haviam iniciado o uso do véu Islâmico para ir à escola, o olhar do outro, reforça a sua identidade de estrangeira pertencente a uma religião diferente, ou pouco conhecida pelo outro, e tem impacto no sentido de se sentirem incapazes de discutir sobre isso, pois para elas, ser muçulmana é algo tão grandioso que elas não entendem como as outras pessoas não sabem/entendem tal pertença a essas dimensões religiosas. Além do mais, elas vieram de um país em que sua religião era a mais comum, logo esse novo cenário de desconhecimento sobre o islamismo parece ser irreal.

O universo cultural interfere na história de cada ser humano ressignificando a identidade cultural de cada um dentro do universo simbólico. Esses significados, produzidos e compartilhados entre todos os membros da sociedade, dão sentido à experiência e à existência de cada um, produzindo sentidos e símbolos que são representados nos valores da cultura (Jerônimo & Gonçalves, 2013, p. 121).

4.7.4 A guerra, a política e a questão dos refugiados

Nas análises dos desenhos das crianças sírias verificamos a expressão dos problemas enfrentados no seu país que levam o seu povo a refugiar, tais como a guerra e a questão política. A Guerra na Síria apareceu nos desenhos das crianças (C3, C4 e C5) e no discurso de C2, fica claro que elas acompanham e conversam sobre isso com seus familiares, desse modo, entendemos que estas instâncias são importantes para a compreensão de suas identidades, pois eles percebem o conflito como o motivo de eles serem refugiados.

As vivências dos terrores da Guerra Civil Síria aparecem no discurso e nos desenhos das crianças das duas famílias. As tecnologias atuais permitem que os acontecimentos referentes ao conflito sejam transmitidos praticamente em tempo real pela Internet e pelas redes de televisão. Nas visitas, pude perceber que as famílias acompanham por meio da Internet e TV a cabo os canais árabes de notícias, e falam que nem todos relatam a verdade, que as coisas são diferentes do que alguns canais de notícias mostram, somente se sabe o que acontece quem viveu ou está lá, além disso, as famílias nos alertaram para as notícias distorcidas e carregadas de posicionamento político às quais geralmente temos acesso.

A política se configurou no discurso do pai da Família B que discute com as crianças sobre o que acontece na Síria e nos desenhos das crianças C4 e C5 (Família A), elas são as crianças mais velhas, já têm um entendimento mais aprofundado sobre esse assunto, elas demonstraram insatisfação em relação ao governo de Bashar al-Assad. A criança C3 também demonstrou posicionamento político sobre os conflitos na Síria (Desenho 15).

Ao retratar a guerra e as questões políticas de seu país, as crianças estão trazendo sentimentos e opiniões que revelam a sua identidade de lugar, pois se mostram sendo parte e preocupadas com os problemas da Síria. A construção de identidade no que diz respeito a essa instância está atrelada ao sentimento de envolvimento e conhecimento sobre às atrocidades da guerra. Aqui é perceptível que eles assumem uma identidade de refugiados, pois enfatizam situações que remetem à problemas relacionados a esse grupo, ou seja, há um envolvimento com a causa, manifestando, certo pesar pelas pessoas que não tiveram a mesma sorte de

saírem vivas da zona de conflito. Em conformidade com Cavalcante e Elali (2017), a referência da pessoa com seus lugares é tão importante que os indivíduos determinam “quem” e “o que” são nos termos de quão fortes são seus vínculos com seu lar ou vizinhança ou comunidade.

As crianças C5 e C4 demostraram muita preocupação e empatia em relação as pessoas que sofrem com a guerra, C5 destacou Aylan como um exemplo do que tem acontecido com refugiados na fuga (Desenho 26). C4 mostra sua preocupação sobre essa questão no seu discurso (Desenho 20). Esta também destaca as mortes de pessoas inocentes (Desenho 21).

Não podemos deixar de ver que ao se preocuparem com as questões dos refugiados, estão também se colocando como tal, estão nos dizendo somos refugiados, e isso que levou com que vocês chegassem até nós. O posicionamento a respeito do que acontece com os refugiados, revela a sua identidade como tal e seu pertencimento a um povo e lugar que convive com as atrocidades da guerra. Segundo Cavalcante e Elali (2017) o apego ou vínculo com o lugar, segundo a PA, é ligada a questões de ordem afetiva, indicando o ambiente com o qual as pessoas são e/ou estão ligadas quer emocional quer culturalmente.

4.7.5 A organização familiar

As crianças mais velhas demonstraram um senso de reponsabilidade em relação aos irmãos mais novos. Também notamos no desenho de C2 (Desenho 10) a figura do pai olhando para eles, no seu discurso ela diz que o pai está cuidando da família, a mãe também aparece com essa função (Desenhov9). No desenho das crianças, C3 (Desenho 16) aponta que a família para ele são os amigos. A Criança C1 (Desenho 4) divide a família no intuito de mostrar as responsabilidades dos membros em relação uns aos outros. Assim, notamos que o cuidado é um elemento de destaque na compreensão das crianças sobre família.

No que se refere à organização familiar notamos que as crianças participantes apresentaram referências de seu país de origem, principalmente em relação às divisões das responsabilidades entre os membros da família. Ou seja, mesmo que estejam num país diferente, a dinâmica da sua família segue os moldes de sua cultura e de sua religião, expressando conteúdos de sua identidade de lugar.

Percebemos também que entre os árabes a importância da família é muito enfatizada na educação, eles são educados com um senso de responsabilidade relevante. E, no caso de famílias muçulmanas, como as participantes da pesquisa, o amor à família é um preceito religioso muito importante que deve ser seguido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução da pesquisa encontramos dificuldades para ter acesso às informações mais específicas sobre as crianças sírias refugiadas aqui em Campo Grande/MS. Neste sentido, percebemos que é necessário, por parte dos órgãos que atendem pessoas refugiadas, a discussão sobre formas de ter conhecimento sobre ela, sejam crianças ou adultos, pois, com informações mais precisas é possível a implantação de políticas direcionadas a esse grupo, o que levaria a uma assistência mais efetiva.

Não foi possível precisar o número aproximado de crianças sírias refugiadas que vivem atualmente em Campo Grande, porém sabemos que existe essa população na cidade. Mas a qual não é identificada como refugiada por questões de proteção contra preconceitos. De certo modo, essa medida adotada é válida, pois evita a estigmatização, mas, por outro lado, dificulta o conhecimento desse grupo. As informações das secretarias de educação nos permitiram inferir que existem crianças refugiadas em Campo Grande que precisam ser compreendidas nas suas especificidades, saber sua localização, quais serviços estão tendo, é uma maneira de oferecer possibilidades de inserção e adequação em/de políticas desenvolvidas para o grupo em questão.

Não conseguimos dados bibliográficos que comprovassem a relação da escolha de Campo Grande como lugar para viver, com a existência de uma comunidade árabe presente aqui, mas tivemos informação tanto da Família A, como da Família B que o motivo da vinda eram ter pessoas próximas, familiares ou amigos que moravam aqui, ou seja, havia a preocupação em estar próximos às pessoas que já conheciam, para se sentirem mais integrados, confirmando o entendimento da PA que diz ser a afiliação a grupos primordiais para o sentimento de pertencimento a um entorno concreto e significativo.

A pesquisa permitiu concluir que o processo de construção da identidade das crianças sírias refugiadas em Campo Grande/MS participantes do estudo se dá por meio ao fato de serem sírias e refugiadas. Desse modo, apareceram em seus desenhos e falas substratos que revelaram esses aspectos como a guerra, a questão política, a religião, a comida, a organização familiar, a arquitetura e a problemática dos refugiados. Apesar de alguns desses assuntos terem sido tratados como infortúnios, afinal eles foram obrigados a deixar seu país por algumas dessas adversidades, eles demostraram ter muito orgulho de suas origens e tradições. Outro aspecto que confirmou a construção de uma identidade de pessoa refugiada foi a representação, nos desenhos, da temática do refúgio/refugiados, apesar de não ter sido pedido.

Diante dos elementos que emergiram nos desenhos e nas falas das crianças é possível afirmar, com base na PA, que elas ainda estão muito vinculadas ao lugar de origem apresentando apego ao lugar e identidade de lugar bastante marcante. Além disso, foi possível verificar questões culturais e religiosas relevantes que configuram na construção da identidade dos participantes. No que se relaciona à língua, podemos dizer que apareceu nos desenhos das crianças das duas famílias afirmando as suas identidades étnicas. A religião, elemento bastante presente nos desenhos, indica-nos uma maneira de ficarem mais próximos de sua cultura e de seu país. A culinária que apareceu no discurso das crianças, do mesmo modo, destaca-se como elemento de aproximação, porém, ao mesmo tempo, sinaliza a aceitação e a identificação com o país de refúgio, vemos nesse aspecto o processo de apropriação.

O conceito de identidade de lugar está conectado à questão do pertencimento a determinado grupo e local. A construção da identidade é contínua e uma importante característica do ser humano, entender a sua constituição e os elementos envolvidos no grupo em questão, possibilita compreender esses sujeitos e suas relações. A psicologia ambiental utiliza a conceituação de ambiente como fonte de identidade (Ittelson, Proshansky, Rivlin, & Winkel, 2005), desse modo, tanto Campo Grande como a Síria configuram-se como lugares geradores de identidade para as crianças do estudo. O Primeiro como uma alternativa para a sua segurança, visto que a condição delas e de suas famílias estarem aqui é a guerra no seu país. Já o segundo, verificamos que se apresenta de forma mais relevante na definição de suas identidades, configurando como o lugar que elas gostariam de estar, pois como diz C5 “minha casa é Síria”, essa fala representa muito o sentimento das crianças participantes.

A religião muçulmana tem uma relevante influência na identidade das crianças pesquisadas, o uso do véu pelas mulheres se destacou na Família A e na Família B. Também verificamos a presença do nome Alá em árabe no desenho da casa das crianças da Família B.

A língua árabe se configurou como elemento estruturante em relação à identidade das crianças do estudo, tanto as mais jovens que não falam português tão bem, como as maiores que são fluentes e têm no idioma árabe o demarcador de quem elas são, trazendo esta categoria para algumas representações.

A comida também é um fator que demarca a identidade das crianças pesquisadas. No discurso das crianças das duas famílias a comida apareceu como elemento relevante, tanto destacando a comida de seus países, como a do Brasil e a de Campo Grande. Dessa forma, os participantes demonstraram que mesmo que não estivessem mais no seu lugar - sua terra natal -, eles a aproximaram, principalmente pelos fatores idioma, religião e comida, transformando o novo espaço em lugar, isto é, atribuindo significação, afeto e vivência. Tais fatores foram

verificados nos desenhos, nos discursos e no comportamento dos participantes. Assim, entendemos que essas crianças carregam muito da sua cultura árabe, mas também estão recebendo muito da cultura local e isso favorece a sua inserção e adaptação nesta cidade.

Notamos que as crianças apresentaram posicionamento sobre a guerra, política de seu país de origem e preocupações com a questão dos refugiados, apontando vínculo com o lugar e adoção de uma identidade de refugiados. Quanto à organização familiar, verificamos que as crianças participantes apresentaram referências de seu país de origem, principalmente em relação às divisões das responsabilidades entre os membros da família. Ou seja, mesmo que estejam em um país diferente, a dinâmica da sua família segue os moldes de sua cultura e de sua religião, expressando conteúdos de sua identidade de lugar.

Por fim, destacamos que esta pesquisa estudou um grupo que representa um fenômeno contemporâneo que tem impactado as mais diversas sociedades. Portanto, compreender os aspectos identitários dessas crianças que se encontram em processo de adaptação ao novo ambiente, este representado pela cidade de Campo Grande/MS, é relevante, pois contribui para o entendimento de uma das problemáticas dos refugiados.

Por isso, esta pesquisa deixa margem para que novos trabalhos sobre a construção da identidade da criança refugiada, tendo como abordagem teórica a Psicologia Ambiental, sejam realizados, ampliando o conhecimento sobre a temática e contribuindo com a disciplina.

REFERÊNCIAS

ACNUR. (2017). *Tendecias globales: desplazamiento forzado en 2017.* ACNUR / UNHCR: https://eacnur.org/files/tendencias_acnur_refugiados_2017.pdf

ACNUR. (2018). *Protegende Refugiados no Brasil e no Mundo*. Agência da ONU para Refugiados: s.n. Recuperado de https://acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf

Agamben, G. (2015). *Meios Sem Fim: Notas Sobre a Política.* Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Aid to the Church in Need. (2015?). Síria. *ACN*. Recuperado de https://acn.org.br/wp-content/uploads/attachments/RLRM-2016-Siria.pdf

Al-Jabri, M. A. (1999). *Introdução à crítica da razão árabe.* São Paulo: Editora Unesp.

Alves, M. C., & Bassani, M. A. (s.d.). *A psicologia ambiental como área de investigação da inter-relação pessoa-ambiente.* (Uni-Facef, Ed.). Recuperado de http://legacy.unifacef.com.br/novo/publicacoes/IIforum/Textos%20EP/Marlise%20e%20Maria%20Cherubina.pdf

Annoni, D. (2018). *Direito internacional dos refugiados e o Brasil.* Curitiba: Gedai/UFPR. Recuperado de dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2018/livroDireitoInternacionadosRefugiadosoBrasil.pdf

Arantes, M. H. (2007). A construção da identidade de crianças pantaneiras. Campo Grande, MS.

Augé, M. (1995). *Não lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade.* Campinas, SP: Papirus.

Barbosa, L. P., & Hora, J. S. (2007). *A Polícia Federal e a proteção internacional.* Brasília: ACNUR. Recuperado de obs.org.br/refugiados/download/117_231140cec298bfaca0b4de8622e8f6ad

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70.

Barichello, S., & Araújo, L. B. (Julho-Dezembro de 2014). Aspectos históricos da evolução e do. *Universitas Relações Internacionais, 12*(2), pp. 63-76. Recuperado de https://online.unisc.br/seer/index.php/direito/article/view/4507/4076

Barreto, L. T. (2010). *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas.* Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça. Recuperado de http://justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/livrorefugiobrasil.pdf

Barreto, L. T., & Leão, R. Z. (Julho de 2010). O Brasil e o espírito da Declaração de Cartagena. *Forced Migration* (35). Recuperado de https://www.fmreview.org/sites/fmr/files/FMR35brasil.pdf

Bauman, Z. (2005). *Identidade.* Rio de Janeiro: Zahar.

Brasil. (1980) Lei nº 6.815, de 19 de Agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. *Diário Oficial de União*. Brasília – DF. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6815.htm

Brasil. (1997). Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília – DF. Recuperado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm

Brasil. (2017). Lei n. 13.445, de 24 de Maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília, Brasil. *Diário Oficial da União*. Brasília-DF. Recuperado de http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm

Borges, L. M., & Pocreau, J.-B. (Abril de 2009). Reconhecer a diferença: o desafio da etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista, 15*(1), pp. 232-245. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n1/v15n1a14.pdf

Borges, L. M., & Pocreau, J.-B. (Outubro-Dezembro de 2012). Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. *Estudos de Psicologia, 29*(4), pp. 577-585. Recuperado de http://scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a12.pdf

Brandino, G. (2015). *Caminhos do refúgio.* São Paulo: s.n.

Carneiro, C., & Bindé, P. (1997). A Psicologia Ecológica e o estudo dos acontecimentos da vida diária. *Estudos de Psicologia, 2*(2), pp. 277-285. Recuperado de http://scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a10v02n2.pdf

Cavalcante, S., & Elali, G. A. (2017). *Temas básicos em psicologia ambiental* (Kindle Edition ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Cavok. (2018). *Síria, o mapa da guerra*. 1 Figura. Figura apresentada por Cavok. Recuperado de http://www.cavok.com.br/blog/siria-o-mapa-da-guerra-2/

Ciampa, A. d. (1984). Identidade. In W. Codo, & S. Lane, *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. d. (2011). *A estória do Severino e a história da Severina.* São Paulo: Editora Brasiliense.

UNICEF Brasil. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. [Website Unicef Brasil]. Recuperado de https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.html

Costa, J. P. (2016). *O Islã, os muçulmanos e seus conceitos: vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos.* Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul. Recuperado de https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/o-isla.pdf

Costa, M. F., & Soares, J. C. (Julho-Setembro de 2015). Free as a butterfly: symbology and palliative care. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 18*(3), pp. 631-641. Recuperado de http://scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232015000300631&script=sci_arttext&tlng=en

Crul, M., Elif, K., Schneider, J., Frans, L., & Ghaeminia, S. (2016). No lost generation: Education for refugee children. A comparison between Sweden, Germany, The Netherlands and Turkey. *EUI Forum on Migration, Citizenship and Demography in Florence,* Itália. Recuperado de https://www.eui.eu//Projects/TheForum/Documents/Keynote-lecture-education.pdf

Depositphotos. (4 de Outubro de 2014). *Fotografia de Porta de entrada árabe tradicional*. 1 Fotografia. Foto apresentada por Depositphotos.: Recuperado de https://br.depositphotos.com/54700825/stock-photo-arab-door.html

Derdyk, E. (1990). *O desenho da figura humana.* São Paulo: Scipione.

Destino Dubai. (24 de Dezembro de 2014). *Fotografia de Mulher usando Chador*. 1 Fotografia. Foto apresentada pelo Blog Destino Dubai. Recuperado de http://www.destinodubai.com.br/2014/12/24/entenda-os-veus-usados-ou-nao-pelas-muculmanas/

Dolto, F., Nasio, J.-D., & Telles, A. (2008). *A criança do espelho.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dubar, C. (1997). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.* Portugal: Porto Editora.

Durand, J. (2003). *Religiões monoteístas: judaísmo, catolicismo, islamismo e protestantismo.* São Paulo: Paulinas.

Estado de Direito. (2017). Proteção internacional aos refugiados: o contexto brasileiro e o estado do MS (Parte 3).

Evans, G. (2005). A importância do ambiente físico. *Psicologia USP*, 16(1/2), pp. 47-52. Recuperado de http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24643.pdf

Ferreira, S. (2003). *Imaginação e linguagem no desenho da criança.* 3a ed. São Paulo: Papirus.

Fersan, E. (2007). Os imigrantes sírio-libaneses no Brasil entre 1920 e 1926. Percepção. In D. F. Jardim, & M. Oliveira, *Os árabes e suas Américas.* Campo Grande: UFMS.

Freud, S. (1906/1996). Observações adicionais sobre neuropsicoses de defesa. In S. Freud, *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. III.

Gonçalves, T. (2007). *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano.* Ijuí: Unijuí.

Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real.* Porto Alegre: Penso.

Greig, P. (2004). *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita.* Porto Alegre: Artmed.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1996). *Migração e Exílio: Estudo psicanalítico.* Portugal: Climepsi Editores.

Grubits, S. (1996). *A construção da identidade infantil: a sociopsicomotricidade Ramain-Thiers e a ampliação do espaço terapêutico.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grubits, S. (2003). A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicologia em Estudo*, *8*(num.esp.) pp. 97-105. Recuperado de http://scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf

Grubits, S., & Darrault-Harris, I. (jan./jun de 2003). Ambiente, identidade e cultura: reflexões sobre comunidades Guarani/Kaiowá e Kadiwéu de Mato Grosso do Sul. Psicologia & Sociedade, *15*(1), pp. 182-200. Recuperado http://scielo.br/pdf/%0D/psoc/v15n1/v15n1a10.pdf

Hall, S. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade.* 8a ed.. Rio de Janeiro: DP&A.

Hammer, E. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hanauer, F. (Dezembro de 2013). Riscos e rabiscos – o desenho na educação infantil. *Perspectiva, 37*(140), pp. 73-82. Recuperado de http://uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_374.pdf

Hathaway, J. (1990). A Reconsideration of the Underlying Premise of Refugee Law. *Harvard International Law Journal, 31*(1), pp. 129-147. Recuperado de https://heinonline.org/HOL/LandingPage?collection=journals&handle=hein.journals/hilj31&div=13&id=&page

Holanda, A. (Julho de 2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica, 24*(3), pp. 363-372. Recuperado de

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&tlng=pt

IKMR. (2016). Criança no Brasil. [*Website IKMR*] São Paulo. Fonte: IKMR: http://www.ikmr.org.br/criancas/criancas-no-brasil/

Indursky, A. C., & Conte, B. d. (Julho-Dezembro de 2015). Trabalho Psíquico do Exílio: O corpo à prova da transição. *Ágora, 18*(2), pp. 273-288. Recuperado de http://scielo.br/pdf/agora/v18n2/1516-1498-agora-18-02-00273.pdf

Ittelson, W. H., Proshansky, H. M., Rivlin, L. G., & Winkel, G. H. (2005). Homem ambiental. *Série Textos de Psicologia Ambiental, 14*. Recuperado de psi-ambiental.net/pdf/14HomemAmbiente.pdf

Jerônimo, R. T. (2012). *Cultura e natureza em Ibiraquera: poesia e conflitos numa comunidade tradicional.* Criciúma, SC: Criciúma.

Jerônimo, R. T., & Gonçalves, T. M. (2008). O Processo de Apropriação do Espaço e Produção da Subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*(2), pp.195-200. Recuperado de http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/08.pdf

Jerônimo, R. T., & Gonçalves, T. M. (Abril de 2013). Identidade e personificação do lugar na apropriação do espaço pelos nativos de Ibiraquera. *Revista de Ciências Humanas - UFSC, 47*(1), pp. 117-132. Recuperado de https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2013v47n1p117/26180

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet, *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Junskowski, B. L. (2017). *Síria: histórias da guerra* (Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, Universidade Federal do Paraná). Recuperado de https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/48585

Kirmayer, L. J. (2003). Failures of Imagination: The refugee's narrative in psychiatry. *Anthropology & Medicine, 10*(2), pp. 167-185. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/289770700_Failures_of_imagination_The_refugee's_predicament

Knowledge, Evidence and Learning for Development - K4D. (2017). *University of Leeds Nuffield.* [Website Centre for International Health and Development]. Recuperado de https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/133%20Agriculture%20in%20Syria.pdf

Lasmar, J. M. (março de 2015). A legislação brasileira de combate e prevenção do terrorismo quatorze anos após 11 de setembro: limites, falhas e reflexões para o futuro. *Revista de Sociologia e Política, 23*(53), pp. 47-70. DOI 10.1590/1678-987315235304

Marandola, E. J., & Gallo, P. M. (Julho-Dezembro de 2010). Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos de População, 27*(2), pp. 407-424. Recuperado de http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/32486/1/S0102-30982010000200010.pdf

Marques, V. M. (2008). O Islã no Brasil: Um estudo comparado. *Fórum de Pesquisa: O Islã na contemporaneidade: Perspectivas Identitárias / Alteridades, migratórias e percepções do sensível.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Recuperado de abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2002/26a%20RBA.pdf

Martins-Borges, L. (Janeiro-Junho de 2013). Migração Involuntária como Fator de Risco à Saúde Mental. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, 21*(40), pp. 151-162. Recuperado de http://scielo.br/pdf/remhu/v21n40/09.pdf

Merleau-Ponty, M. (1990). *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos Psicossociologia e Filosofia.* Campinas: Papirus.

MINAYO, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 14a ed. São Paulo: Hucitec.

Ministério da Justiça. (2017). Refúgio em números - 3ª Edição. Secretárioa Nacional de Justiça: Brasília, Brasil. Recuperado de http://justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf

Ministério das Relações Exteriores. (2017). Política externa: Refugiados e CONARE. [Webiste] Brasília, Brasil. Recuperado de http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/153-refugiados-e-o-conare

Morval, J. (2009). *Psicologia ambiental.* Portugal: Instituto Piaget.

Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Zahar.

Moser, G. (Janeiro-Junho de 1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia, 3*(1), pp. 121-130. Recuperado de http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008

Moser, G. (2005). A psicologia ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. *Psicologia USP, 16*(1/2), 279-294. Recuperado de https://www.redalyc.org/html/3051/305123708030/

Moser, G. (2016). *Indivíduo & ambiente: uma introdução à psicologia ambiental.* Recuperado de psiambiental.files.wordpress.com/2016/05/moser-cap-01.pdf

Mourão, A. T., & Cavalcante, S. (2006). O processo de construção do lugar e da identidade. *Estudos de Psicologia, 11*(2), pp. 143-151. Recuperado de http://scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a03v11n2.pdf

Olic, N. B. (2011). Terrorismo: a ameaça do século XXI. *Informes e Documentos*. Recuperado de http://www4.moderna.com.br/pnld2011/download/complementacao_pedagogica/geografia/terrorismo_ameaca_do_seculo_xxi.pdf

Oliveira, M. A. (2001). *O Mais Importante era a Raça. Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande, MS.* (Tese de Doutorado, Universidade de São, São Paulo, Brasil).

Pereira, T. B. (Janeiro-Junho de 2014). Os Guardiães da Pátria: O Exército Árabe da Síria e sua relação com o Povo e o Estado. Revista de Geopolítica, 5(1), pp. 44-58. Recuperado de http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/viewFile/97/96

Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. *Estudos de Psicologia, 2*(2), pp. 377-398. Recuperado de http://scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a11v02n2.pdf

Piovesan, F. (2004). *Direitos humanos e o direito constitucional internacional.* São Paulo: Max Limonad.

Planeta sem Fronteiras. (10 de dezembro de 2010). Símbolo Nacional: o Cedro do Líbano. *Planeta sem Fronteiras.* Recuperado de https://planetasf.wordpress.com/2010/12/10/simbolo-nacional-o-cedro-do-libano/

Plants for a future. (s. d.). *Fotografia de Cedro-do-líbano*. 1 Fotografia. Recuperado de https://pfaf.org/USER/Plant.aspx?LatinName=Cedrus+libani

Ponte, A. Q., Bomfim, Z. C., & Pascual, J. G. (Outubro-Dezembro de 2009). Considerações teóricas sobre identidade de lugar à luz da abordagem histórico-cultural. *Psicologia Argumento, 27*(59), pp. 345-354. Recuperado de https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:O1j0Oe550UQJ:https://perio

dicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/download/20169/19459+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=es

Portal Terra. (12 de Dezembro de 2014). Rebeldes sírios mataram 300 civis, diz grupo ativista. *Portal Terra.* Recuperado de https://www.terra.com.br/noticias/mundo/disturbios-no-mundo-arabe/rebeldes-sirios-mataram-300-civis-diz-grupo-ativista,e716968365f3a410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html

Queiroz, P. C. (1999). *Uma ferrovia entre dois mundos: a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil na construção histórica de Mato Grosso (1918-1956).* (Tese Doutorado em História Econômica da FFLCH/USP). São Paulo.

Schiocchet, L. (agosto de 2011). Extremo Oriente Médio, admirável mundo novo: a construção do Oriente Médio e a Primavera Árabe. *Revista tempo do mundo, 3*(2), pp. 37-82.

Silva, C. S. (2013). *A política brasileira para refugiados (1998-2012).* (Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, RS, Brasil.

Silva, R. F. (2017). *A vivência migratória de um casal de refugiados da Síria: uma dupla precariedade.* (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal). Recuperado de http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6270/1/24113-OA.pdf

Sinus. (2009). Construindo juntos o nosso futuro comum. *Simulação das Nações Unidas para secundaristas*. [Website].

Soares, J. S. (Fevereiro de 2018). A Guerra Civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. *Obeservtário de Conflitos Internacionais, 5*(1). Recuperado de http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie---a-guerra-civil-na-siria---atores-interesses-e-desdobramentos.pdf

Soares, J. V., Ribeiro, P. G., Soprani, C., Jomaa, H. J., Salcedo, I. M., & Bernardes, D. Z. (2017). A Questão Curda. *Observatório de Conflitos Internacionais, 4*(1). Recuperado de https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/a-questao-curda.pdf

Souza , R. S. (2007). *Uma vida entre dois mundos: imigrantes sírios e libaneses em Dourados* (1910-1980). (Dissertação de mestrado, Programa de PósGraduação da Universidade Federal da Grande Dourados). Dourados, MS, Brasil.

Souza, R. S. (2009). Imigração árabe no Pantanal. *Anais do Congresso Inernacional de História* (pp. 1089-1101). Maringá, Paraná, Brasil, 4. DOI: 10.4025/4cih.pphuem.284

Tassara, E. O., & Rabinovich, E. P. (Maio-Agosto de 2003). Perspectivas da Psicologia Ambiental. *Estudos Psicológicos, 8*(2). Recuperado de http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000200018

Truzzi, O. M. (1997). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo.* São Paulo: Hucitec.

Truzzi, O. (2008). Sociabilidades e Valores: Um olhar sobre a família árabe muçulmana em São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, 51*(1), pp. 37-74. Recuperado de https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21851102

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos em saúde. *Revista Saúde Pública, 39*(3), pp. 507-14. Recuperado de http://scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf

Valera, S. (1996). *Psicología ambiental: bases teóricas y epistemológicas.* Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Sergi_Valera/publication/284389007_Psicologia_ambiental_Bases_teoricas_y_epistemologicas/links/5693a47608aed0aed817c136/Psicologia-ambiental-Bases-teoricas-y-epistemologicas.pdf

Valle, M. F. (2017). O processo de refúgio no Brasil e a proteção à criança solicitante de refúgio. *Revista Eletrônica de Direito Internacional, 20*(1), pp. 1-25. Recuperado de http://centrodireitointernacional.com.br/wp-content/uploads/2014/05/Mariana-Ferolla.-O-Processo-de-Ref%C3%BAgio-no-Brasil-e-a-Prote%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Crian%C3%A7a-Solicitante-de-Ref%C3%BAgio.pdf

Volta ao Mundo. (2018). *Fotografia de um bairro na Síria antes da guerra.* 1 Fotografia apresentada por Volta ao Mundo. Recuperado de https://www.voltaaomundo.pt/2018/06/07/saiba-reportagem-especial-como-era-a-siria-antes-da-guerra-1/

Wiesenfeld, E. (2005). A psicologia ambiental e as diversas realidade humanas. *Psicologia USP, 16*(1/2), pp. 53-69. Recuperado de http://scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24644.pdf

Wikipédia. (4 de Dezembro de 2017). *Wikipédia*: Cedro-do-líbano. Recuperado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Cedro-do-l%C3%ADbano

Wonsoski, W., & Domingues, E. (23 a 25 de setembro de 2015). O Conceito de identidade em Antonio da Costa Ciampa, Zygmunt Bauman, e Stuart Hall. *Anais 24ª Encontro Anual de Iniciação Científica / 4º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior.* Maringá, PR, Brasil. Recuperado de http://www.eaic.uem.br/eaic2015/anais/artigos/324.pdf

Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso planejamento e Métodos* (2a ed.). Porto Alegre: Bookman.

Zaia, M. (2006). *O Véu não cobre o pensamento: imigrantes muçulmanos em São Paulo (Dissertação de Mestrado).* São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Acesso em 20 de Setembro de 2018. Recuperado de https://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2017/07/tese-muc3a7ulmanos-sp.p

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro da entrevista com os responsáveis pela criança

1) Grau de parentesco com a criança.

2) País de origem.

3) Data de saída da Síria.

4) Data de chegada ao Brasil.

5) Data chegada a Campo Grande.

6) Porque sua família veio morar em Campo Grande?

7) Quantos filhos você tem?

8) Qual a idade deles?

9) Todos estão em Campo Grande?

10) Você considera que seu filho(a) está se adaptando bem em Campo Grande?

11) Seu filho(a) fala português?

12) Como seu filho(a) aprendeu português?

13) Você considera que seu filho(a) está tendo boa integração cultural (gosta da comida, da escola, dos novos amigos, das brincadeiras)?

14) Seu filho(a) vai à escola aqui em Campo Grande?

15) Você considera que sua família está sendo auxiliada por instituições que acolhem refugiados aqui em Campo Grande?

Apêndice B – As propostas de desenhos para as crianças

- Desenhe uma casa.

- Desenhe uma árvore.

- Desenhe uma pessoa.

- Desenhe uma família.

- Desenhe um animal.

Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido

Gostaria de contar com sua colaboração para a realização da pesquisa "A construção da identidade da criança refugiada em Campo Grande – MS: um estudo a partir do desenho infantil", que consiste em compreender a construção da identidade da criança refugiada em Campo Grande MS, para isso serão aplicados desenhos e realizadas entrevistas. Se concordar, seu(a) filho(a) participará de alguns encontros para que sejam aplicados alguns desenhos, também serão realizadas entrevistas.

A criança será solicitada a elaborar desenhos sobre questões de seu cotidiano. As entrevistas realizadas serão gravadas para posteriormente ser transcritas e analisadas. Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistascientíficas e congressos de forma agregada.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação. Os pesquisadores se comprometem a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa. Esteja seguro(a) da completa confidencialidade dos dados.

Para manter o anonimato, não serão incluídos o nome da criança nos desenhos e dos responsáveis na entrevista. A participação é voluntária e a recusa não envolve qualquer penalidade. Você e a criança poderão desistir de participar a qualquer momento.

Havendo alguma questão, sinta-se à vontade para me procurar e/ou o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Comitê de Ética em Pesquisa – UCDB - Missão Salesiana de Mato Grosso – Universidade Católica Dom Bosco, Endereço: Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário, Campo Grande/MS

Telefones: (67) 3312-3723/3312-3615

Jakeline de Souza Costa, Mestranda do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Psicologia - Email: jakelinepsico@gmail.com

Sonia Grubits, Orientadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado em Psicologia - Email: grubits@ucdb.br

Telefones: (67) 3312-3300/3312-3800

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li,

descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos.

Concordo voluntariamente em permitir a participação de meu(a) filho(a) nesta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízo.

Eu li as informações e autorizo meu(a) filho(a) a participar da pesquisa.

Data:_____

Nome da criança: _____

Nome do pai/mãe ou responsável: _____

Endereço:_____

Telefone:_____

Documento:_____

Assinatura do pai/mãe ou responsável: _____

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

Assinatura da pesquisadora: _____

Agradeço sua colaboração. Jakeline de Souza Costa

Apêndice D – Ofício de solicitação de informação sobre crianças refugiadas matriculadas na Rede Estadual de Ensino

29/2/2018/2018
RECEBIDO
Em, 11/04/18
José Antonio Pontes Salles Filho
Protocolo I COAOP/SIAOP/SED

UCDB
Inspira o futuro

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu deMestrado e Doutorado em Psicologia

OFÍCIO UCDB/PPGPNº 01/2018

Campo Grande/MS, 26 de março de 2018.

À SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
Av. do Poeta, s/n - Bloco 5 - Parque dos Poderes, Campo Grande - MS, 79031-902

Assunto: **Solicita informações sobre alunos da rede estadual de ensino**

Prezado Senhor(a),

Vimos por meio do presente ofício solicitar a V. Sa. o encaminhamento das seguintes informações:

1) Número de alunos matriculados no **ensino fundamental**da rede estadual de ensino de **Campo Grande** que tenham **nacionalidade estrangeira** no presente ano; e

2) Qual o quantitativo desses alunos que são considerados **refugiados**, se disponível.

A motivação para tal solicitação é a realização da pesquisa de mestrado intitulada**"A Construção da Identidade da Criança Refugiada em Campo Grande – MS: um Estudo a Partir do Desenho Infantil".**

Solicitamos que seja encaminhada a resposta à UCDB, Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Psicologia - PPGP, Av. Tamandaré, nº 6000, Jd. Seminário, aos cuidados de Luciana Fukuhara Barbosa.

Se for mais conveniente, a resposta poderá ser encaminhada via *e-mail* aos endereços eletrônicos: ppgpsi@ucdb.br, sgrubits@uol.com.br e jakelinepsico@gmail.com.

Por fim, salienta-se que oPPGP está à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Sonia Grubits
UCDB (Orientadora)

Jakeline de Souza Costa
Jakeline de Souza Costa
Mestranda

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Av. Tamandaré, 6000 - Jardim Seminário - CEP: 79117-900 - CAMPO GRANDE - MS - BRASIL
CNPJ/MF: 03.226.149/0015-87 - Fone: 55 67 3312-3605 - Fax: 55 67 3312-3608 - www.ucdb.br

Apêndice E – Ofício de solicitação de informação sobre crianças refugiadas matriculadas na Rede Municipal de Ensino

UCDB
Inspira o futuro

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia

OFÍCIO UCDB/PPGP Nº 02/2018

Campo Grande/MS, 26 de março de 2018.

À SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SEMED
Rua Onicieto Severo Monteiro, 460 - Vila Margarida, Campo Grande - MS, 79023-201

Secretaria Municipal de Educação
Protocolo / SEMED
11 ABR 2018
Às 9 h 10 min.
Ass.: Eva

Assunto: **Solicita informações sobre alunos da rede municipal de ensino**

Prezado Senhor(a),

Vimos por meio do presente ofício solicitar a V. Sa. o encaminhamento das seguintes informações:

1) Número de alunos matriculados na rede municipal de ensino de Campo Grande que tenham **nacionalidade estrangeira** no presente ano; e

2) Qual o quantitativo desses alunos que são considerados **refugiados**, se disponível.

A motivação para tal solicitação é a realização da pesquisa de mestrado **"A Construção da Identidade da Criança Refugiada em Campo Grande – MS: um Estudo a Partir do Desenho Infantil"**.

Solicitamos que seja encaminhada a resposta à UCDB, Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Psicologia - PPGP, Av. Tamandaré, nº 6000, Jd. Seminário, aos cuidados de Luciana Fukuhara Barbosa.

Se for mais conveniente, a resposta poderá ser encaminhada via *e-mail* aos endereços eletrônicos: ppgpsi@ucdb.br, sgrubits@uol.com.br e jakelinepsico@gmail.com.

Por fim, salienta-se que o PPGP está à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Sonia Grubits
UCDB (Orientadora)

Jakeline de Souza Costa
Jakeline de Souza Costa
Mestranda

Apêndice F – Ofício de solicitação de informação sobre a nacionalidade das crianças de 6 a 17 anos matriculadas na Rede Estadual Ensino

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia

---

OFÍCIO UCDB/PPGP Nº 03/2018

Campo Grande/MS, 06 de agosto de 2018.

À SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
Av. do Poeta, s/n - Bloco 5 - Parque dos Poderes, Campo Grande - MS, 79031-902

Assunto: Solicita informações sobre a nacionalidade dos alunos da Rede Estadual de Ensino

Prezado Senhor(a),

Vimos por meio do presente ofício solicitar a V. Sa. o encaminhamento das seguintes informações:

Número de alunos matriculados na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande com idade até 17 anos que tenham NACIONALIDADE SÍRIA.

A motivação para tal solicitação é a realização da pesquisa de mestrado intitulada "A Construção da Identidade da Criança Síria Refugiada em Campo Grande – MS: um Estudo a Partir do Desenho Infantil".

Solicitamos que a resposta seja encaminhada à pesquisadora ou sua orientadora: via *e-mail* aos endereços eletrônicos: pesquisadora - jakelinepsico@gmail.com, orientadora - sgrubits@uol.com.br e por fim, salienta-se que o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia - PPGP está à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Sonia Grubits UCDB	Jakeline de Souza Costa
(Orientadora)	Mestranda

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Av. Tamandaré. 6000 - Jardim Seminário - CEP: 79117-900 - CAMPO GRANDE - MS - BRASIL CNPJ/MF: 03 .226.149/0015-87 - Fone: 55 67 3312-3605 - Fax: 55 67 3312-3608 - www.ucdb.br

PROTOCOLO DE RECEBIMENTO:

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCACAO-MS-SED
SISTEMA DE PROTOCOLO INTEGRADO - SPI
GUIA DE TRAMITACAO ELETRONICA - GTE

DATA: 08/08/20
PAGINA:

REMETENTE...: UCDB-UNIV.CATOLICA DOM BOSCO
MUNICIPIO...: CAMPO GRANDE-MS
ENVIADO.....: AF651880..JOSE ANTONIO P S FILHO

FONE: 0000-00
EM: 08/08/2018 16:
GUIA: 29/261723/20

ASSINATURA: _____

PROTOCOLO	INTERESSADO	ASSUNTO	MOTIVO
29/228525/2018	SONIA GRUBITS	COMUNICACAO "N	ANDAMENTO INIC

DESTINATARIO: SEDSPI-PROTOCOLO GERAL DA SED
MUNICIPIO...: CAMPO GRANDE-MS
RECEBIDO....: _____

FONE: 3318-22
EM: 08/08/18

ASSINATURA: _____

José Antonio Pontes Salles Filho
Protocolo / COAOP/SIAOP/SED

PRIMEIRA

Apêndice G – Ofício de solicitação de informação sobre a nacionalidade das crianças de 6 a 17 anos matriculadas Rede Municipal de Ensino

UCDB
Inspira o futuro

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia

OFÍCIO UCDB/PPGP Nº 04/2018

Campo Grande/MS, 06 de agosto de 2018.

À SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CAMPO GRANDE/MS

Rua Onicieto Severo Monteiro, 460, Vila Margarida, Campo Grande – MS, CEP: 79023-200

Assunto: **Solicita informações sobre a nacionalidade dos alunos da Rede Municipal de Ensino**

Prezado Senhor(a),

Vimos por meio do presente ofício solicitar a V. Sa. o encaminhamento das seguintes informações:

1) **Número de alunos matriculados na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande com idade até 17 anos que tenham NACIONALIDADE SÍRIA.**

A motivação para tal solicitação é a realização da pesquisa de mestrado intitulada "A Construção da Identidade da Criança Síria Refugiada em Campo Grande – MS: um Estudo a Partir do Desenho Infantil".

Solicitamos que a resposta seja encaminhada à pesquisadora ou sua orientadora:

via *e-mail* aos endereços eletrônicos: pesquisadora - jakelinepsico@gmail.com, orientadora - sgrubits@uol.com.br e por fim, salienta-se que o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia - PPGP está à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Sonia Grubits
UCDB (Orientadora)

Jakeline de S. Costa

Jakeline de Souza Costa
Mestranda

Secretaria Municipal de Educação
Protocolo / SEMED
08 AGO 2018
Às 15 h 48 min.
Ass.:

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO - UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Av. Tamandaré. 6000 - Jardim Seminário - CEP: 79117-900 - CAMPO GRANDE - MS - BRASIL
CNPJ/MF: 03 .226.149/0015-87 - Fone: 55 67 3312-3605 - Fax: 55 67 3312-3608 - www.ucdb.br

Apêndice H – Ofício de solicitação de informação à Superintendência Regional no Mato Grosso do Sul da Polícia Federal sobre refugiados sírios residentes em Campo Grande – MS

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MATO GROSSO DO SUL
POLÍCIA FEDERAL
Processo nº 08335008132 2018 47
Data: 08 AGO 2018 Rubrica/Visto/Matrícula:
Samanta Pereira Sobrinho
Estagiária
Matrícula: 1570194

UCDB
Inspira o futuro

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia

OFÍCIO UCDB/PPGP Nº 05/2018

Campo Grande/MS, 08 de agosto de 2018.

À SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MATO GROSSO DO SUL DA POLÍCIA FEDERAL AOS CUIDADOS DELEGACIA DE IMIGRAÇÃO – DELEMIG

ASSUNTO: **SOLICITA INFORMAÇÕES SOBRE REFUGIADOS SÍRIOS**

Prezado Senhor(a),

Vimos por meio do presente ofício solicitar a V. Sa. o encaminhamento das seguintes informações:

1) **O número de refugiados com nacionalidade síria, que consta na base de dados da Polícia Federal, que declararam residir em Campo Grande – MS.**

2) **O número de imigrantes com nacionalidade síria, que consta na base de dados da Polícia Federal, que declararam residir em Campo Grande – MS.**

A motivação para tal solicitação é a realização da pesquisa de mestrado intitulada "A Construção da Identidade da Criança Síria Refugiada em Campo Grande – MS: um Estudo a partir do Desenho Infantil".

Solicitamos que a resposta seja encaminhada à pesquisadora ou sua orientadora: via *e-mail* aos endereços eletrônicos: pesquisadora - jakelinepsico@gmail.com, orientadora - sgrubits@uol.com.br e por fim, salienta-se que o Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia - PPGP está à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Jakeline de Souza Costa

Profª. Drª. Sonia Grubits
UCDB (Orientadora)

Jakeline de Souza Costa
Mestranda

ANEXOS

Anexo 1 - Declaração de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA SÍRIA REFUGIADA EM CAMPO GRANDE ¿ MS: UM ESTUDO A PARTIR DO DESENHO INFANTIL.

Pesquisador: JAKELINE DE SOUZA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80891517.5.0000.5162

Instituição Proponente: MISSAO SALESIANA DE MATO GROSSO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.439.554

Apresentação do Projeto:

Está bem elaborado

Objetivo da Pesquisa:

Busca-se neste trabalho investigar como se dá processo de construção da identidade da criança síria refugiada no país/cidade de refúgio, entender
como ela vai lidar e se instituir nesse novo ambiente com diferente cultura, idioma e contexto escolar.Dessa forma, esse estudo tem como foco a
partir do desenho infantil identificar o que a criança síria representa em termos de sua identidade para a compreensão do processo de sua
constituição, quais elementos ela mostra da sua cultura de origem e da cultura nova que são capazes de fornecer conteúdos de análise.

Objetivo Secundário:

Identificar a percepção da criança refugiada de sua autoimagem; Analisar a compreensão da criança sobre o que é ser refugiado Identificar a integração e a aceitação do país de refúgio; Identificar o processo de adaptação relativos à cultura e ao idioma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

É possível que as crianças não queiram realizar os desenhos ou não entendam o idioma da

Endereço: Av. Tamandaré, 6000
Bairro: Jardim Seminário **CEP:** 79.117-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3312-3723 **E-mail:** cep@ucdb.br

Anexo 2 – Pauta da reunião do CERMA do dia 20 de março de 2018

GOVERNO DO ESTADO
Mato Grosso do Sul

CERMA-MS

Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho.

COMITÊ ESTADUAL PARA REFUGIADOS, MIGRANTES E APÁTRIDAS NO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL.

CONVOCAÇÃO Nº 002/2018 – 2ª REUNIÃO ORDINÁRIA

A Coordenação do **Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado do Mato Grosso do Sul**, convoca todos os membros para a **2ª Reunião Ordinária** a ser realizada no dia **20 de março de 2018 (terça-feira),** às 14h, no auditório da Coordenadoria de Apoio aos Órgãos Colegiados – CAORC, sala 25, Rua Marechal Cândido Mariano Rondon, 713, Centro.

Pauta:

- Posse da representante da Defensoria Pública da União Drª Andressa Santana Arce;
- Leitura e aprovação da Ata da 1ª Reunião Ordinária 2018;
- Leitura e aprovação da Ata da 1ª Reunião Extraordinária 2018;
- Definição do II Colóquio CERMA/MS;

Informes Gerais:

- Participação do CERMA/MS em Ação conjunta com CETRAP/MS em Corumbá;

Inclusão de pauta:

Contamos com a presença de todos os membros, titulares e suplentes.

Atenciosamente,

KÁTIA CURVO

Secretaria Executiva - CERMA/MS

Rua Marechal Rondon, 713 - Centro CEP: 79002-200 – Campo Grande/MS
Coordenadoria de Apoio aos Órgãos Colegiados – CAORC - Sala: 16
Fone: (067) 3382 - 8702 - E-mail: cerma.ms@gmail.com

Anexo 3 - Resposta via e-mail da Secretaria Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – SED ao Ofício nº 1

Prezada,

Estamos encaminhando os dados anexos, em resposta ao ofício UCDB/PPGPNº 01/2018.

Disponibilizamos apenas o número de alunos estrangeiros, pois não possuímos nenhuma informação referente ao número de refugiados.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores.

(Jean Piaget)

Paulo Cezar Rodrigues dos Santos Coordenador de Tecnologia Educacional
SED/SUPED/COTED-MS
E-mail: prsantos@sed.ms.gov.br Telefone: (67) 3318-2352

AnoLetivo	NomeMunicipio	Curso
EFM2018	Campo Grande	EJA Conectando Saberes - Ensino Fundamental (Se
EFM2018	Campo Grande	Ensino Fundamental

Fonte: E-SGDE

Data de Emissão: 18/04/2018 às 08:55

Emitido por: I/COTED/SUPED/SED

Anexo 4 - Resposta via e-mail da Secretaria Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul – SED ao Ofício Nº 3

Bom dia!

Em atendimento ao ofício UCDB/PPGP Nº 03/2018, referente ao número de alunos matriculados na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande, com idade até 17 anos e que tenham nacionalidade síria, informamos que não temos em nossa rede nenhum aluno com tal nacionalidade, entretanto enviamos, anexo a este e-mail, um quantitativo de alunos com idade até 17 anos com suas respectivas nacionalidades.

Em caso de dúvidas, estamos à disposição para esclarecimentos.

Atenciosamente.
Diego Cruz Januário

TI/COTED/SUPED/SED

Prof. Paulo Cezar Rodrigues dos Santos

Coordenador de Tecnologia Educacional COTED/SUPED/SED

	AnoReferencia	NomeMunicipio	País	Total
2	2018	Campo Grande	Argentina	5
3	2018	Campo Grande	Bolívia	15
4	2018	Campo Grande	Brasil	45724
5	2018	Campo Grande	Colômbia	2
6	2018	Campo Grande	Equador	1
7	2018	Campo Grande	Espanha	8
8	2018	Campo Grande	Estados Unidos Da América (Eua)	12
9	2018	Campo Grande	Filipinas	2
10	2018	Campo Grande	Inglaterra	5
11	2018	Campo Grande	Irlanda	1
12	2018	Campo Grande	Itália	3
13	2018	Campo Grande	Japão	83
14	2018	Campo Grande	Nova Zelândia	1
15	2018	Campo Grande	Palestina	1
16	2018	Campo Grande	Paraguai	22
17	2018	Campo Grande	Peru	1
18	2018	Campo Grande	Portugal	31
19	2018	Campo Grande	República Do Haiti	4
20	2018	Campo Grande	Suriname	1
21	2018	Campo Grande	Venezuela	2
22				
23	*Fonte: E-SGDE*			
24	*Data de Emissão: 15/08/2018 às 10:28*			
25	*Emitido por: TI/COTED/SUPED/SED*			
26				

Anexo 5 - Resposta via e-mail da Secretaria Municipal de Educação SEMED ao Ofício Nº 4

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCACAO

OFÍCIO N. 3.777/CONOPE/SEMED

Campo Grande, 16 de agosto de 2018.

Prezada Senhora:

Em resposta ao ofício UCDB/PPGP n. 4/2018, informamos a V.Sª. que, no ano letivo de 2018, o Sistema de Cadastro de Informações Gerenciais da Rede Municipal de Ensino/SIGER possui dois alunos estrangeiros de nacionalidade síria.

Atenciosamente,

Elza Fernandes Ortenado
Secretária Municipal de Educação

À Sra. Sônia Grubits
Professora Orientadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Psicologia da UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
- Campo Grande - MS

ONICIETO SEVERO MONTEIRO, 460 - VILA MARGARIDA - CEP: 79023200 - Fone: (67)3314-3800 - E-mail: secretaria@semed.campogrande.ms.gov.br

ac4bfb47e87074fec451ef01d3b2276ab1a28547